

75690
Serie I

N.º I

Argus

Ideal e verdade

DIRECÇÃO

Director litterario—*Alexandre de Albuquerque (Xandre)*

Director scientifico—*Ferreira Lemos*

Secretario—*J. Marques.*

REDACÇÃO

Antonio Macieira
Barbosa de Magalhães (FILHO)
Patricio Judice
Simões Buião
Verediano Gonçalves



Summario

Morrendo—*Verediano Gonçalves.*

Poesia—*Guedes Teixeira.*

Os Mineiros—*Alexandre de Albuquerque.*

Cinzas (critica)—*Antonio Macieira.*

Socialismo libertario ou anarchismo (critica)

—*Ferreira Lemos.*

Argus

Ideal e verdade

Morrendo...

No quarto, onde Elle agonisava, ardiam nostalgicamente duas vellas que pingavam lagrymas alongadas e lentas, pondo nas coisas uma luz amarellenta e funebre.

No céo erguia-se, victoriosa e esplendida, a Lua branca e fluida sorrindo-se para os ranchos alegres de raparigas que, cantando, iam para o delyrio das festas do S. João.

Estirado na cama, indifferente e resignado como quem tudo teve da Vida e só espera a Morte como um allivio ou uma redempção, com cóvas fundas onde devia ter olhos, segredou-me, a longas pausas, toda a sua historia triste, fazendo resaltar do fundo tragico do quadro dos seus gemidos o seu grande Amor por uma mulher que o não comprehendeu e lhe vertera fel na Alma apaixonada e branca.

Chegavam até nós, perdidas, as canções das raparigas que passavam, acompanhadas por guitarras chorosas, de esfarrapados sons, dolentes como resonancias de órgão...

Triste, como um lamento, ouvia-se o estribilho da trova, prolongado surdamente nas ultimas notas, que

morriam de leve, como orações de marinheiros em noites de temporal:

— «Verde no mar
Anda a roda do vapor...
Inda está para nascer
Quem ha de ser
O meu amôr!»—

* * *

Feriu-o a austera formosura de uma hungara, que zingareava pelos Paizes, como *voltigeuse* de circo.

Quiz amal-a, como se ama uma Santa; pintou-lhe, n'um entusiasmo ardente de iniciado, a ventura extranha das Almas castas que se adoram sem se tocarem, e a hellenica plastica dos corpos que se não pal-pam...

Descreveu-lhe, n'uma bizarra linguagem doentia, o praser incompreendido do Amor sem desejos nem voluptuosidades e a doçura inedita e sem par de um coração que se despedaça e morre, sem o arrepio que produz a saciedade, ao lado de outro coração...

A Mulher, porém, sorriu-se idiotamente chamando-lhe doido e desapareceu, passados dias, nos braços robustos de um clown forte e agil, que se embebedava para a espancar, quando a Multidão a aclamava.

Para esquecer,—pobre Alma ingenua e primitiva!—começou, então, uma vida de dissipações e praseres, tudo desejando e repellindo tudo, arrastando o coração pela lama, enganando-se, como se o Mundo, que é ainda a Vida, nos podésse dar o Maior-Bem...

* * *

Como uma plangencia do Passado, chegava agora ao quarto do doente, onde pairava a Morte, a longinqua toada de uma canção antiga. Fazendo estalar os ossos soergueu-se para ouvir:

—«Tu a amares-me e eu a amar-te,
Não sei qual será mais firme:
Eu como sol a buscar-te!
Tu como sombra a fugir-me!»—

As cóvas dos seus olhos orvalharam-se de ternura, como se aquella voz, tão magoada e tão sentida, o fizesse evocar idas angustias.

Um accesso de tosse, rouca, fez-lhe galgar do peito escangalhado a hemoptyse em golphões escarlates.

Afastava, com as mãos brancas e seccas, os vultos do seu delyrio com uma grande magua a desenharse-lhe nos labios tingidos de sangue.

E como eu o olhasse enternecido e pesaroso, murmurou bruscamente apontando o coração:

—“D’aqui me veio todo o mal; está a cair aos pedaços.”

Quiz, depois, que lhe abrisse a janella.

Rompia a manhan. Triumphal e loiro entrou o Sol alegre de junho.

E o doente, com uma pallida voz que se vae extinguindo, murmurio de quem resa, ainda pôde dizer:

—“Adeus! ó Sol!... ó meu amigo!...”

Lá fóra, na rua, passavam os ultimos ranchos cantando ao desafio, ao som plangente das guitarras;

e aquella musica, melancholica e simples, dissolvida n'um lamento harmonioso, chegava aos meus ouvidos embebida em deliciosas maguas.

Encostei-me á janella. Olhava vagamente a pay-sagem, que se estendia ao longe, sadia e santa, quando me despertou uma voz de mulher que passava cantando melancholicamente:

—«Tu a amares-me e eu a amar-te,
 Não sei qual será mais firme:
 Eu como o Sol a buscar-te!
 Tu como sombra a fugir-me!»—

E aquella voz maguada, soluçando esta cantiga, doía-me como uma saudade; gemia mais triste que a derradeira esperança quando abre as azas e vôa, para nunca mais voltar.

Setembro de xcvi.

VEREDIANO GONÇALVES.

(De um livro imminente)



DE *Fredes Teixeira*

Dorme-me a alma um grande sonho: em roda
 Ha um silencio de coisas que reveste
 Uma infinita magua...

Atiro os olhos para a vida toda;
 Subo-os depois á abobada celeste
 E ficam cheios d'agua!

D'uma grande agonia a alma se ensombra
 E perdido o meu sonho pelo espaço,
 Eu diviso-o por fim...

E procuro affeições e encontro sombra...

Abro os braços e armo-os n'um abraço

E só me aperto a mim.

Escorre longe o luar e a tudó innunda

Levando a toda a flor, toda a semente

A vida nos seus braços...

E em torno a escuridão faz-se mais funda...

— Quem vem lá? quem vem lá? grito tremente...

E escuto os proprios passos!

Que me reduza a cinza a Dôr, n'um instante!

Ai! que por fim esta agonia acabe

Commigo... e já venceu!

Fica p'ra traz o abysmo, e para a frente

— Pois esta noite nem ser negra sabe!—

Ninguém, nem mesmo eu!

Nem mesmo eu! E Ella? Eu não A via!

Tão dentro é em mim, que a esqueci no fundo

De todo o meu soffrer!

Não ha alma p'ra a Alma e luz p'ra o Dia!

Quando cruzei com ella n'este mundo

Vi o meu proprio ser!

Alma p'ra outra alma e p'ra outra esphera,

Mergulha-me Ella toda na distancia

Em que os meus olhos ponho...

Formosissimo corpo onde a chimera

Forja motivos para toda a ancia

E tira a escada ao sonho.

Bondoso coração todo innocencia
Que vem nos olhos seus abrir-se ao meio,
 Como o do Christo, em chamma...
Extranha afirmação da eterna essencia
Por quem esta alma acha razão ao seio,
 E a quem adora e ama.

Amal-a?! Amo-a de certo! A luz da aurora
Nunca ella pode vir escurecer
 Os sonhos que em nós são...
Mas então porque é que esta alma chora?
Porque é que o coração falla em morrer?
 Porque é que morro então?

Pois não são os seus braços de velludo?
Não é Ella bem alta p'ra que a olhando
 Eu tenha a frente erguida?
E grande essa alma para guardar tudo
O que sonho, sonhei, e que sonhando
 Eu fôr gastando á vida?

E quando ainda eu seja receioso
Que ella não traga á minha vida triste
 Todo o meu ideal,
Não me assiste o direito, desgostoso
Do que existe, mudar tudo o que existe
 No que eu queira afinal?!

Ai! se eu não posso dar á creatura
Toda esta luz, Senhor, em que me abrazas
 E em cujo rastro eu sigo,

Porque é que em torno em mim ha desventura?
E porque é que essa Luz traz sempre azas
Se é p'ra ficar commigo?!

Não! Cada olhar é uma palavra intensa!
Cada vontade nossa traz consigo
Uma realisação
E para esta alma Ella é divina e immensa:
Deitei-lhe dentro um coração d'amigo
E ergo-a na minha mão!

Mas eu sinto o meu sangue congelado;
Meus braços fortes ficam-se pendentos
Sem procurar os seus...
Emquanto pelo azul todo estrellado...
Os meus olhos lá vão, como doentes
Que andem a ares nos ceus.

... Não me venham dizer que Ella é formosa!
Conheço quanto as formas são grosseiras...
Gosto das almas só.
Sei dizer quanta lama dá uma rosa;
Passo horas a olhar para as caveiras;
Conheço todo o pó!

A luz que tem o Espaço tem-na a gente!
Mas não é p'ra este lodo; essa luz brilha
Em mundos que eu já vi!...
E levar a nossa alma omnipotente
Ao seio embora santo d'uma filha,
E' aprisional-a aqui!

Mas que estou a escrever? Enlouqueci!

Sinto a febre tomar minha cabeça...

Tento domal-a em vão!

De novo é em frente tudo o que eu soffri...

Mas amo-A! Coração, vamos depressa

Dize se a amo ou não!...

Espero e então o coração, que é sabio,

Diz que eu a amo d'um amor perfeito

Cheio embora de Dor...

Venham astros dormir sobre o meu labio

E que me caia o ceu dentro do peito

Se Ella me tem amor!

Ama-te— diz a folha que, voando,

Recorda a flor em que sorriu á vida

Toda a sua illusão!...

Ama-te— diz o luar maguado e brando

Pondo-a deante de mim toda despida

No seu doce clarão!...

Ama-te— diz-me o sol quando me beija

E me dá da sua alma em cada estrella

Um atomo de luz...

Ama-te— dizem do alto d'uma igreja

Abrindo para mim os braços d'ella

Os braços d'uma cruz!


Ama-te— diz-m'o o mar n'uma ameaça

Imitando me a alma quando chora

Pela noite sem fim...

Ama-te — diz tudo o que soffre e passa.
E diz-m'o cada dia e diz-m'o a aurora
Quando espera por mim!

Ama-te — diz-me a onda que á subida
Da praia, volta atraz e que um instante
Depois a trepa em vão...
— Tu não deixes fugir agora a vida
Olha que é negro tudo p'ra deante...
E... eu não A amo, não!



OS MINEIROS

I

Nas profundas da terra, paredes-meias com o inferno, labuta uma raça de condemnados que eu julgo ser os filhos de Caim, desde seculos expiando o fraticidio primitivo, sempre acorrentados á picareta, a cavar, a fossar...

Desherdados da luz e do calor, malditos eternos que o sol não visita nunca, os mineiros são mais infelizes do que os pobresinhos do Senhor, mendigos pelos portaes, alheios aos desabamentos, ás explosões de grisú, e a quem o sol compadecido adoça as asprezas das invernias; são mais infelizes do que os cegos, porque estes, se lhe não contemplan a luz doirada, ao menos setem-lhe o calor, emquanto que elles, os desgraçados! enterrados vivos, entaipados lá no fundo, só teem o calor dos brazidos, que é bem uma sombra de calor.

Ter olhos e não vêr!... supplicio atroz em que talvez não meditassem ainda os que gosam a vida, eleitos da fortuna.

Ter olhos n'estas condições é como se uma prinzeza tivesse muitos collares de perolas e ricas pedrarias n'um paiz onde fosse prohibido trazel-os, ostental-os.

Mais vale n'estes casos não ter a gente as coisas — não se lembra d'ellas; não nos atormentam, não nos aguilhoam.

Se a gente é cega, se tem os olhos quebrados, estoirados, consola-se, resigna-se com a propria impotencia; mas saber que basta subir, aflorar á terra para ver a luz, o matiz das campinas, as paysagens, tudo o que se admirou em creança... (que alguns ha, nascidos lá em baixo, que nem isso viram; para esses as coisas vulgares da vida, coadas pela imaginação escandecida, espicaçada, tomam as proporções phantasticas do Desconhecido.)

Saber tudo isto, e não poderem largar a treva, sempre acorrentados á picareta, a cavar, a fossar!...

II

Terça feira, dizem, é dia aziago, mas nas profundas da terra, paredes-meias com o inferno, todos os dias são aziagos, dias negros d'um moirejar constante, fatal, dos que vivem sob a ameaça hostile da fome, imminente e tragica.

Desde seculos, grilhetas do trabalho, os mineiros foram batendo-se em guerra aberta, hombro a hombro, peito a peito com as incruzas da vida, sempre resi-

gnados e humildes, té que um dia revoltaram-se, não na consciencia do seu direito, mas instigados pela necessidade, esporeados pela miseria.

Sacudidos do frio, esganados da fome, esses homens meigos e soffredores, de espirito simples como creanças, mas fortes como Hercules, atiraram para longe n'um arremeço, n'um libramento, a picareta, e começaram a subir n'uma ancia de luz, n'um desespero de pão.

Os seus clamores dolorosos de partir o coração, de fazer estalar bronzes que fossem, subiram primeiro á flor da terra. Era um côro sinistro de soluços e grandes gritos, de pragas cuspidas com violencia, com delirio, que dir-se-ia a terra uma jaula de feras uivando enraivadas, como um lobo que, em noites de invernia brava, farejasse apenas rebanhos já recolhidos, a salvo.

Esse rumor, a principio indistincto, de muitas vozes ao longe, começou a avivar-se, a tornar-se nítido. Os mineiros iam invadir a terra como uma legião de demonios a invadir o ceu.

Da grande bocca da mina, escancarada, hiante, começaram a sahir magotes d'homens immundos, mas esbeltos como Apollos, sãos, musculatura forte de causar inveja, capazes de regenerarem ainda, por um enxerto, a burguezia depauperada e anemica.

Davam todos um suspiro d'allivio ao pôr o pé em cima, na borda da mina, como se aquelle dia fosse o ultimo de martyrio e nunca mais voltassem a estar acorrentados á picareta, a cavar, a fossar!...

III

Amargo é o pão amassado em suor, mas mais doce do que a ambrosia p'ra aquelles que teem fome.

E era por esse pão duro, com travo de fel, de miseria, que os mineiros, agora sem trabalho, almejavam. Queriam resistir, não ceder emquanto não os atendessem, pois que era justo o que elles queriam—menos trabalho e um naco maior de pão—mas a fome que desde o principio os apoquentára, tornara-se mais importuna; apertava, feroz, implacavel; dava-lhes guinadas, arranhava-lhes dentro, como se elles tivessem no estomago um tigre a esgatanhar com furia, com desespero, e por fim dera em segredar-lhe infamias:

—Rendei-vos estupidos, p'ra que haveis de ter orgulho? quem tem barriga não póde ter dignidade, é um luxo muito caro; deixai-vos d'isso senão mirraes p'ra'hi como cães lazarentos, ossudos.

Mas elles, animados pelas mulheres, resistiam com denodo, não dando ouvidos, votados ao sacrificio, resolvidos a aguentar a pé firme.

O peor eram as creanças que não comprehendiam que prolongar o soffrimento era uma questão de vida, de liberdade.

Por fim a morte d'alguns companheiros, silenciosa, mas nem por isso de menor agonia, de mistura com o choro aberto das creanças, abatera-os, quebrara-os em absoluto, derruira-lhes a ultima esperança.

Fôra inutil a resistencia; o proprietario que, eu julgo, tinha cabellos no coração, deixou obrar a fome, fechando os olhos cruelmente, friamente, á miseria d'aquelles que o enriqueciam.

E um dia mais aziago que todos os outros, uma terça feira por certo, os mineiros envergonhados de si proprios, olhos baixos, aguados, desceram á mina, para ficarem, té ao dia da redempção, que eu desejo seja amanhã, outra vez acorrentados á picareta sempre a cavar, a fossar...

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE.



CINZAS

I

GONÇALVES CEREJEIRA

D'esse sete-estrello de rapazes que por 'hi perdem a mocidade, afora o Fausto que, caminho da consagração accentua os seus talentos extraordinariamente, Gonçalves Cerejeira merece-me particular attenção, tanto mais que, de reconhecido merito entre amigos, não conseguiu o que as suas faculdades poderiam e deveriam dar. Ou seja porque a preocupação d'um livro grande lhe perturbasse os sentidos na illusão de obra que nunca menos de uma hora levasse a ler, ou seja p'la necessidade do seu espirito, p'ra mim injustificavel, de reunir n'este volume todas as composições que a mocidade lhe suggeriu, o que é certo é que a critica, bisturi cortante, na dissecação da sua obra, salvaria sómente um pequeno numero de poesias, quando é certo tambem que, se só ellas a formassem, apenas se atreveria a materialmente inculcal-a de pequena tanto quanto intrinsicamente a acharia boa.

O poeta percebeu-o ao que parece:

E anjos são
Dos verdes annos d'um peito bizarro
Estes versos que sahem do coração
Como o opio que se exhala d'um cigarro! . . .

Assim é que, falhos de forma, como moldura reles que irrisoriamente abraçasse uma tella de valor, versos ha que desdobram uma concepção grande; outras vezes só verso e verso a cobrir paginas sem que surja um lampejo aproveitavel de ideia; e outras nem concepção nem forma.

Não que eu obedeça á forma, cadêa que aperta as manifestações do espirito, não que eu preze a forma porque, embora altivamente como dragão enorme impeça a sahida de uma ideia que prese e sustente, não que eu escarneça a fórmula despresando-a; mas tão sómente porque no decurso do livro o poeta ora a despresada, ora mostra desejo de a abraçar, dando-nos a intender pela maioria do segundo caso que lhe preoccupa o ver-se obrigado a seguir o primeiro e por que o prefacio, embora não seja senão um amontoado de palavras que reduzem as suas ideias, está eivado de desejos de originalidade no escrever.

No emtanto poesias ha no decurso do livro, como os *Pinhaes* que não desdoiram o sentir que do poeta fazem os seus amigos. Pena é que como Apelles não quizesse dizer: Pinto de vagar porque para a eternidade é que estou pintando.

II

QUEIROZ RIBEIRO

Uma quinzena depois de sahir a lume o livro de Cerejeira, appareceu um outro com o mesmo titulo, caso que levantou celeuma, filha de prejuizo de vaidades, do seu auctor o sr. Queiroz Ribeiro, que, n'uma carta de *reclame* ganancioso, avoca a paternidade do titulo e, n'uma situação biliosa, não se acha disposto a baptisar livros d'outrem.

Não querendo advogar a causa do Cerejeira estou comtudo no meu direito, como simples a proposito, de apreciar o caso.

Acho indecoroso que do Olympo da consagração se desça a tratar um facto indiscutivel qual o da paternidade do titulo, quando o livro de Cerejeira appareceu muito antes do do sr. Queiroz a lume vir.

A carta do sr. Queiroz, a ser publicada, só deveria sel-o immediatamente ao apparecimento das *Cinzas* do Cerejeira. Porque o não fez?

Não tendo o espaço necessario para tratar da obra do sr. Queiroz, não fugirei comtudo a dizer que é banalissima; nada que nos suggestione, nada que nos emocione, fechamol-a, depois de a lermos (esticando a paciencia) sob a mesma impressão com que a abrimos.

Querendo fazer um poema, não teve o senso artistico de ligar os episodios; assim, da — *Canção do berço* —, passa repentinamente para a poesia — *Louca?*.

A dôr que o morde é grande, no emtanto não ha n'ella, nem em todo o livro, um grito de revolta, um verso feito sob o peso da tortura, do soffrimento.

Rebuscando todas as escolas cahe no ridiculo da imitação, rasteirinho como o vidro com prosapias a brilhante; e é tanto mais ridiculo, quanto reparamos no verso — *coração é a minha escola* — que o poeta nos dá como principio á analyse do seu trabalho.

Falho de forma, de concepção mediocre, não vi-vido, sr. Dr. Queiroz, não merecia o livro a discussão d'um titulo! De mais, se *Cinzas* se coaduna com o todo, — *Pó* — seria mais synthetico.

ANTONIO MACIEIRA.



“SOCIALISMO LIBERTARIO OU ANARCHISMO,”

E' este o titulo d'um livro recentemente publicado.

Quasi com escrupulo vamos tocar na obra do sr. Mendes. Motivos de ordem particular ponderaram no nosso espirito, a principio, para que nos abstivessemos de apreciar as doutrinas *expostas* pelo illustre publicista.

Pertence porém o livro exclusivamente ao sr. Mendes?

O nome do auctor influe na apreciação imparcial que deve fazer-se ao livro? Não.

Além d'isso esse corpo de doutrinas resumidas pelo auctor, não é a luva lançada a todos os defensores da sociedade estabelecida, a toda a sociedade actual? Deve ficar sem resposta? Não.

Se bem que affinidades estreitas nos liguem á concepção philosophica-anarchista, levantamo-nos, insurgimo-nos, porém, porque o sr. Mendes mentiu ao ideal anarchista, porque o não defende — *expõe*; mentiu ás ideias conservadoras porque o seu livro hade influir

nos espiritos fracos e suggestionaveis, formando Ravachoes, Caserios e outros que hão de citar o sr. Mendes, a dentro da sua ceita, como o sr. Mendes chama a si—receioso de se hobrear só com os revoltados do Pão—Spencer, Greef, Reclus, Ibsem, etc.

Porque não defende abertamente o auctor o anarchismo, se é anarchista como confesssa no *Porvir*, de Villa Nova de Famalicão? Porque não se põe ao lado da cohorte de conservadores e não vergasta a pequena ala dos anarchistas?

Ao primeiro ponto responder-nos-ha o sr. Silva Mendes que a lei de 13 de fevereiro de 96, lhe metteu um pouquinho de medo; ao segundo diz-nos no prologo do seu livro, que mais vale ficar atraz da tela, puxando os cordelinhos e fazendo passar deante da nossa vista os diversos personagens carregados das suas bagagens scientificas.

“Na elaboração d’este livro procuramos systhematicamente não emittir a nossa opinião.”

Repugnam-nos os espiritos fracos. A sciencia não admitte penumbras.

E se o livro do sr. Mendes não é uma obra de propaganda, escripto á ligeira, appellando para o sentimento e incitando á revolta, mas um corpo de doutrinas que pretende synthetisar a theoria philosophica, fallando á razão, porque, perguntamos, o sr. Mendes não se abalançou a inscrever-se no livro d’ouro dos martyres da sciencia se acaso a lei draconiana de fevereiro o quizesse sacrificar? porque, no fundo, o auctor do livro é eminentemente conservador, metaphysico à outrance, como esperamos provar em breve.

FERREIRA LEMOS.

ALPHA

Handwritten vertical text, possibly a date or reference number.

Handwritten vertical text, possibly a list or index.

ARGUS

Revista bi-mensal

Assignatura: — Trimestre — 200 réis, pagos adiantadamente.

Correio: — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao *Secretario* — Travessa da Rua do Norte, 19, Coimbra.

NOTAS

— Alexandre de Albuquerque occupar-se-ha largamente, no proximo numero da ARGUS, do estranho poema de Guedes Teixeira, *Mocidade Perdida*.

— Está no prélo um livro de contos de Henrique de Vasconcellos, — o extravagante poeta da *Harpa de Vanadio*, — sob o titulo — *Mentira Vital*.

— O Dr. Silva Mendes vem de publicar um livro que devéras está interessando aos que pensam e aos que creem — *O Socialismo libertario ou o Anarchismo*, (historia e doutrina).

Sobre este livro publicaremos em artigos successivos uma conscienciosa apreciação de Ferreira Lemos.

— Livros apparecidos:

Mocidade Perdida, (verso), de Guedes Teixeira; *Cinzas*, (verso), de Gonçalves Cerejeira; *Bello*, (verso), de Teixeira de Pascoaes; *Phantasias Verdes*, (prosa) de A. E. Simões Baião.

— Livros a apparecer em breve:

Campezinhas, (prosa), de Julio de Lemos; *Extase*, (verso), de Teixeira de Pascoaes; *Yaras*, (prosa), de Verediano Gonçalves.

A pagina 14, o periodo — Não que eu, etc. — sahiu completamente estropiado, por descuido de revisão.

Ex.^{mo} Sr. edgencia da "Zanetina"

R. do Monte Alente - 13 Lisboa

Argus

Ideal e Verdade

OS DOIS CEGUINHOS

A TRINDADE COELHO

Cega. Ceguinha de todo, olhos sumidos, chupados, como se em creança as bruxas dessem n'elles. As palpebras cerradas, cahidas em pregas, lembravam as cortinas d'um leito de noivado;—dir-se-hia que as meninas dos olhos dormiam lá dentro, sonhando com os seus amores.

Nubil, na idade dos castellos d'oiro, porque não era amada sentia mais a sua desgraça, ralada d'uma tristeza intima, toda do coração. Por ultimo, á força de se julgar esquecida, indifferente, chegara a uma phase de perturbação continua, ora cheia de langores, ora sangue esbrazeante, escachoando-lhe indomito, aos impetos. Toda a voz mascula, clara, vibrante, com timbre de mocidade, causava-lhe tremuras, sempre na ancia de ser amada, mas como era cega, quasi nem reparavam n'ella—só por etiqueta, que de resto, as homenagens sinceras, brotando sem hesitações, afluindo espontaneas, eram todas para as irmãs.

Então, ao sentir-se abandonada, interrogava-se tristemente de que lhe valia ser princeza, e o rosto reflectia toda a sua magua; enchia-se d'uma dôr tão grande, tão afflictiva que, quem a contemplasse, sentia apertar-se-lhe o coração e desviava logo os olhos n'um desejo de ser cego também, só para não conhecer tanta dôr.

N'esses momentos cercavam-n'a solícitos, com palavras compassivas, mas julgando consolal-a, iam feril-a em cheio, que o seu coração orgulhoso de princeza, nascido para amar, não implorava piedade, queria amor. A's vezes, porem, resignava-se com a sua desventura; o rosto acalmava-se-lhe e tomava o ar sereno, o recolhimento mystico d'uma monja que morresse em graça.

Um dia sentiu cantar um beijo n'um corredor e parou a escutar. Um pagem dizia palavras quentes, nunca sonhadas, a uma das suas aias.

N'esse dia teve febre, e á noite, sonhou que um pagem a abraçava, que lhe beijava a bocca, que a percorria toda; n'esse momento (sempre recordado) foi feliz, mas quando despertou, conhecendo que estava só, sentiu mais dô que nunca toda a sua desgraça, e chorou... chorou...

D'outra vez ouviu dizer que dois amantes pobres, esquecidos a amarem-se, tinham morrido de fome, poeticamente, dentro d'uma cabaninha á beira d'um regato.

Invejou os dois amantes e disse para si que mais valia ser pobre, nascer n'umas palhas e morrer coberta de beijos, extenuada de caricias, do que ser princeza e morrer também á fome, mas á fome de beijos.

Uma tarde scismava Ella reclinada no seu varandim de rendilhados irregulares, tão violentos que magoavam todo o olhar que ali pousasse — esculptura rara onde avultava viva e palpitante a febre do genio, espirrado desesperadamente, na ancia da gloria, pelo gume d'um cinzel.

Scismava — scismava nos tempos em que tivera olhos lindos, lindos de causar inveja. O extasi era profundo. Accordou-a o som mysterioso de uma guitarra encantada. Dizem que, para escutal-a, até os rios paravam e as pedras corriam. Acompanhava a guitarra uma aria dolorida n'uma voz tão triste que a princeza imaginou ser aquella voz o echo da sua voz, ser aquella aria a sombra da sua alma.

A voz calou-se, e Ella sentiu, com magua, apagar-se lentamente, perdido ao longe, o ultimo retalho d'essa aria sentida, dolorosa, como o choro d'uma donzella que assistisse ao noivo agonisante.

Subito, a mesma voz ouviu-se, mas agora vinha rasteirinha, humilde, voz de supplica:

—“Uma esmola, por piedade ao misero ceguinho.”

Alvorçou-se a princeza, ao conhecer que havia uma dôr igual a sua dôr, e ordenou logo, imperiosa e anciada, que lhe trouxessem o cego da guitarra. Correram pagens a buscal-o.

Era formoso de estontecer, esbelto e loiro, mas todo esfarrapado, de carnes á mostra e pés descalços, ensanguentados, feridos no cascalho hostile dos caminhos.

Quando entrou no palacio e roçou os pés pelos tapetes, quiz fugir, como se tivesse o sentimento de que era um sacrilegio ir emboitar com os seus pés

sujos, aquelle luxo que elle não via, mas que advinhava nos seus requintes orientaes, onde se espelhava flagrante todos os caprichos, todas as futilidades encantadoras da alma feminina.

Disseram-lhe, porém, palavras doces, carinhosas, nunca antes escutadas, nem presentidas mesmo, e elle acostumado a ser repellido, escorraçado impiedosamente, reanimou-se, ficou todo orgulhoso. Quando o mandaram cantar, deu á voz mais riqueza de expressão; parecia que na sua alma de artista ignorado, mas sublime, divino, se reflectia a riqueza de aquelles salões doirados.

A princeza commoveu-se a ponto de soluçar com felicidade; o sangue começou de escaldar-lhe; acolheu-se ao coração com violencia, e quando o artista vibrou a ultima nota, onde puzera todo o seu sentir, ella, estontecida, excitada, lançou-se-lhe ao pescoço, n'uma arremetida brutal d'animal bravio, beijando-o doidamente, allucinadamente.

Foi uma loucura, uma orgia de beijos, mas, não sei porque singular coincidência, beijaram-se ambos nos olhos, e os olhos, sumidos, chupados, como se em creança as bruxas dessem n'elles, começaram, ao contacto dos labios ardentes, a crescer... a crescer... té que subito—rebutaram; e os dois amantes puderam ver-se, contemplar-se com amor. E não houve já-mais olhos tão lindos, lindos de causar inveja...

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

(*Dos Allucinados*).



A orphãsinha

Via-a sempre no côro tão pallida e franzina,
a orphãsinha triste de quem me enamorei,
a cantar a ladainha co' uma voz tão fina
que não sei se era do ceu a sua voz, não sei...

Pelo corpo marmoreo, elegante como um lyrio,
cahia em pregas longas o seu vestido preto,
e tinha no seu rosto um quê vago de martyrio,
e viviam-lhe nos olhos abelhas do Hymetto.

Ao yer-lhe a mão patricia á pallida luz da cêra,
pareceu-me que cheirava uma camelia albente;
e estava ella pr'a virar a pagina que lêra
com a piedosa Uneção d'aquella alma de crente,

Quando eu, hallucinado, julgava vêr descer
as petalas da flôr, por entre nuvens d'incenso,
como uma alma d'arminho que, ao despedir-se, quer
dizer adeus ao Mundo, e agita um branco lenço.

Depois a orphãsinha apontou-me co'um olhar
o Sonho extravagante de quem eu era a presa,
e disse:—que deixasse a minh'alma de sonhar,
que não a amasse a ella, que não podia amar...
E voltou ao Ceu de novo seus olhos de Princeza.

O SENHOR VIGARIO

... E quando o Vigario já provector, se virava para a multidão, que ajoelhada respeitosa orava profundamente, iam-se-lhe os olhos n'ella — o seu rebanho — e as cabeças loiras das creanças a surgirem qui e ali, lembravam-lhe resteas de sol que subtilmente se fossem coando atravez densa folhagem.

Orate fratres.

E todos se embebiam na oração!

Os seus olhos transparentes a deixar ler no coração o que lá lhe ia dentro, arrasavam-se por vezes de lagrimas, que lhe deslisavam pela face e iam cahir, perladadas e scintillantes, sobre as folhas avelhentadas do seu Breviario annoso. Depois os seus olhos levantavam-se e fitavam vagamente o horisonte:

— “Que direito teria aquella imagem macillenta de mulher a vir perturbal-o na sua oração?,”

Nas missas cantadas quando compassadamente ia thuribulando, e uma nuvem d'incenso branco e aromatico subia té á cupula da velha egreja, o seu rosto enchia-se de Meditação:

“Não teriam os seus olhos sido tambem aureos thuribulos d'onde se exhalara, alvo e puro, um sacratissimo incenso a que o Mundo chamava— Amor?,”

E pungia-o a Saudade!

“Não teria sido o seu coração uma naveta coralina d'onde viera o incenso que subio, subio até Sanctas que adorou?,”

E pungia-o a Saudade!

Mulheres havia que por elle se tinham apaixonado e quando o viam no altar, vestida aquella casula

dourada que o cercava d'um nimbo do Céu, a corôa a apparecer no meio do cabello preto, parecia-lhes de longe uma hostia mais branca que aquella que ia partindo com as suas mãos de marfim, patricias e afiladas. Dizia-se até que a senhora Viscondessa quando nova, tendo vindo ha pouco ainda, do convento, lhe dera uma *coisa*, ao ver o Senhor Vigario attentar na opulencia de formas d'uma moçoila que vendia saude, uma S. Joanneira talvez! Depois, contavam-n'o as creadas, por noite alta levantava-se a gritar, jaspeada a tez e profundas as olheiras!

No adro do presbyterio quando o *Angelus* se repercutia pelas quebradas das cordilheiras, viam-n'o debaixo d'uma accacia secular, onde lhe vinham beijar as mãos pergaminhadas toda a garotagem da aldeia, desbarretada e respeitosa: "Boa noite, Senhor Vigario,," E a sua bengala, uma velha bengala de canna da India com um castão de marfim, enquanto o Crepusculo não desaparecia de todo, riscava no solo nomes indecifráveis, hieroglyphos engenhosos...

Foi n'um dia d'outomno, em que parecia tudo uma ironia picante para os habitantes da meiga aldeia que Eu o vi estendido n'um caixão, as mãos cruzadas sobre o peito, a ver talvez se o coração inda pulsava como d'antes!

Não tinha então ingenuidades e timidez de primeira commungante a paysagem, e lembrava uma velha cachetica cujos ossos salientes ressaltam logo á vista. Sem o colorido que Rubens e a eschola flamenga lhe davam, recordava uma paysagem de "*primitivo*," repassada de mysticismo onde só a ideia domina e a forma falha.

Os tons pardos e escuros a predominarem, mas sem grande intensidade; os ramos mais delgados das arvores a estenderem-se, são garras aduncas de rapi-nante a dilacerar o seio do Azul; os ramos mais grossos, braços de titans a blasphemar contra a or-dem natural das coisas.

Os cyprestes esguios a apparecerem aqui e além semelham longos pontos d'exclamação a fazerem es-tarrecer o viandante, e as folhas a fugirem, douradas pelo sol—amarellas borboletas que vão, ainda anima-das d'um sopro de vida, tombar inertes e inanimés sobre a lama dos caminhos.

A escaldar a vista ha um excesso de luz. O sol despede fina pualha d'oiro, que mais faz contrastar a côr indecisa da paysagem que se disfructava do alto do presbyterio.

Pois foi n'um dia assim, em que parecia tudo uma ironia picante para os habitantes da meiga aldeia, que Eu o vi, estendido n'um caixão.

Cerrada emfim a tampa do ataúde, levaram-n'o para o cemiterio, cujas paredes brilhavam na collina fronteira, a reflectirem os raios do Sol...

Em torcicollos impetuosos, em ululações selva-gens a torrente contorcía-se em baixo contra os car-comidos pilares da ponte adusta; ella que tanta vez o vira passar a cavallo na egua, que sempre relincha-va a dar signal de si, alegre e satisfeita, não se podia conformar agora com o ver, levado por quatro homens, passar pallido e frio.

Quem a olhasse com olhos de profano diria talvez que via a espelhar-se n'ella as opas encarnadas dos Irmãos, as luzes flammejantes dos tocheiros. Mas não;

a torrente encolerizada, por levarem assim aquelle que vinha pelas tardes mansas contar-lhe confidencias, enrubescia-se e inflammava-se.

De ordinario sorria em casquinadas galantes a polir a superficie das rochas que torneava febrilmente; agora, porém, ululava e debatia-se em impotencias de Revoltada.

Não podia comprehender; levarem-lhe assim o seu velho amigo, o Senhor Vigario!

Houve depois quem dissesse que tudo o que ella me tinha contado fôra mentira; e que se o seu volume augmentara, foram os choros das raparigas da aldeia que pranteavam a morte do Protector, d'aquelle que as havia de casar.

Não n'ò sei; o certo é que, mãos callosas, desapiedadamente arrojaram para cima das taboas que o occultavam, tanta terra, tanta... que o pobre do velhinho ali, não se poderá decerto mexer e ficará eternamente na mesma posição, as mãos cruzadas sobre o peito, a ver talvez se o coração inda pulsa como d'antes!



Uma donzella mora (diz o povoado
Viver de bruxaria e ser de raça nobre)
Á beira d'uma estrada, n'uma casa pobre
Aonde a fome e o frio andam de braço dado.

O rosto seu já gasto, doente e amarellado,
Recorda-me uma igreja ao vel-o, se o descobre,
Aonde o festival outr'ora foi cantado
E hoje nem se quer o campanario dobre.

Ó quanta semilhaça entre minh'Alma e Ella!
Tão novo e gasto já, eu sou como uma estrella
A quem a luz roubassem logo ao nascimento!

Os risos que me cobrem são de sepulturas...
E a casa da paixão onde me avivento
Dá fome de alegrias, frio de amarguras.

ANTONIO MACIEIRA.

Coimbra, XCVI.



“A dôr humana,,

DE SAMUEL MAIA.

Destacando-se da vulgaridade, sobresahindo das dissertações d'essas duzias de *doutores* com que, todos os annos, as tres escolas de medicina do paiz nos presenteam, appareceu-nos este anno *A dôr humana*, fructo d'um dos talentos mais promettedores da nova geração.

Samuel Maia, já conhecido no mundo das letras, apresentou-nos um trabalho, que, só por si, bastaria para o considerarmos um prosador d'*élite*, afóra os meritos scientificos do livro, objecto propriamente d'este artigo.

Na escolha do assumpto para o seu trabalho, mostra-nos já Samuel, o seu espirito brilhante e um tanto *distingué*—fôra do commum.

Samuel Maia, um revoltado, um altruista, não nos quiz fallar d'uma dôr qualquer, d'uma dôr n'um braço ou n'uma perna, coisa pequena para elle; vae mais alto—olha a grande *dôr humana* e disserta então sobre os meios, não d'extinguil-a d'um modo radical, o que seria impossivel, mas, pelo menos, de a diminuir grandemente.

Problema elevado! Ideal nobilissimo!

Samuel occupa-se no seu livro da metaphysica da dôr, da physiologia da dôr e da sociologia da dôr.

Sobre a segunda parte do seu trabalho nada diremos, porque, quanto ao assumpto ahi versado, os nossos conhecimentos nenhuns são.

E nenhuma extranhesea deve causar, portanto, o vir eu, um estudante de direito, fallar, com pretensões de dizer alguma coisa, d'uma dissertação de medicina.

É que Samuel não se occupa só da *dôr physica*, mas tambem da *dôr moral*; não tracta da *dôr* em concreto, mas em abstracto,—estuda a *dôr humana, social*.

Procura provar que ella se pode diminuir em grande parte, por uma remodelação da sociedade actual—estabelecendo-se o regimen socialista-collectivista.

Na metaphysica da *dôr*, Samuel Maia, depois de vêr qual a concepção da *dôr* nos tempos primitivos em que o homem era quasi só governado pelo instincto, passa “revista ás religiões que mais imperaram na humanidade, nas quaes a *dôr* se prende com a vontade divina, e á doutrina das escolas metaphysicas não subordinadas a um culto ou ritual religioso, como a dos stoicos e a dos pessimistas.”

Com uma linguagem bella, artistica, quanto se póde ser n’um livro de sciencia, Samuel Maia apresenta-nos todas as concepções da *dôr* nas diversas religiões: egypcia, phenicia, brahmanica, pagã, christã, mahometana.

Exposição lucida, clara, sem prolixidades.

Sentimos só que a religião christã, como aquella que mais beneficios prestou á humanidade, como aquella que mais importancia tem actualmente, como aquella que é mais racional, se racional póde ser qualquer religião, lhe não merecesse mais algum cuidado.

E tambem seria bom que nos mostrasse não só a doutrina christã—a que Christo prégou, mas ainda, a doutrina prégada pelos sacerdotes das seitas em que se dividiu o christianismo.

Sabe-se que essas seitas variaram muito; sabe-se que os sacerdotes d’ellas em pouco ou nada seguem

a doutrina do grande Mestre. Quanto á *dôr* essas seitas variam? Que dizem ellas? Eis tambem o que Samuel Maia nos podia dizer.

É verdade que elle nos diz no prologo que a exposição das doutrinas que faz na primeira parte apenas tem valor historico e mais o prendeu "pelo interesse e belleza do assumpto do que pelas vantagens que o seu estudo pôde trazer ao da *dôr* em face da sciencia moderna.."

Plenamente d'accordo, mas com os desenvolvimentos que apontámos essa exposição ficaria mais completa, valiosa.

Sobre as doutrinas metaphysicas de Schopenhauer e Hartmann tambem Samuel Maia é muito parco.

E essas doutrinas pessimistas, produziram, como elle mesmo diz, muita influencia e principalmente na litteratura.

Nascidas da reacção contra o idealismo optimista allemão, invadiram, mais ou menos os melhores espiritos d'essa epoca, Benjamin Constant, Chateaubriand, Heine, Musset, ainda que não penetrassem felizmente nas classes populares.

Samuel cita dois poetas portuguezes que as seguiram: Anthero e Junqueiro. Modernamente são pessimistas quasi todos os nossos litteratos. (1)

Mas Samuel ainda commetteu peccado maior, não mencionando, sequer, o celebre philosopho russo Leon Tostoï, esse pessimista que tem na propria sala o retrato de Schopenhauer. As suas doutrinas espalhadas

(1) Eugenio de Castro, Raul Brandão, Antonio Nobre, Guedes Teixeira, Julio Dantas, etc.

por toda a parte, são bastante curiosas para não serem esquecidas.

“Para o homem que faz consistir a vida na submissão da individualidade á lei da razão, a dôr não só deixa de ser um mal, mas é uma condição indispensavel, tanto da sua vida animal, como da sua vida racional. Se a dôr não existisse, a individualidade animal não perceberia as transgressões da sua lei; se a consciencia não experimentasse o soffrimento, o homem jámais conheceria a verdade e ignoraria a lei do seu ser.

Todo o mundo dos homens e dos animaes soffre e não cessa de soffrer; as feridas, as mutilações, a fome, o frio, as doenças, os accidentes de toda a especie e principalmente o parto, sem o qual nenhum de nós entrou no mundo, são as condições necessarias da existencia.” (2)

Leon Tolstoï analisa todos os requisitos que geralmente se nomeiam como necessarios para a felicidade, e vê que elles se encontram poucas vezes, quando nenhuma, nos individuos dietos felizes e tidos e havidos como taes.

A sua celebre *Sonnata de Kreutzer* termina pelo versiculo de S. Matheus: “Todo o homem que olha a mulher com voluptuosidade commette adulterio,” e pelo commentario seguinte: “E estas palavras referem-se á mulher, á irmã, e não unicamente á mulher do proximo; mas principalmente á sua propria mulher.”

Quer, como Schopenhauer, a abstinencia da carne, meio seguro d’acabar com o mundo, com a dôr.

(2) Jayme de Magalhães Lima, As doutrinas do Conde Leon Tolstoï, pag. 15 e 16.—Leon Tolstoï, «La vie».


Surprehende-nos, pois, não o vemos, ao menos, citado na *Dor humana*.

Samuel Maia devia, portanto, explanar mais estas doutrinas, embora com razão as não combatesse porque já ha muito que a metaphysica foi desterrada, dando o seu logar á sciencia.

Será ainda preciso refutar a therapeutica espiri-
tual das religiões? Decerto que não. Basta, como Sa-
muel, ficar na crença "*de que mais dores acalmou Pas-
teur só, do que todos os frades que roçaram os habitos pe-
las paredes frias dos claustros.*"

(Continúa).

BARBOSA DE MAGALHÃES, FILHO.



Questões sociaes

I

Com razão Edmond Villey, respondendo a J. Le-
maître, que affirmava que positivistas e atheus podiam
de mãos dadas trabalhar para o bem-estar e harmonia
social, diz: que se uns e outros podem melhorar as
condições materiaes dos povos, não podem, no entanto,
alcançar identico resultado sob o ponto de vista moral,
sem duvida, o ponto capital.

A dedicação, o espirito de abnegação e de sacri-
ficio, as altas virtudes moraes, factores innegaveis
dos progressos, que o socialismo é chamado a fazer
entrar em um cyclo novo, tal é, no dizer d'um dos
redactores de *La Revue Socialiste*, a grande lacuna do
socialismo marxista contemporaneo.

E na verdade as forças moraes e mais ainda as sentimentaes são, indubitavelmente, as que maior poder teem para apaixonar a massa do povo, são as mais irresistiveis das forças revolucionarias.

Se a vida de um povo e todas as manifestações da sua civilisação são o reflexo da sua alma, e se a aquisição d'uma alma collectiva, solidamente constituida, marca para elle o apogeu da sua grandeza, é facil de vêr qual o papel que as ideias podem desempenhar como um dos factores principaes da evolução d'uma civilisação, quando descidas das regiões moveis do pensamento para a estavel e quasi sempre inconsciente dos sentimentos.

E, necessariamente, quem estudar o socialismo de baixo de todos os seus aspectos, em todos os seus elementos de formação, e com todas as suas manifestações possiveis, encontrará n'elle objectivos não só economicos, mas tambem philosophicos (moraes) e politicos.

Não nos é difficil descortinar, n'esta phase de desorientação das consciencias, de desordem e de transição, que vamos atravessando, o estado deveras chaotico da moral cantemporanea.

Entre outros Villey, que pensa que sem religião não pode haver uma base solida para uma moral social, acha inexplicavel a contradição d'aquelles que pretendem fundar a ordem social sobre o altruismo e ao mesmo tempo prescrever a religião que só o poderia inspirar.

Diz Gustave Le Bon, e com bastante razão, que as crenças religiosas teem constituido sempre o elemento mais importante da vida dos povos e por consequencia da sua historia.

Affirma elle que fóra do amor, que é tambem uma religião poderosa mais pessoal e transitoria, as crenças religiosas são as unicas que podem exercer, d'uma maneira rapida, influencia sobre o seu caracter.

Não negamos certamente o papel que o espirito religioso tem representado na existencia dos povos quer na moral, quer na familia e na politica; basta ver como os Arabes. unificados pelo pensamento de Mahomet, fundaram o seu immenso imperio.

Respeitando, pois, a historia, porque é das instituições do passado que se deriva o presente e, portanto, o criterio seguro para as transformações moraes e sociaes, não desconhecemos, no entanto, a famosa lei dos tres estados formulada por Augusto Comte e applicada a cada uma das nossas concepções principaes, a cada ramo dos nossos conhecimentos.

Podemos affirmar com M. Guyau que, do facto das religiões terem sempre existido, não se póde, d'ahi, concluir a sua perpetuidade.

E mesmo a religião, sendo o ponto de partida da evolução necessaria da intelligencia humana, obedece tambem a um desenvolvimento regular; regulou incontestavelmente o passado.

E' pois na sequencia d'estas ideias que, em um dos proximos numeros d'esta revista, procuraremos demonstrar que este periodo de dissensão religiosa, que atravessamos, deve necessariamente ser seguido d'uma renovação, que, a nosso ver, não será nem pela unificação das religiões, nem tão pouco pelo apparecimento d'uma nova religião.

Coimbra, 16-12-96.

PATRICIO JUDICE.

A . . .

Á humida presença da saudade
As dôres de meu peito reverdecem
Como as sombras das trevas engrandecem
D'um astro triste a simples claridade.

N'estas dôres, Mulher, empallidecem
Os desejos carnaes da mocidade...
N'estas dôres de pura suavidade
Que os maiores prazeres desfallecem...

Vejo-te longe, como luz perdida
Que n'outros tempos deslumbrou a vida
De corações, de genios e de sabios...

Adore-te, meu sonho derradeiro!...
Qu'ria dar-te o sentimento... O verdadeiro,
Sente-se dentro, mas não chega aos labios...

Coimbra, 23-96.

TEIXEIRA DE PASCOAES

“SOCIALISMO LIBERTARIO OU ANARCHISMO,”

II

A PATRICIO JUDICE.

A anciedade com que era esperado o livro do sr. Silva Mendes comprehende-se bem pelo desejo que havia em muitos espiritos de conhecer a substancia da doutrina anarchista, que é considerada por uns como utopica, por outros como um producto de degenerescencia politica, á guisa da degenerescencia artistica assignalada por Nordau. D'ahi o suppor-se que esse livro seria escripto n'uma linguagem clara, accessivel ao maior numero, contendo em si o resumo dos pensamentos dos reformadores-destruidores da sociedade actual; d'ahi o esperar-se da perspicacia do sr. Silva Mendes alguma cousa nova n'este ramo de litteratura politica que fizesse avançar um passo sequer a concepção embrionaria e confusa do anarchismo theorico—quer no ramo economico, moral, artistico, ou politico.

Nada d'isso. O sr. Silva Mendes que revela algum estudo no trabalho que criticamos, que se escuda com uma avalanche de citações no rez-chaussés das pagidas, esmagando-nos sob o peso dos nomes dos mais illustres escriptores que se têm occupado do problema social, limita-se quasi ao officio de compilador, produzindo um livro que pode bem dizer-se feito de retalhos a que não presidiu um criterio justo, um fim racional, um ponto de vista seguro, expondo claro, distinguindo nitidamente o ideal anarchico, livre de peias

e desembaraçado de preconceitos que o faz antever como o pan-destruição da sociedade, da humanidade, do universo até.

Tudo n'esse livro é confusão; o auctor repete-se fatigando a attenção; expõe um principio de critica scientifica, que só mais tarde completa, entregando o espirito a nebulosidades perigosas.

Porque, por exemplo, o sr. Silva Mendes ao fallar de H. Spencer na comprehensão da lei do *struggle for life*, applicada ao organismo social, não apresenta essa theoria como elle a rectificou na polemica sustentada com Laveleye?

Prefere, porém, o sr. Mendes desenvolver a theoria spenceriana no "Individuo contra o Estado,, dando depois noticia da discussão travada entre os dois sabios. Maneira de gastar tempo e avolumar uma obra que devia ser escripta de forma a não fatigar o espirito.

Porque, por exemplo, o sr. Mendes ao tratar do agitador russo Bakounine, n'um capitulo especial, não expõe a sua doutrina?

Responder-nos-ha o sr. Silva Mendes, e bem, que o seu livro está dividido em duas partes—que n'uma se occupa da historia e n'outra da doutrina.

E' esse exactamente o maior defeito do livro — "Socialismo libertario ou Anarchismo,,. O sr. Mendes que não desconhece nem a doutrina de Hegel, nem a doutrina de Marx, confundindo-as ás vezes (1) devia

(1) O sr. Mendes que se mostra partidario e admirador do materialismo economico de Marx, comtudo mostra o seu fundo conservador, reconhecendo á Ideia papel preponderante quando diz na

compreender que todo o facto historico tem a sua philosophia, quer o facto determine a Ideia (Marx) quer a Ideia determine o facto (Hegel).

Fazer o contrario, estabelecendo uma divisão radical no estudo que empheendeu, é não applicar o methodo scientifico proclamado por todos os sabios d'este seculo.

Sabe o sr. Silva Mendes o que lucrou com essa divisão da sua obra? foi que ao descrever romanticamente os typos de Bakounine e de Kropotkine ficamos sabendo pouco mais que o primeiro, especie de protogonista de uma *magica*, a quem se corta a cabeça e logo renasce outra—foi deportado para a Siberia, d'onde foge; expulso de Paris em 1848, agita-se na Allemanha, onde é condemnado á morte, requisitando-o a Austria como cumplice na conspiração de Praga condemna-o novamente— não tendo execução a sentença por que reclamado pela Russia é pela terceira vez condemnado á pena ultima. A sentença não se cumpriu.

De Kropotkine conta-nos tambem uma historia de evasão, realisada da maneira mais comica.

A que papel ficaram reduzidos os celebres agitadores russos!

pag. 11 que foi «Rousseau o que maior impulso deu ao movimento intellectual que determinou a Revolução Franceza» — e a pag. 15 «a Revolução veio traduzir em factos a effervescencia dos espiritos. E não diga o sr. Mendes que as suas ideias são defensaveis perante a theoria de interdependencia dos factos sociaes, como diz Greef

O sr. Mendes só conheceu essa lei depois de ter lido a «Transformismo Social», de Greef, livro que conheceu ultimamente.

Podia, porém, o sr. Mendes desferrar-se do desastre historico ao apresentar os vultos dos anarchistas russos de mais nomeada, dando á luz a doutrina de Bakounine estudada nas suas obras especiaes e nas suas proclamações cheias de febre, de calôr e de entusiasmo pela causa que defendia.

Não o faz, porque o sr. Mendes não encontrou no estrangeiro livro de critica que expoesse sem *nuances* as doutrinas de Bakounine e por onde o auctor do livro que criticamos se podesse guiar.

Fazer trabalho seu era, como dizemos academicamente, *massada*, e, com franqueza, requeria-se um certo grau de talento assimilador de que o sr. Mendes n'este livro não dá grandes provas.

Amontoou capitulos n'um desleixo de quem escreve com o fim de dar a publico um livro grande; descurou, porém, de tocar em pontos essenciaes da doutrina e concepção anarchista.

Qual a razão porque o sr. Mendes não nos disse nada da moral anarchista? não seria este um capitulo interessantissimo debaixo de todos os pontos de vista, palpitante de originalidade e actualidade?

Que nos diz do problema familiar? não serão as bases da familia remodeladas completamente? mas em que sentido? como?

Nada nos refere o sr. Mendes sobre estes importantes problemas sociaes.

Commette a falta de fallar nos phenomenos economicos, dar uma ideia da evolução da propriedade, relegando os phenomenos familiares, que são sempre estudados conjunctamente com estes, como se pode ver dos trabalhos monumentaes de Morgan, Engels,

Lafargue e muitos outros que poderíamos citar, mas que o sr. Mendes não desconhece.

Sobre a Moral podia o auctor, á falta de originalidade, referir-se aos trabalhos de Sebastien Faure, ou synthetisar a doutrina de Kropotkine sobre este particular, pois é n'esta obra que Kropotkine se revela um talento de primeira grandeza.

Era sobre estes pontos que devia incidir a attenção do sr. Silva Mendes, em vez de amontoar capitulos sobre capitulos, repizando os mesmos assumptos na impotencia palpavel de abraçar n'uma synthese todo o conjuncto dos phenomenos sociaes nas suas relações mais intimas e especiaes.

E, por ultimo, permitta-se-nos um reparo final á obra do sr. Silva Mendes, emittindo ao mesmo tempo a nossa opinião sobre a concepção do ideal anarchista.

Se o auctor do "Socialismo Libertario ou Anarchismo," em vez de fazer uma obra por assim dizer *collectiva* apresentasse um trabalho em que a sua individualidade scientifica se revelasse, depois d'um estudo consciencioso, intensificado pela reflexão mais madura, talvez as suas conclusões fossem outras e muito differentes das que até hoje têm sido tiradas.

Talvez ao sr. Mendes assaltasse o pensamento que nos sacudiu o cerebro de que o ideal anarchico no fundo não é uma formula politica, mas sim uma concepção religiosa!

Isto que pareceria paradoxal, sobretudo por que ainda não foi claramente dito por ninguem, encontra confirmação, desde o Inconsciente dos *Revoltados do pão*, que chamam *santos* aos que se dizem sacrificar por esse ideal; desde os defensores do *actual*, quando

dizem que só poderia realisar-se esse regimen n'uma sociedade d'anjos, desde os anarchistas theoricos que encontram affinidades entre as suas doutrinas e as pégadas por Bhuda, Lao-Tseu, Christo e outros constructores de religiões até Comte que giza a theoria dos Grandes Homens, até Spencer (Prim-Principios)—que identifica e christalisa n'um mesmo ramo, derivando d'um mesmo principio, Religião e Sciencia.

O anarchismo será uma fusão da sciencia e da religião n'um mesmo ideal.—Será o culto do homem por si mesmo, egotismo unico em que o Dever representará o traço d'união entre o Homem e o seu semelhante.

Em nosso ver esta é a razão por que o sr. Mendes encontra Spencer, Greef, Tolstoi, Ibsen; professando n'uma ou n'outras paginas dos seus livros a theoria anarchista.

E' que no fundo todo o homem é anarchista — desde que se agite para se subtrahir á tutella que sobre elle impende.

FERREIRA LEMOS.



Argus

Ideal e Verdade

EXCERPTO DE UM CONTO

Mesmo ao fundo da povoação, ficava, parece que já esquecida, a casita do Antonio Valente. Pela porta d'elle não se fazia caminho para mais banda nenhuma. A aldeia acabava alli. Começava logo adeante, n'uma pequena chapada sem parapeito, esse terreno ladeiroso que ia dar ao rio, e da banda de lá do rio— tudo aquillo era já Hespanha: largos e compridos vinhedos que pela primavera entravam de revestir de verde todos aquelles montes e cabeços,—montes e cabeços que além, á borda do rio, estacavam de repente, erriçando-se, immoveis, em fragaredos escavados de metter medo.

Dir-se-hia, pois, com effeito, esquecida já p'r'aquelle deslado a casita do jornaleiro, mas ficava, como vêm, muito bem situada, porque de mais a mais era visinha d'uma pequena ermida—a ermidinha branca da Senhora das Graças—que devia, vista de lá, sorrir-se para os hespanhoes, como sorria aos portuguezes, especialmente ao Antonio Valente quando aos domingos assomava á janellita, essa linda capellinha

da Senhora chamada *del Pilar*, que alvejava n'aquelle grande throno de verdura, além, debaixo do céu azul.

O Antonio Valente era ainda novo, e tinha dois filhos muito bonitos e ambos muito loiros: a Maria da Graça, a mais velhinha, que fizera sete annos, e então o Manoel, que tinha seis. Sete annos e nove mezes tinha elle de casado com a Luzia, a mais linda, a mais alegre rapariga das que no verão arranchavam nas vindimas. Namorara-o o seu lindo cabello preto, o seu rosto de nazarena, aquelle seu ar esvelto de choupo, os bellos olhos da rapariga, que lhe lembravam duas amendoas grandes no feitio,—e então certa cóvinha que fazia na sua linda face trigueira, quando se ria, aquelle demonete. . .

—Ora ahi está uma cóvinha em que eu gostava de enterrar beijos!—dissera-lhe uma vez, tambem a rir, esse mocetão do Antonio Valente.

Ella respondera-lhe, fingindo uma grande surpresa:

—Gostavas?! . . .

—E esses dentes, ó Luzia! Queres-me tu dar uma dentada com esses dentinhos?

—Isso não, rapaz! Preto por preto, está em primeiro logar o pão centeio!

—Ah, marota! . . .

A esse tempo, a Luzia era orphã de pae e mãe, e não tinha irmãos.—“Sou como o sargacinho do monte!”, dizia ella ás vezes.—“Pensava em se casar? Pensava. Mas não era “pr'a se arrumar”; que muitas vezes dizia ella que “emquanto Deus lhe dêsse saude, e força n'aquelles braços. . . —“Esconde lá isso, rapariga! Ora p'ra que has-de tu arregaçar os braços se m'os

não atas aqui ao pescoço!„ dissera-lhe d'outra vez o Antonio Valente.—... que emquanto Deus lhe desse saude, e força n'aquelles braços, não era ella que cahia n'essa,—a não ser, já se vê, accrescentava fazendo a cóvinha, que lhe desse o démo na cabeça p'ra gostar p'r'ahi d'algum feiarrão...

Certa vez, o Antonio Valente, que já andava afflicto de lhe ouvir a conversa, volvera-lhe:

—Ouves, Luzia? Mas p'ra te livrares d'esse perigo, aqui estou eu que sou bem guapo!

—Tu? perguntava ella muito extranha.

E o Antonio redarguira-lhe logo:

—Olha lá agora se engeitas, ó cachopa!

Estavam a cear, por signal. Tinham andado á azeitona todo o santo dia, e estavam a cear, de ranchada, em casa do amo. Proseguiu a conversa em grande galhofa emquanto durou o caldo, e emquanto, depois do caldo, comeram as batatas guisadas. Era na cosinha, a grande cosinha escura do lavrador,—com o lume a arder além, o armario acantoado acolá, ali a cantareira, além a bocca do forno, a masseira logo ao pé, a banca d'aquella banda, onde a moça, mais a ama, despachavam as refeições, e em cima, pingando, as varas do fumeiro. A um lado, ao pé da porta que dava sahida para o quintal, as azeitoneiras comiam, alumiadas por uma candeia.

Ao lume, escarranchado, estava o amo, a regalar-se de os ouvir, e de ouvir ferver a panella. E por que não esmorecesse a conversa, mettu de lá tambem a sua “foiçada„ emquanto, enchotando o gato dorminhoco, agitava com as tenazes um tição:

—Quem ha-de casar com a Luzia bem sei eu...

—Quem? quem? ó sr. Antonio, diga lá quem!—
acudiram logo em côro as azeitoneiras.

Mas elle desviando a conversa:

—O' Anna, ó mulher dos meus peccados! Não me tirarás de cima do lume esta amaldiçoada caldeira?!

—Mas quem, ó sr. Antonio! diga lá quem!—insistiram as outras.

—Isso agora... O' Anna, olha que esta vianda já está farta de ferver: tira p'ra lá a caldeira!

—Então não diz, ó sr. Antonio?

—Não. E' segredo.—E voltando-se p'ra traz:—Se não tiras a caldeira, tiro-a eu!

—Mas ora o que te afflige a caldeira!—disse zangada a sr.^a Anna, pegando-lhe pela aza e levando a, n'um rômpante.

—Bem. Agora venha de lá o caldo, que eu tambem sou filho de Deus.

—Não! não! mas antes, ha-de dizer quem é o derriço da Luzia!—impetravam de lá os outros todos.—Diga, ó sr. Antonio! a gente guardâmos segredo!

—Isso guardam vocês, olha quem! O' Anna, mas vem esse caldo ou não vem esse caldo?!

—Jesus! santo nome de Jesus!—exclamava afflicta a sr.^a Anna.

—Porque emfim, rapazes, ha coisas que são segredo...—desculpou-se o lavrador. E dando uma palmada—*pa!*—no lombo gordo do maltez, que vinha, lambareiro fariscar a panellinha dos petiscos:—Só se a Luzia deixar...

A Luzia, que o percebebera, acudiu de lá contendo a riza, e levantando no ar o garfo de ferro.

—Não diga, ó sr. Antonio! P'las suas alminhas não diga! Peço-lhe eu que não diga!

Foi um alvoroço na cosinha, todos a pedirem-lhe que dissesse. Mas a voz fina da Luzia trepava mais alto que as mais:

—Não diga, ó sr. Antonio! Sempre quero ver agora se é meu amigo!

—Já vocês vêm...—rematou o lavrador desculpando-se. Mas fingindo logo que se arrependera, emendou:—E tu que é que me dás se me eu calar?

—Olhem o interesseiro! Eu só se lhe der este anel...

—Valeu. Mas elle de que é o anel?

—E' de coralina, quer?

—Não. Só se me déres um beijo!

Foi uma risota.

—O' Luzia, vae-lhe ali dar um beijo!—acudiu logo, chamando-lhe tolo, a sr.^a Anna.—Ora o grande tolo!...

—Pois então, ó mulher de juizo, dá-me cá tu o caldo. Não se envergonha de ter aqui o seu homem a morrer de fome!

—De fome de beijos, ó sr. Antonio...—acudiu de lá a Luzia, a rir.

—Ah, grande magana!—disse o lavrador reprehendendo-a.—Ora mas é mesmo p'r amor d'isso...

—Diga, diga!—clamaram em coro as azeitoneiras.

—... E' mesmo p'r amor d'isso,—continuou o lavrador,—que vou aqui chimpár com quem te tu casas!

Erguendo-se a meio corpo, já com o caldo em uma das mãos, na outra o carôlo de pão centeio, começou, voltado para o rancho suspenso:

—A Luzia... —e pisou sem querer o rabo do cão:—Vae-te!—

—A Luzia... —repetiram todos.

—... Casa-se com o porqueiro!

Foi uma assuada! Trinta vozes clamaram ao mesmo tempo:

—Casas-te co'o porqueiro!... casas-te co'o porqueiro!...

O porqueiro era um muito feio, gago e aleijadinho, que estava a comer a um canto do escano.

Perguntaram-lhe:

—Elle é verdade, ó Luiz?!

Quem *tera!*—acudiu muito contente, soprando a garfada fumegante, o pobre Luiz. E fungou uma risadinha...

—Gostavas ó Luiz?—perguntou-lhe de lá o Antonio Valente.

—*To...tava!* dizia o gago.

—Tam'em eu!

Fôra então que a Luzia, já de pé para se ir embora, no meio d'alguns que se despediam—“Boas noites, sr. Antonio! Muito boas noites, senhor'Anna!,”—dissera outra vez a sua “historia,”—“que emquanto Deus lhe desse forças n'aquelles braços...,”—acabando por os seus receios de que viesse emfim a dar-lhe volta ao miolo algum feiarrão muito feiarrão—“inda mais feiarrão que o Luiz!,”

—Olha que já esta noite disseste isso, ó Luzia!—tornara-lhe a rir o Antonio Valente, anediando, com a manga, o chapéu grosso.

—E tu que tens com isso? perguntara-lhe ella fingindo-se zangada.

—Tenho—acudiu o Antonio.—E' que se me não dava de casar contigo.—E abalou, acto continuo, di-

reito á escada. — Com bem passem a noite; adeus, Luzia!

Não rira d'esta vez a Luzia, nem tampouco lhe acudiu o remoque...

—Ouves? — chamou ella, sem saber o que ia dizer.

—Que é? — respondeu, já do fundo da escada, a voz do Antonio Valente.

—Não é nada... Era cá uma coisa. Já não é nada.

Mas o lavrador, que percebera, voltou-se logo para a sr.^a Anna, e disse-lhe assim, de velhaco:

—Sabes que mais, ó mulher? Olha se me vaes arejando a roupa sécia, que ha-de ser precisa p'ra um casamento...

A Luzia, atirando o chale para a cabeça, botava a correr para a escada, sem dizer palavra.

—Então boas noites ó rapariga! Vê lá agora se cáes.

—Ah, *não caio*... — respondera ella de certa fórma.

—Não é isso. Que não vás cahir que me quebres a escada — explicou o lavrador alçando a voz, e desfechando-lhe uma gargalhada.

Emfim, emfim, caso é que d'ahi a menos de um anno, á missa do dia, o bom do senhor reitor dizia assim ao *lavato*, com uma grande chapada de sol a bater-lhe na casula branca:

—*Na forma do sagrado concilio Tridentino*...

Pausa.

—Ora mal sabem vocês quem se váe casar! — pareciam dizer, a rir, no altar-mór, os lindos santinhos cheios de flores.

E o povo parecia perguntar, escutando:

—Quem será? quem será?

—... e pelo favor de Deus e da santa madre igreja catholica, apostolica, romana, querem contrahir o santo sacramento do matrimonio que pretendem...

Eram, já se vê, os proclames do Antonio Valente mais da Luzia. Disse-lhes os nomes dos paes, disse-lhes os nomes dos avós, o sr. reitor:—“todos d'esta freguezia.” Riam, os santinhos:—“Todos d'esta freguezia!” Sorriam-se cá baixo os do povo:

—Pois vão bem, pois vão muito bem!

E o senhor reitor, cheio de sol, fazendo ao alto do papel dos “banhos,” um rasgãosinho, p'ra se lembrar que era aquelle o primeiro pregão, concluia, cheio de sol, na sagrada fórma do estylo, mirando ao alto uma andorinha, que viera tambem á missa:

—*Se algum souber d'algum impedimento pelo qual os contrahentes deixem de receber o santo sacramento do matrimonio que pretendem, debaixo de pena de excommunhão maior o descubram, e debaixo da mesma pena maliciosamente o não embaracem.*

Ora, ora! pelo contrario!... Impedimentos não os havia de casta nenhuma, e todos levaram muito em gosto, na freguezia, o casamento:—os santos, o povo, as arvores, as andorinhas... E do mais velho ao mais novo, estou em dizer que não houve ninguem que nos tres domingos dos “parabens,” não provasse a rica “pinguinha,” e ninguem, dos quarenta p'ra baixo, que na bôda não dêsse á perna—*trup-trup! trup-trup!*—n'es-se lindo dia de sol...

TRINDADE COELHO.

LUZ NEGRA

Na minha intensa vida d'agonia
Eu tive um grande amor que despresei...
—Encontraria mais amor, dizia.
E foi debalde que eu o procurei!

Em vão ás Almas fui buscar o dia!...
Quiz beijar: minha sombra é que eu beijei!...
E muito tempo eu fui p'la noite fria,
Vida fóra, vivendo o que matei!

Hoje que um outro amor perfeito e santo
De novo traz á minha vida escura
Tudo isso que perdi e chorei tanto,

Eu fico-me na mesma: e, indeciso,
Encontro-me a sorrir toda a loucura
De quem ri sem achar um fundo ao riso!

GUEDES TEIXEIRA.

Fausto Guedes Teixeira

O HOMEM

Vida irregular, d'acaso, e olhos errantes como tzingaros, cada dia que marca o calendario são dois que passam na vida do Fausto, mercê d'excessos que são uma necessidade fatal á sua extranha organização.

Dos rapazes que aqui em Coimbra, ora se embebem, cheios de fé e cheios de febre, nos mysterios da Arte, elle é o unico, sinto-o bem e posso affirmal-o, que nunca será outra coisa do que aquillo que é:—Poeta.

A vida pratica horrorisa-o, o que não admira, porque, como diz Theophilo Braga, "a actividade é motivada pelas necessidades egoistas, e a capacidade especulativa é tão rara e absorvente, que aquelle que pensa torna-se inhabil para a vida pratica." (1)

Nada egoista, elle não comprehende o mercantilismo, nem esta lufa-lufa de interesses que por vezes leva ás maiores baixezas.

"A' Alma-Util chamo eu Alma-Egoista."

.....

"Oh! lagrimas aqui... postas á venda!"

.....

NOTA:—Tinhamos annuciado a critica á *Mocidade Perdida* de Guedes Teixeira. Ampliamos o nosso plano e fizemos este pequeno trabalho por entendermos que Guedes Teixeira, pela complexidade do seu espirito, pela superioridade da sua Obra, merece mais do que os elogios do costume—tem jus a um estudo. Assim, trataremos, em numeros successivos, do *Homem* e da *Obra*.

(1) O Povo Portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições—Tomo II, pg. 5.

*“Estupido, boçal, a bocca torta,
E’ o bohemio audaz que alli passou:
E, mundo em fora, vai de porta em porta
Vender em cantos o que alguém chorou.*

*“Falla da dôr; e a sua vida é calma;
Não ha alli coração: ha só garganta!...”*

N’uma conversa, de ha dias ainda, perguntou-nos elle: “mas que heide eu fazer amanhã, não me dirão?”

—Nada, ou antes fará o mesmo que hoje e que hontem: versos.

E que bellos versos!

Não fará mais nada, podem ter a certeza, que a vida pratica não é mais do que um collete de forças para todas as organizações artisticas, finamente artisticas.

“A vida é o rio estreito que ali vês passar,”

.....

“Ai! iniqua vida que é estendal de dôres,”

D’este modo, amanhã, como hoje e como sempre, a sua vida será a mesma, irrequieta e desregrada.

“Odeio tudo a que presidem normas,”

.....

“Eu quero a Mancha, a Amalgama, a Desordem!”

D’esta vida de incoherencia e de bohemia resulta-lhe uma vibratilidade continua nos centros nervosos, uma grande intensidade psychica sobre a vida phisica.

Tenho-o visto e tratado com elle em horas de desalento tragico, quando, olhado de perfil, nos parece evocado d'um tumulo.

Sombra apenas, espirito apenas.

E é pelo seu espirito subtil e doentio que elle se impõe, que elle domina e se affirma um grande poeta de nome já vinculado ás paginas da historia da nossa litteratura actual que no futuro tem de fazer-se.

Não raro é encontral-o indifferente, aniquilado, todo inercia.

N'um d'esses momentos de quebrantamento, tendo elle acabado de me recitar uma das mais bellas poesias que lhe conheço e que ainda está inedita, disse-lhe eu:

—Oh Fausto, porque se não deita você a um trabalho complexo, á factura d'um poema?

—“Que quer, isso requeria muita assiduidade, e eu não procuro os momentos, desperdiço-os.”

—Quer dizer, não se applica.

—“Exacto, não me applico,” e deixou cahir os braços mortos ao longo do corpo, n'um ultimo desanimo.

Era vel-o então. Não seria capaz de nada, como um turco fatalista que sentindo ruir-se-lhe o tecto da casa, não tivesse um resto de energia, um arranco de vitalidade que o levasse á fuga.

Parece opiado.

N'essas occasiões, visto de relance, de fugida, faz lembrar uma coisa amorpha, materia inorganica, mas analysado até ao detalhe minucioso, ao pormenor ultimo, as linhas do rosto (antes indecisas a diluirem-se n'um vago tom de silhueta) tomam vulto, acentuam-se cortantes, salientes.

A estes periodos de langor moral e phisico, seguem-se crises nervosas violentissimas.

Foi n'uma d'essas crises que elle compoz o *Livro d'Amor*, diz o poeta Carlos de Lemos, um dos seus maiores amigos que, tendo vivido durante annos na maior intimidade com o Fausto, mais do que ninguem está auctorisado a affirmal-o.

Diz elle: "é filho d'uma Crise (angustiosissima devia ella ter sido!) este livro que a tornou abençoada." (1)

Com effeito, abençoadas crises que dão livros como o *Livro d'Amor* e como a *Mocidade Perdida*, que eu estou em crer que este ultimo tambem nasceu em resultado d'uma crise, mais violenta por certo!

D'outro modo não se comprehenderia a poesia *Mãos-Erguidas* que é uma das peças litterarias aonde com maior intensidade se encontra "o choque da dôr", (2) mas a dôr perfeitamente humana, com blasphemias e supplicas, com revoltas e resignações.

Estas crises sacodem-lhe os nervos, abalam-lhe o cerebro e magôam-lhe o coração, dando-lhe a conhecer que ser poeta é a maior de todas as desgraças.

*"E se um Poeta amasse a nossa filha
Tu cheia de terror lh'a recusares!"*

Então quer fugir ao seu destino implacavel, torvo como o olhar d'um infanticida; quer libertar-se, por isso deseja ser tudo aquillo que não é. E' uma fatalidade organica. Eu conheço muita gente que só está bem onde não está.

(1) Prologo ao *Livro d'Amor*.

(2) Hennequin.

*“E eu queria ser esse bohemio ainda,
Imbecil como elle e sem soffrer,
A cantar uma aria assim tão linda...
A tropeçar nas Almas sem as ver!”*

Depois, adeante, fallando d'um velho, grande e altivo como os grandes senhores d'outr'ora, diz:

*“E eu queria ser esse vellinho errante,
Talvez a minha Alma no seu arduo peito
Lá fortalecesse o meu ideal fragrante
Na serena luz do seu cantar distante,
No prurido audaz do meu chorar desfeito.”*

Puro engano do Fausto, seria infeliz da mesma maneira, e elle bem o comprehende quando diz:

*“Como te heide eu achar, Felicidade?
Se alguma vez te vi, foi a voar...
Se todos te procuram, ai! quem ha de
Dizer-me aonde é que eu te posso achar?...”*

E termina o soneto:

*“... A Felicidade
E' tudo isto... e não é nada d'isto!”*

Sim, a felicidade é exactamente aquillo que não temos. Ninguem está contente com a sua sorte. Mudada ella ficar-se-hia na mesma, sempre infeliz, almejando por mudar, anciando pelo imprevisito, pelo ideal, que realisado perdeu todo o encanto, e tornou-se, as mais das vezes, motivo de enfado.

Com a organização do Fausto tanto lhe valia ser
o bohemio da velha aria,

“Cabello ao vento, o rosto bronzeado,”

como ser o velho

“... altivo descendente

“D’uma raça extincta de navegadores.”

Todo o seu mal está na sua propria natureza
sujeita “a todos os arrepios da Fatalidade que o mar-
cou, do berço, com a tristeza dos genios—como que
uma previsão de tremendos infortunios com que por
ventura hajam de pagar caro a gloria de Excepção-
naes.” (1)

Muitas vezes põe-se a sonhar, a fantasiar uma
vida muito outra da sua—uma vida simples de cam-
ponez n’um casal branquinho com a sua amada, cam-
poneza tambem, ingenua e boa—ignorantes de tudo,
alheios ao mundo, a este

“Miseravel mundo que só tem cuidados!”

.....

“O mundo ser p’ra nós a nossa herdade;

Só pennas d’ave serem nossas penas...

E a nossa alma toda ingenuidade,

Saber do amor... o nosso amor apenas.

Mas isto é sonho. Impossivel; por isso mesmo,
talvez, é que elle pretende realisar-o, porque, como diz
Oliveira Martins, “o proprio genio é querer realizar o
irrealisavel.”

(1) Carlos de Lemos, prologo ao *Livro d’Amor*, pag. xi.

*“Lindas chimeras de quem vive triste,
Visão doirada de quem sonha um lar!”*

A sua voz é dolente como uma toada d'agonia, parece a sua garganta um abysmo no fundo do qual alguém pedisse soccorro lamentosamente.

Referindo-se a uma epocha de crise (a que produziu o *Livro d'Amor*) diz Carlos de Lemos: “E tinha plangencias de órgão esquecido em templo que uma catastrophe tivesse fechado ha muitos annos a sua voz insinuantissima, capaz de dar musica aos seus versos, se os seus versos a não tivessem de sobra.”

Verdade isto que o Carlos diz, com a condição de se estender, não só aos momentos de crise, mas tambem aos momentos normaes. Pelo menos, nas conversas que com o Fausto tenho tido, nunca notei que d'outro modo falasse, apesar do proposito em que estava de o estudar.

Sentimental: para elle o coração é tudo, para elle a amizade é tudo,

“... no amor como na amizade (porque a sympathia é para elle synonymo de indifferença); mas tendo, por isso mesmo, em redor de si, n'um abraço que é, porventura, a alegria que melhor lhe sabe, uma duzia de dedicações fanaticas, como não sei d'outro que as possuia.” (1)

Verdadeiro isto.

Alem d'um grande numero d'amigos dedicados, tem elle dois intimos que são todo o seu orgulho:— Carlos de Lemos e Alexandre Braga-filho, ambos

(1) Carlos de Lemos.

poetas, razão sem duvida, porque o sabem comprehender e amar.

Ao Carlos offereceu o *Livro d'Amor*, ao Alexandre offereceu a *Mocidade Perdida*.

Nada mais encantador, nada mais terno.

Ahi está o que é Guedes Teixeira como Homem.

No proximo numero diremos da Obra.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE.



ÀS CACHOPAS

AO LOPES TAVARES

Capas a voar, batinas sem botões,
Risos nos labios avidos de beijos,
Estudamos a sciencia dos desejos
Tendo por livro vossos corações.

E quanto mais estudamos, Aldeãs,
Mais na sciencia vamos concluindo
Não ser verdade o amor que vós, sorrindo,
Nos demonstraes em labios de romãs!

Coimbra, 97

ANTONIO MACIEIRA.

“A dôr humana,”

DE SAMUEL MAIA.

II

Na ultima parte da sua obra, na sociologia da *dôr*, procura Samuel Maia “demonstrar que a organisação social, assente sobre principios egoistas e utilitarios é a causa principal da *dôr*, que em grande parte, podia ser aniquilada por um regimen de Igualdade onde desaparecessem as ambições e as luctas de classes e onde a morte da miseria social arrastaria a morte da miseria physiologica.”

John Simon, hygienista inglez, fez distincção entre doenças *evitaveis* e *inevitaveis*; n'estas incluia as deformações, a fraqueza congenital, os accidentes, as doenças contagiosas das creanças, as doenças da miseria e as hereditarias.

Samuel mostra-nos claramente que, excepto os accidentes que ainda se podiam diminuir pela regulamentação do trabalho, todas as outras são mais ou menos evitaveis.

Essa demonstração, feita com habilidade pelo auctor da *Dôr humana*, é de grande alcance e equivalente á da não-existencia do *criminoso-nato* de Lombroso pela escola penal socialista.

Samuel diz-nos, com outros hygienistas modernos, que o coefficiente mortuario dos individuos a quem a doença arrebatava, podia descer a um terço.

Imagine-se, pois, quanto se não economisaria com aquella diminuição! Quantos homens não seriam pou-

pados a nma morte na idade em que podiam com o seu trabalho prestar serviços á humanidade! Como os homens seriam fortes, e portanto, mais aptos e durante muito mais tempo promptos para o trabalho!

Não são só, como diz Samuel Maia, as despezas provenientes da doença, a deterioração do organismo soffredor, são tambem as dôres moraes, a inquietação, o mal-estar, o desespero, que as pessoas de familia e os amigos soffrem!

Perda enorme de capital para a sociedade!

Mas, como evitar tantas dôres? tautas doenças? Como produzir tantos bens?

Loucura decerto! Idealismos!

Não! Não é loucura. A sciencia dá-nos o meio de conseguir tão almejado fim...— a Hygiene.

Se é verdade, escreve Lacassague, que a saude é o primeiro dos bens, como dizia a sabedoria antiga, a hygiene deve ser a primeira das artes.

Aperfeiçoando o organismo humano, fazendo o mais possivel para que se não deteriore, pondo-o no estado normal quando se deteriora, uma boa hygiene produz assim beneficios incalculaveis ao superorganismo social.

Este, compondo-se da reunião dos organismos individuaes—moleculas—lucra com o bom estado d'esses organismos, com o seu maior aperfeiçoamento.

Questão importante é, pois, a da pratica de todos os bons principios d'hygiene.

Esses principios, porém, não se podem applicar, como diz o nosso amigo, n'uma sociedade organizada como a actual, em que o Estado quasi não se occupa d'ella, mesmo por falta de dinheiro que vae para grandes

listas civis, exercitos permanentes, legações espalhafatosas, viajatas regias, etc., e em que a hygiene fica, portanto, dependente da caridade—virtude hoje excepcionalissima,—e d'essa philantropia, tanto em moda, dos burguezes que querem figurar nas gazetas e das senhoras de veu pela cara...

Mas suppondo mesmo que o que acabamos de dizer é d'um pessimismo atroz e insupportavel, suppondo mesmo que o altruismo é sentimento geral n'esta sociedade, os particulares nada poderiam fazer, por falta de meios, por falta de verdadeiros e especiaes conhecimentos.

Só n'um regimen socialista, portanto, diz Samuel, e em nossa opinião muito bem, a hygiene poderá ser bem e integralmente applicada.

Mas em que regimen socialista?

Anarchismo, communismo ou collectivismo?

Samuel Maia não nol-o diz.

Não descortinamos a razão porque o não faz, sendo o assumpto, como é de ver importantissimo e complemento necessario da sua thése.

D'entre o que por'hi se chama socialismo existem como vimos aquellas tres doutrinas completamente oppostas.

Se na sociedade actual não podem applicar-se, como manda a sciencia, os principios hygienicos, em qual d'aquellas sociedades se poderão applicar?

Samuel devia dizer-nos expressa e claramente o seu pensar a tal respeito.

De varias passagens e phrases do seu livro deduzimos nós, embora a custo, que adopta o collectivismo, no que, mais uma vez, vamos d'accordo.

Só n'uma sociedade collectivista, portanto, a hygiene poderá ser bem applicada.

Só n'uma sociedade collectivista, portanto, o superorganismo social estará convenientemente aperfeiçoado.

Menos dôres physicas e moraes.

Não mais miseria, crimes, fome!

Mas o que é o collectivismo?

Outra falta de Samuel — falta que não lhe podemos perdoar, e de que tambem não descortinamos razão.

Pouco espaço? Pouco tempo?

Com duas pennadas, o auctor da *Dôr humana* dizia-nos tudo isto, e apresentar-nos-hia assim um trabalho muito mais interessante e merecedor. Todavia veiu com o seu livro prestar um serviço ao collectivismo em geral e ao socialismo collectivista portuguez.

Livros e livros seriam cheios na exposição e refutação dos muitos e variados argumentos que, contra o collectivismo se tem dirigido.

Um d'entre esses, e um dos mais importantes, ajuda-nos Samuel Maia, que segue Sébastian Faure, na *Dôr universal*, a combater.

Richter e Novicow ⁽¹⁾ teem dito, entr'outros argumentos que, com o socialismo collectivista, a producção diminuiria quatro ou cinco vezes do que é actualmente.

Não refutando já a consideração com que elles reforçam o seu argumento da falta de interesse, de

(1) Vej. Richter, *Ou mène le socialisme* e Novicow, *Les Gaspillages de la société moderne*.

necessidade, de agulhão, se assim se pôde dizer, que haveria n'uma sociedade collectivista, consideração facillima de destruir, vejamos se o argumento colhe.

Samuel demonstra-nos, como vimos, que a dôr desaparecerá quasi totalmente n'um regimen socialista.

Os medicos, os pharmaceuticos e os que cultivam plantas medicinaes, cujo numero seria felizmente muito menor, iriam, portanto, quasi todos dedicar-se exclusivamente á producção.

Os homens, d'organismo mais são, com mais tempo de vida, sem tantas dôres physicas e moraes, produziam, pois, muito mais e melhor. Inda mais:

O funcionalismo publico que é um dos nossos peores males, assim como de muitos outros paizes, diminuiria grandemente.

Os exercitos permanentes, outra causa magnanima do mal-estar social, que além de serem assaz dispendiosos, como se pôde ver das estatisticas, depauperam os organismos individuaes, tirando os homens da sua terra, da sua familia, e levando-os para a caserna, fóco immundo e immoral, seriam supprimidos.

As guerras, em que pese aos inhumanos e ignorantes que as defendem, primeiro pela arbitragem, mais além pela federação, acabariam.

Essa multidão enorme de intermediarios entre productores e consumidores que Bellamy critica admiravelmente, desaparecia tambem em grande parte.

E por fim, a escola penal socialista, com Collajani, Vacaro e Alimena á frente, demonstrando-nos que n'um regimen socialista os crimes desaparecem,

pois que são filhos da actual organização da sociedade, leva-nos também á conclusão evidente que quasi todos os que ora se occupam na applicação da justiça, irão encorporar-se na grande phalange dos productores.

Como será, pois, menor a producção?

Samuel Maia defende uma these verdadeira e de summa importancia.

Com o seu livro veio prestar um serviço ao socialismo, á sciencia sociologica, emfim!

Pena é que o seu trabalho não fosse mais desenvolvido.

A ultima parte não passa, como elle mesmo diz, d'um programma necessitando de largo desenvolvimento.

Felicitando o novo medico pela sua obra, incontestavelmente valiosa, pedimos-lhe ao mesmo tempo a realisação da sua promessa — a explanação d'esse programma.

BARBOSA DE MAGALHÃES, FILHO.



BIBLIOGRAPHIA

Acaba de sahir d'esta redacção Verediano Gonçalves—prosa-dor raro que ha dias enviou ao prelo o seu primeiro livro—*Yaras*.

Com a sahida de Verediano Gonçalves coincidiu a entrada de Mario Esteves.

Verediano leva a nossa saudade, mas com Mario Esteves continua a nossa esperanza.



Recebemos e agradecemos um poemeto symbolico—*Ladainha* de Antonio Corrêa d'Oliveira.

E' a revelação d'um talento, uma bella estreia, inda que de vez em quando caia, devido á orientação symbolista do seu espirito.

Vem atrazado um pouco, que em boa verdade o symbolismo está a dar o ultimo suspiro, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Para que o leitor possa ver que não é um elogio, mas simples justiça o que atraz fica dito, transcrevemos algumas quadras.

«Era o seu castello antigo
—Pastor da espuma do mar—
Como capa de mendigo,
Remendada com luar!...

Tenho dentro do meu peito
Cysnes mortos a boiar!...
Tenho o peito tão estreito!...
Nem sequer lá cabe o ar!

Dizem que o Christo era loiro.
Isto faz-me acreditar
Que a sua doutrina d'oiro
Lhe ia a cabeça doirar!...»



O *Excerpto de um conto* com que abrimos este numero, faz parte d'um conto inedito, destinado com mais alguns, á edição futura d'*Os Meus Amores* do illustre contista.

Agradecendo a Trindade Coelho a sua amabilidade fazemos votos para que esteja para breve a nova edição do seu bello livro.

Argus

Ideal e Verdade

CARTA

Do Dr. Theophilo Braga a Ferreira Lemos

Bom amigo

.....
O pensamento formulado no seu artigo (*Argus*, p. 41): "que o ideal anarchico no fundo não é uma formula politica, mas sim uma concepção religiosa," é tambem a minha ideia. De ha muito estou convencido d'este principio historico, que na propaganda do Christianismo se identificou com a doutrina da Graça, segundo S. Paulo. No poemeto *Graça e Amor* ("Visão dos Tempos", t. III, p. 27) exprimindo esta crise religiosa, que separa a alma moderna das concepções antigas, apresento esse anarchismo; pondo na bocca da diachonisa Phebe:

"A Lei, que foi imposta ao primeiro homem,
E' que deu causa a que elle a infringisse;

A Lei foi o motivo do Peccado!
 Destruam-se as Leis todas, e no mundo
 Finda a noção do Mal contradictoria.
 Tudo será uma harmonia immensa!
 Porque chegou o mundo a estas guerras
 De Nações contra Nações? e escravos
 Povos inteiros aos mercados trazem?
 Porque se atreve cada Sacerdote
 A amaldiçoar os crentes de outros Deuzes?
 Porque se rouba? e porque se assassina?
 E' porque os homens vivem sob o imperio
 Da Lei! A Lei escripta sobre taboas,
 Na pedra ou bronze, é uma cousa morta
 Que o espirito asphyxia e mata!
 Se o Christo nova Lei trouxesse ao mundo,
 As mil iniquidades do passado
 Viria prolongar. A Boa Nova
 Eu abracei do Christo: promettia
 Destruir de Moysés a Lei antiga,
 Rasgar o formulismo secco e estreito
 Da Lei civil romana, que estrangula.

.....
 Renega das Leis todas! Paulo, abjura
 Das Patrias, dos Sabios e dos Livros,
 Das vãs doutrinas das Academias!

.....
 Não será pelas Leis, nem por Doutrinas
 Que os povos se hão de congraçar! Só pode
 Uma emoção commum ideal unil-os.
 A Loucura da Cruz commove a todos.
 Antes louco, sentindo claro as dôres
 Do nosso ser moral, do que esses sabios

Immersos em estereis curiosidades.
Entre si as Escolas se refutam,
As Leis mantém-se pelo fio da espada.
A Loucura da Cruz, ah! como o incendio
De espirito em espirito se inflamma
Envolvendo a Humanidade inteira
N'esta embriaguez do Amor, que transfigura.,

Foi com este aspecto anarchico que se propagou o dogma do Christianismo, e passado o periodo da hallucinação, continuou-se na fórma do nihilismo da propria individualidade humana.

Aonde o meu amigo tinha chegado pela especulação abstracta, cheguei eu pelo exame historico; a concordancia dos dois processos garante-lhé a verdade.

Quanto á evolução social, será a Anarchia, mesmo segundo a concepção de Proudhon, exiquivel? Envolve o phenomeno contradicções que influem em um paradoxo, que desorienta: E' certo que a complexidade immensa dos phenomenos sociaes não dispensa a intervenção d'um centro coordenador (governo); mas é tambem profundamente verdade que o progresso de toda a sociedade consiste em tornar de cadâ vez mais desnecessaria essa intervenção, a ponto de considerar-se o governo mais perfeito aquelle que menos se intermette na livre actividade individual. A necessidade de governo e a sua progressiva eliminação, são um paradoxo como tantos outros que ha em sciencias menos complexas, e que se acceitam.

A irracional centralisação ou omnipotencia dos governos é que provoca a reacção ou a explosão do Anarchismo.

No seu artigo vem uma outra these: "O Anarchismo será uma fusão da sciencia e da religião n'um mesmo ideal." Ha aqui um vago presentimento. A coopeção social não se pode realizar sem as emoções affectivas; não ha sociedade sem concordia mutua. Ora esta homogeneidade de sentimentos, ou unidade sympathica foi dirigida pelas Religiões, e ainda é o intuito da Igreja nacional (embora em contradicção com o seu universalismo historico). Assim, as Religiões foram necessariamente politicas, como foram governos (theocracias) e philosophias. Mas desde que estas funcções se foram especializando, a Religião ficou reduzida ao culto. A unidade sympathica achou outras bases; e a politica empirica dos governos não comprehendendo o valor do sentimento como factor social, expande-se por instincto expontaneo, tomando por vezes expressão nas Litteraturas, na Arte e em excepçoes manifestações da Moral altruista. A's vezes para generalisar a propaganda revolucionaria ainda se recorre á antiga reminiscencia religiosa; mas em rigor a funcção social das Religiões, isto é, coopear na synthese social affectiva, está fundada, e nenhuma relação tem com uma Politica racional e propriamente scientifica. Só em condições de atrazo psychologico e social, como na Russia.

Não é possivel a integração da Politica com a Religião, embora esta se transforme, substituindo a ficção theologica de Deus pelo reconhecimento da Humanidade. Um factor mais alto vem dirigir a sociedade humana—é a Moral, synthese plena de todos os resultados da sciencia, da philosophia e da historia percorrida, dando-nos o que houve de consciente em

cada civilisação. E' então que o Dever é uma ideia, é um sentimento, e por elle se exprime a Consciencia em actos de vontade; na collectividade social, em que se absorvem todos os individualismos, é o Dever a forma mais alta e completa em que se revela o individuo como individuo: o character. E n'este ponto de vista, o Direito resulta para cada individuo da obrigação de cumprir o Dever.

Passando d'esta doutrina para o que se observa no nosso tempo, os governos acephalos é que são os fomentadores da anarchia; e mesmo convem-lhes a anarchia para intervirem discricionariamente. A Politica está no mais deploravel empirismo.

Não posso continuar, porque me levaria longe o assumpto.

Creia-me, etc.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1897.

THEOPHILO BRAGA.



SERRA-DA-ESTRELLA

Invocação:

Serra-da-Estrella dos gelos brancos,
Serra-da-Estrella dos vendavais!
Que a voz de pedra dos teus barrancos,
Serra-da-Estrella dos gelos brancos,
Me acorde a toada das pastorais!

Que o canto agreste dos teus pastores
E o aço vivo dos teus arnezes
Se cazem ambos ás minhas dores,
E as tornem suaves, como os amores
Lavrando em peitos de camponezes...

Baloicem nuvens sobre o espinhaço
Dos rudes blocos da penedia!
Aguias da Serra, de pennas de aço,
Cingi os montes num grande abraço,
Beijai os musgos da serrania!

Que a voz solemne dos teus barrancos,
Cazada á seda do teu suspiro,
Venha aos arrancos, venha aos arrancos,
Serra-da-Estrella dos gelos brancos,
A' Aldeia humilde do meu retiro!

Foste Princeza, que eu sei que o eras,
Bem nobre e linda, sem outra assim...
O' Bella-Infanta, vestida de heras,
Filha da Lua das primaveras,
O' Bem-Amada de Bernardim!

Deves guardados ter bellos cantos
Nas verdes moitas do teu urzal.
Dá-me esses poemas, dá-me esses prantos,
Nobre Princeza dos meus encantos,
Menina-e-Moça do meu ideal!

Pastor sem arte, com meu cajado,
Trôpego e velho, bornal vazio,
Dá-me o teu manto de bom brocado,
O' branca ovelha do meu montado,
Que eu venho morto de fome e frio...

Que os teus ballidos de ovelha mansa
E as fallas de oiro dos teus carinhos,
Busquem abrigo na vizinhança
Da minha Aldeia, cordeira mansa
Do meu rebanho de cordeirinhos!

Serra-da-Estrella! Serra-da-Estrella!
O' Flor-de-Altura do meu jardim!
Acceita os cantos da pastorella,
Raios extinctos de aquella estrella
Que andava na alma de Bernardim!

(Das *Terras de Portugal*, em preparação)

ADOLPHO PORTELLA.

Os mostradores

A MANOEL MONTEIRO

Nos meus passeios pela cidade, á hora em que vae acabando a asafama dos que trabalham, vejo curiosos exemplares de angustiados, seres impotentes para conquistar as palmas, rebolando-se na propria nullidade, prenhes d'ascos pelos que vencem, como serpes artificiaes em que um chimico macabro tivesse guardado venenos.

Diante d'um mostrador a brilhar d'oiros e de gemas como um vitral antigo, param vultos angulosos, seccos e rispídos, seguindo sem trocar palavra, automatados girando como astros—de lama—presos a um sol que não conhecem, que não adivinham e de cuja existencia nunca chegarão a suspeitar.

Inverno: sete da noite... As lojas deitam, por toda a comprida rua, vomitos de luz. São as janellas da Tentação abertas sobre a miseria. Duas rameiras passam, saracoteando-se, fortes camadas de cosmeticos borrando a fealdade dos rostos, o grosseiro das pelles. Loja d'ourives, a brilhar de diamantes, de rubins, de topazios... Ellas chegam-se, param, e uma grande onda se lhes levanta nos peitos, uma onda de lama que turva os olhos.

—Ah! se apparecesse um amante, esfaqueavel! Não, não! A cadeia! E se elle dêsse? Se elle se apaixo-

nasse e se arruinasse?! Impossível! As paixões, só as temos nós por aquelles que nos batem... O Chico empenhou o relógio. Ahn! Se eu pudesse dar-lhe este? Por uns dias não me batia... Ahn? Se o velho apparecesse? Matava-o... Ha coisas que nunca se descobrem. E como eu tinha tudo isto... e mais... e mais... Sahia lá de casa... O Chico andaria sempre bem posto... Ahn? matava-o!

E a lama sobe, a lama sobe...

Passa um velho, anguloso, cara chupada, macezada, olhos bistrados. A sobrecasaca sustem-se por um milagre da cohesão. O chapéu alto camba para um lado. A gravata é uma tira, e as botas riem descaradamente.

Loja de modas. Ha sedas desalinhasdas, intencionalmente desleixadas; parece um *lendemain d'amour*. Uma perna de manequin calça uma meia fina, alta. E a perna tem uma redondeza lubrica, que allucina o velho.

—Ahn! Uma perna catita! E a meia fina!?

E no cerebro abre-se logo um lupanar, onde mulheres dançam, nuas, apenas as meias pretas violentando a brancura das carnes.

E o velho segue, quasi cego, atormentado deliciosamente pela saturnal que elle criou e que lhe foge, que lhe foge... E os labios descerram-se para pronunciar n'um sonho de som—no cerebro é um grito—:

—Ahn!? aquellas meias?

E a phrase rodeia-o, enlaça-o, banha-o todo numa caricia assassina, como a do absintho.

Mostrador d'ourives ainda. Chega uma rapariga, nova, um cabaz de flores sobraçado.

Tem os cabellos loiros, d'um loiro ardente, quasi ruivo, quasi fogo. Os olhos azues poisam-se, como moscas teimosas, sobre os oiros, sobre as pedrarias que parecem mexer-se, num pestanejar continuo.

—Se eu tivesse um annel?!

E olha para os seus dedos compridos, finos, brancos, orphãos de joias.

—Gostava tanto de ter um annel como aquelle!... Mas hade custar tão caro! E a Gertrudes que ainda hontem me disse que me dava uma libra, se eu quizesse ir com ella!... Uma libra... podia comprar um annel... e uma pulseira como tem a Sophia... Se a Gertrudes voltasse!... Que lindo annel! E eu que gosto do azul... E esta pedra é tão bonita!...

Salva-se? Não. A Gertrudes é a marchante. A sua casa é a ante-camara do bordel: o becco escuro que abre sobre a alcoceifa.

Loja de pasteleiro. O mostrador ri no oiro dos ovos. Amontoam-se os doces, as grandes peças decorativas, pasteis, pingos-de-tocha, chocolates. Parece uma palheta, pela variedade das tintas. A prata dos leites e dos assucares, os oiros dos doces d'ovos, o castanho do chocolate, o amarellado-madeira dos esfolhados. E ha peças em que o assucar é colorido, vermelho, azul. Ha pasteis de fructa, abertos, de tons escuros. E fatias de pudding, e doces crystallizados.

Um garoto, o nariz esborrachado, o nariz grosseiro do plebeu, na vidraça, pensa:

—Ena pae, se eu quebrasse o vidro e roubasse isto tudo!

Uma linda rapariga, de vinte annos, uns grandes olhos tristes, já curvada da costura, pobremente ves-

tida, mas elegante, mesmo assim, andando depressa, córando das impertinencias:

—Que linda seda! Dava um vestido tão bonito! E a Carlota que está mesmo uma senhora depois que foi viver com o visconde! Eu é que sou tola!

E passam, e passam. Vão sofregos, correndo, correndo, não vendo os carros, não vendo os transeuntes, dentro de suas ideias, presos ahi, como numa ilha inabordable. E ao deitarem-se, ainda pensam no phantasma que os atormenta.

—Era tão bom se eu tivesse!...

Ha um ruido d'abelhas por sobre as nossas cabeças, os sons não parecem sahir das boccas; pairam sobre nós, num mesmo ritornello, angustiantes...

E aos poucos a luz vae-se extinguindo, vão-se fechando os mostradores das lojas, janellas da Tentação abertas sobre a miseria.

(Do livro *Mentira Vital*, a sahir do prélo.)

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

Do livro—PARA QUÊ?— no prélo

XII

A DOR DOS OUTROS

Fui por montes e valles, caminhante
A' lua, ao sol, do vento acutilado,
Adivinhar a dor no olhar turvado
Dos que passavam pela Vida adeante.

E seus olhos, que o mesmo sonho errante
Esgaseára e tinha hallucinado,
Ninguém n'os tinha então adivinhado
E diziam a mesma dor distante.

De logar em logar, de rua em rua,
Apprehendi a dor dos que passavam
E minha dor julguei-a pela sua.

Todas as dores adivinhei, e assim,
Vi que as dores dos olhos que fallavam
Eram nelles eguaes á que era em mim!

AFFONSO LOPES-VIEIRA

AS YARAS

(De um livro a sahir do prélo)

A linda guardadora dos rebanhos do nosso Chefe, a formosá Ducahira, todos os dias ia banhar-se no ponto mais fundo e mais bello do rio, onde vogam nenuphares e nympheas e onde, orgulhasamente, se ergue a Victoria-Regia,—pricipiou contando a septuagenaria Cylia.

Aos que de amor lhe fallavam respondia sempre com um desdenhoso sorriso, que gelava e amortecia toda a esperança e enrugava as sobrancelhas espessas e voluntariosas olhando com uma suprema e altiva indiferença os desgraçados, que iam mendigar uma esmola do seu affecto!

O Pagé,—sabio que lê nos astros tão bem como lé o Destino em nossas mãos,—disse-lhe um dia entre affectuoso e reprehensivo:

—“Toma cuidado, Ducahira! Não brinques com o coração... Não brinques com o coração...”

Ella riu-se das palavras santas do velho sabio e continuou sendo a mesma voluvel e alegre rapariga.

E lá ia todos os dias, perfumada a periperioca e jasmins, banhar-se no ponto mais bello do rio, entre nympheas e nenuphares.

*

Tinha chegado por esse tempo aos nossos campos um joven frecheiro da poderosa tribu de Alliath, ga-

lhardo e valoroso, que vinha pedir alliança para um proximo combate com os barbaros do meio-dia.

Ducahira viu-o, e—insensata!—começou a amal-o, sem o querer, e mesmo sem o sentir!

Elle ia sempre esperal-a á beira-rio e alli conversavam tranquillos e affectuosos juncto dos nenuphares e das nympheas, ao pé do sorriso magestoso da Victoria-Regia.

Curto, porém, foi o idyllio.

O juvenil frecheiro, galhardo e valóroso, teve de partir para a guerra e a linda guardadora dos rebanhos do nosso Chefe, desde então cobriu-se de tristezas e á beira-rio conversava com a Saudade, até noite fechada.

Uma vez encontrando-se com o Pagé tentou mostrar o contentamento antigo e este disse-lhe paternalmente:

—“Não me enganas, Duchahira! Aconselhei-te e preveni-te; não se brinca com o coração, minha filha... Não se brinca com o coração...”

Ella deixou correr francamente as lagrymas e abraçando o velho respondeu-lhe:

—“Tens razão, Pagé; julguei-me forte, quiz ser forte, mas o coração trahiu-me. Não duvidei de ti, nem da tua sabedoria, mas confiava em mim...”

Durante muitas luas continuei vendo Duchahira passar para o costumado logar do rio, cada vez mais triste e abatida.

Um dia, porém, deixei de a ver, e como eu, todos os da nossa tribu.

Imaginámol-a perdida. Batemos a floresta em todas as direcções, e os mais audases matteiros que saíram

a procural-a, voltaram passados tempos, desilludidos e desesperançados de a encontrar.

Foi então que o Pagé, — sabio que lê nos astros tão bem como lê o Destino em nossas mãos, — nos contou que Ducahira tinha ido banhar-se, como costumava, e, quando contemplava a bronzea belleza do seu corpo no espelho crystallino do rio, ouvira uma voz desconhecida e longinqua cantando nostalgicamente uma triste canção toda impregnada de amor e de saudade.

Aquella voz chamava-a, magoada e doce, e Ducahira, lacrymosa e lenta, foi assim attrahida para o abysmo das aguas pelo canto melancholico das Yaras!

E é por isso que as donzellas, que têm os noivos na guerra, não vão banhar-se áquelle ponto do nosso rio, onde vogam nenuphares e nympheas e onde, orgulhosamente, floresce a Victoria-Regia.

Coimbra.

VEREDIANO GONÇALVES.



A PEROLA

Idear!...

Já desfallecem, n'uma languidez precursora de Morte, as azas matinaes da minha Phantasia. Quantas vezes, oh! quantas, eu desfraldava as vélas do meu Sonho, e me deixava deslizar, Lá no Alto, reclinado em coxins de nuvens macias e brancas, a poisar aveludadamente o meu olhar de Poeta nas paysagens feéricas, que, n'um cosmorama de magia, se espreguiçavam nas regiões cálidas do Oriente!

Foram essas viagens, repetidas, que me puzeram assim desmaiadas, n'uma languidez precursora de Morte, as azas matinaes da minha Phantasia!...

E hoje folheio recordações encantadas, que me abysmam ainda em extasis deliciosos, que me doiram a Vida d'um clarão exangue como o ultimo raio d'um Sol-pôr.

Oh! se soubesseis que perfumes exhalam as lendas que eu aprendi da bocca exotica d'uma Indiana! Escutae:

Havia nas praias esmeraldinas do Malabar um penedo robusto como um Titan, e que nas cavas agrestes do seu dorso abrigava legiões innumeradas de molluscos, que vinham, em noites de prata, soluçar madrigaes ás portas d'um palacio pequenino como um grão d'areia, e onde vivia uma ostra sensual que os endoidára com a madrepora principesca da sua concha. E ella, afogada nas algas extranhas que lhe tapiavam o *boudoir* elegante, tinha um gesto de tedio tão fidalgo, que se diria a Favorita do Rajah.

Vinham-lhe desejos agudos de fugir á impertinencia dos seus adoradores, e rolar de mansinho, emballada pelas ondas, no fundo do mar que a attrahia pelo desconhecido.

Se ella vivera sempre alli!...

E n'uma manhã calma de verão, ella lá foi, escorregando nos limos, o olhar cheio de surpresa, a buscar os segredos que sonhára...

Oh! que saudade! A sua pelle aristocratica manchava-se no lodo, os seus olhos cheios d'um amargo desespero, procuravam a luz n'uma ancia de condemnado, e a sua concha estremecia com soluços desoladores, de fazer estalar peitos de tubarões, se elles a vissem...

Ceu azul. Esfarrapam-se nuvens brancas como pennas que o vento levasse do collo assetinado d'algum cysne. O sol, triumphante, abana a rubra cabelleira que cahe esparsa n'uma chuva d'oiro fundido. Ha no mar ondulações de pedrarias que se desfazem em rendas de setim!

O filho do Rajah passeia com a Noiva formosa n'um rico escalér que borda as aguas com as suas purpuras e as faz cantar com o bater cadente dos seus remos.

N'uma impassibilidade marmorea de colosso, o rochedo abandonado pela ostra caprichosa, olha pelas orbitas fundas que os beijos sensuaes do mar lhe cavaram, e chama o batel nos sorvedoiros vertiginosos de que a ressaca o envolve. Os remadores nada veem, com a vista nos dois Noivos, e estes... Seus olhos não bastam para se olharem. Não os accorda o ruido

secco e tragico do escaler que se quebra no peito herculeo do traiçoeiro penedo, com a violencia de dois amantes que se dão beijos cannibaes...

Nas trevas densas do fundo do mar jaz, n'uma prostração apathica, insensivel, a ostra desolada. Ella lembra-se ainda das serenadas fulgentes como clarões d'estrellas, que o estro apaixonado dos seus adoradores chorava n'uma somnolencia capaz de fazer sonhar coisas defunctas. E d'onde a onde chocavam-na soluços de Morte, n'uma hallucinação.

Ai! quem n'a déra outra vez...

Pallido, como a luz coada pelas bambinellas verdes do seu *boudoir* elegante, desce um nimbo luarisado de candura, a enternecer os corpos ambarinos dos dois Noivos, que se abraçam castamente, docemente...

Que lindos... E a ôstra abre a concha admirada... Santo Deus, que lindos!...

E elles vão collar um beijo d'Amor immorredoiro na madrépora principesca d'aquella ostra desolada...

Foi d'esse beijo, baço como a Morte que pairava nos labios que se tocaram, branco como as Almas que subiram n'um sorriso para os Ceus doirados, que depois nasceu a Perola...

.....

Já ella não vive isolada no fundo do mar. As suas filhas gentis são avidamente buscadas pelos rajahs que da descendencia symbolica do Beijo dos dois namorados, fazem ricos collares para dar á mais bella das suas mulheres...

MADRIGAL

Vossos amores, Senhora,
Assi matam docemente
Que a morte se não sente.

J. DE VASCONCELLOS—*Tavola Redonda*

Quem d'amor anda perdido
Por uns olhos sonhadores
Sonha só sonhos d'amores;

Assim vosso amor, Senhora,
Ao meu coração vencido
Faz andar como perdido.

Como o pharol que me guia
E a sombra da noite doura
Abrindo n'ella uma aurora,

Assim vosso olhar d'Amante
Na minha melancolia
É como um Sol que me guia.

Ah! quem pudera sonhar
D'amor sonho embriagante
Como um sonhador amante

Que encontrasse no caminho
A Dama do seu pensar
E se quedasse a sonhar!...

Encostado aos seios d'Ella,
Macios como o arminho
E como o frouxel d'um ninho,

Morreria então contente
Nos braços da sua Bella
Ao beijar os labios d'Ella!

*Vossos amores, Senhora,
Assi matam docemente
Que a morte se não sente...*

Podeis matar-me, Senhora!...

SAMUEL MAIA

Questões sociaes

II

Pretender uma unificação das religiões existentes é, a nosso ver, o mesmo que pretender combinar forças que por si se destroem.

A esta asserção decerto que não se oppõe o modo de pensar de Spencer, quando affirma que as crenças as mais oppostas teem de ordinario um principio commum; assim entre o selvagem que admite que a sua vida e os seus bens estão á mercê absoluta do seu chefe, e o anarchista que nega o direito de governo seja elle autocratico ou democratico, a analyse encontra-lhe uma opinião commum em vez do antagonismo completo e inconciliavel que á primeira vista parecia haver: é que ha limites que as acções dos individuos não devem transpôr; para uns esses limites tiram a sua origem da vontade real, para outro elles são corollarios dos direitos eguaes dos cidadãos.

Nem egualmente vem destruir este nosso modo de ver, a asserção mais restricta do mesmo escriptor: que as crenças religiosas que teem existido e que existem repousam sobre um facto ultimo, tendo todas um fundo de verdade que constitue o seu elemento commum.

Porque é certo que a uma tal unificação se oppõe a heterogeneidade dos elementos que constituem as

diversas religiões, inconciliáveis mesmo debaixo da fôrma elastica do symbolo, que conservando os nomes transforma as ideias adaptando-as ás novas conclusões da sciencia.

Emquanto ao apparecimento d'uma nova religião é o proprio Hartmann na "Religião do futuro,, que reconhece a difficuldade em responder se ha ou não probabilidades de n'um futuro proximo ver surgir uma força creadora capaz de dar vida a novas forças religiosas. Porém a difficuldade não o detem, e diz, não só não se poder negar d'uma maneira geral o apparecimento d'uma nova religião; mas ainda affirma que essa religião para ser universal deverá representar a synthese da evolução religiosa do Oriente e a do Occidente, da evolução pantheista e da evolução monotheista. Herbert Spencer é talvez mais logico nas suas conclusões, embora não sejam por nós perfilhadas.

Spencer pretende demonstrar que a Sciencia e a Religião exprimem os lados oppostos do mesmo facto, a primeira do lado proximo ou visivel, a segunda do lado longinquo ou invisivel.

E diz que as ideias fundamentaes da Religião, assim como as ultimas ideias da Sciencia, se reduzem a puros symbolos e nunca a noções do real. Assim as religiões diametralmente oppostas pelos seus dogmas officiaes concordam em reconhecer tacitamete que o mundo com tudo o que elle contém e com tudo o que o cerca, é um mysterio que quer uma explicação; e as ideias ultimas na Sciencia são todas representativas de realidades incompreensiveis.

O eminente philosopho inglez, pondo de parte o codigo moral, que diz acompanhar toda a religião,

affirma que uma crença religiosa pode definir-se como sendo uma *theoria à priori* do universo; e debaixo d'este conceito especial pretende não só reconciliar a religião com a sciencia mas ainda mostrar a necessidade da sua perpetuidade.

Affirma mais que a Religião e a Sciencia são necessariamente correlativas e representam dois modos antitheticos da consciencia que não podem existir separados; são como que os polos positivo e negativo do pensamento.

Admitte a existencia do absoluto não como uma pura negação, e diz que se comprehendido o principio de que o conhecimento positivo não abraça e nem nunca poderá abraçar todo o dominio do pensamento possivel, resulta que o conhecimento não pode monopolisar a consciencia; e se o espirito tem sempre a possibilidade de fazer convergir a sua attenção para o que ultrapassa o conhecimento, deve haver sempre, no dizer do grande philosopho, lugar para a Religião porque ella sob todas as suas formas se distingue de todas as outras crenças, porque toma por objecto o que passa além da esphera da experiencia.

E' bem de ver que Spencer não pensa em unificar religiões nem tão pouco em assentar bases para o apparecimento d'uma religião.

Affirma sim, que na realidade a religião é uma, e que a sua desharmonia com a sciencia não tem sido mais do que uma resultante da imperfeição d'uma e d'outra; e que quando na sciencia se convencerem que as suas explicações são proximas e relativas, e na religião: que o mysterio que ella contempla é absoluto, reinará entre ellas uma paz permanente.

Porém, para nós a religião não é o mesmo que para Spencer.

Não queremos desconhecer os elementos distinctivos e essenciaes de toda a religião positiva e historica e não queremos egualmente confundil-a com a metaphysica, nem com a moral, nem tão pouco com a metaphysica e com a moral.

Para alguns escriptores encontra-se facilmente uma unidade em todas as concepções religiosas quando se olha para a ideia que ellas fazem de como que um laço de sociedade entre o homem e poderes superiores.

E assim segundo elles o homem torna-se verdadeiramente religioso quando sobrepõe á sociedade humana uma outra sociedade mais poderosa e mais elevada, uma sociedade universal e por assim dizer cosmica.

Definem pois o ser religioso como sendo um ente sociavel não somente com todos os seres vivos que a experiencia os faz conhecer como tambem com aquelles que só vivem no mundo do pensamento.

A principio a religião, a nosso ver, tem uma base toda positiva e natural, depois torna-se o apoio da justiça social, indo beber a sua autoridade á sociedade superior.

Tornado Deus o principio mesmo do bem, o ideal personificado, o amor de Deus, como muito bem nota Guyau, acabou por ser o amor da moral, virtude em seu primeiro grau, e sanctidade na sua perfeição. O acto interno da caridade tornou-se o acto religioso por excellencia onde se identificam a moral e o culto interior; as obras e o culto são a simples traducção fóra do acto moral.

Pretender pois um periodo de renovação pelo apparecimento d'uma nova religião é não querer ver a falta de elementos creadores e constitutivos, querer desconhecer não só a lei da evolução mas ainda exigir um retrocesso na historia.

Diremos pois como um illustre sociologo:

As religiões envolvendo-se no manto augusto da eternidade, descerão inanimadas ao pantheon da historia, onde a posteridade, talvez agradecida, lhe levantará o condigno monumento e gravará o merecido epitaphio "*Succedit Humanitas*„.

Para complemento d'este artigo procuraremos demonstrar em um dos proximos numeros d'esta revista o erro d'aquelles que pensam que a moral está tão intimamente ligada á religião que pretender separal-a é o mesmo que pretender corrompel-a.

Coimbra, Janeiro de 97.

PATRICIO JUDICE.



EVOLUÇÃO LITTERARIA

I

Não vae longe o tempo em que os estudos sociaes eram desconhecidos; a antiguidade teve, verdade seja, o seu *nosce te ipsum*, mas este conhecimento não passava da restricta area individual.

Em Litteratura, por exemplo, poderia discutir-se a biographia de tal auctor, se elle tinha nascido n'esta ou n'aquella cidade, se a sua obra tinha sido publicada em tal ou tal anno, mas não procuravam saber nem as condições mesologicas que influenciavam 'o seu espirito, nem tão pouco o peso social que teve a sua obra. Esta gloria cabe a Taine.

As modernas concepções da sciencia têm levado á conclusão que os phenomenos que se dão no seio das sociedades, têm umas leis que os regem.

Entre elles ha uma relação intima, uma conexão profunda e assim todos os tractos d'uma epocha ou estadios d'uma civilisação formam conjunctamente um systema tão ligado, que variando qualquer d'elles, arrastaria consigo todos os outros.

E' o que Taine chamou a *lei das dependencias mutuas*.

Ou seja a acção social actuando da periphèria para o centro, ou a reacção individual caminhando do centro sobre a periphèria, qualquer abalo que se dê n'um agrupamento identico de phenomenos sociaes, resentir-se-hão immediatamente todos os outros; cada

agrupamento terá decerto a sua vida propria, em si mesmo terá a sua razão d'existencia—a natureza humana—, mas as mesmas leis geraes os hão-de reger a todos.

Faz-me lembrar a sociedade uma vasta porção d'agua; aqui como lá o deslocamento d'uma molecula importa o deslocamento da massa total.

Mas não ha estacionamento na sociedade; pelo contrario, os seus elementos agitam-se, casam-se n'uma chimica extranha, seguem indefinidamente n'um regirar constante. Não são como as aguas estagnadas exhalando miasmas; decorrem ora entre floridos vergeis, ora entre alcantis abruptos.

Foram estes factos que permittiram a Herbert Spencer formular nos "Primeiros principios," a lei, a que chamou da Evolução e que da fórmula seguinte definiu: *A evolução é uma integração de materia acompanhada d'uma dissipação de movimento, durante a qual passa d'uma homogeneidade indefinida e incoherente, a uma heterogeneidade definida e coherente, e durante a qual tambem o movimento retido soffre uma transformação analoga.*

E peze embora a Denys Cochin que no prefacio do seu livro "A Evolução e a Vida," diz fallando d'esta theoria: *A evolução é uma pura hypothese, uma affirmação sem provas, singularmente ousada, tendendo a nada menos que a fazer entrar na mesma serie continua todos os phenomenos quer vitaes, quer materiaes, quer psychicos;* o certo é que ninguem no estado actual da sciencia pode contestar a theoria da Evolução que como se sabe originou a lei do Progresso.

Effectivamente esta theoria, applicada a principio sómente ao estudo da parte physiologica dos organis-

mos, applicou-se depois á parte psychologica do homem. Da evolução organica deduziu-se a evolução no psychos; a ella se sujeitaram todas as faculdades animicas. Do homem avançou-se para a sociedade e assim essa lei se applicou ao mundo social.

Evoluciona-se o espirito humano: evoluciona-se a sociedade.

Sem duvida a obra considerada em relação ao seu auctor é o signal comprehensivel do seu espirito, e participando o effeito da natureza da causa, todas as manifestações do espirito humano se hão-de evolucionar e necessariamente á mesma lei está sujeita a obra litteraria.

O cunho quasi impessoal cederá o passo á exhibição da personalidade do artista e é decerto esta personalidade que constitue o seu principal valôr; de menos complexa a obra adquirirá complexidade maior, e cada vez será mais consciente.

Consideremos porém a Litteratura no seu conjuncto.

Já Spencer ao estudar nos "Primeiros principios," a lei da Evolução, constatava esse facto com respeito á Litteratura; e todos os auctores são concordes em affirmal-o, quer considerem com Morice a ideia esthetica completamente independente de toda a acção exterior, tendo vida propria e tendo em si uma força secreta d'expansão, quer subordinem com Gustave Le Bon a ideia esthetica a uma epocha ou uma raça, que sendo differentes, tambem ella deve constantemente variar.

Se analysarmos com effeito os sentimentos mais importantes veremos que mudança têm soffrido.

O sentimento da natureza, por exemplo, que pareceria á primeira vista dever ficar invariavel, não é já hoje o mesmo que na antiguidade. Para vêr isso bastará comparar Homero, Lucrecio ou Virgilio, com Shakspear, Milton ou Hugo. (1)

Todos os movimentos do coração, sejam quaes forem, na nossa epocha tornam-se mais reflexos e mais philosophicos e a litteratura que os exprime soffre uma transformação analoga. O Amor, fonte por sem duvida d'um sem numero d'emoções, de puramente physico espiritalisa-se e o homem intelligente prefere o prazer intellectual ao gozo grosseiro e animal.

Assim como na origem da pintura moderna se colloca a *Pintura religiosa*, e d'ella se vão successivamente desintegrando a *Pintura mythologica*, *Historica*, *Jonica*, *de Genero*, *d'animaes*, *de paysagem*, *de natureza morta*; e cada uma d'estas fórmulas successivas, nos appareceu na sua origem como um desmembramento, e no seu desenvolvimento como uma extensão da precedente, assim tambem em Litteratura, um Genero se forma do resto de varios outros, e a differenciação d'esses generos opera-se na historia como a das especies na natureza, progressivamente, por transição do uno ao multiplo, do simples ao complexo, do homogeneo ao heterogeneo, graças ao principio que se chama da divergencia dos caracteres. (2)

(1) Guyau, Problèmes de l'Esthétique Contemporaine.

(2) Brunetière, L'Évolution des genres dans l'histoire de la litterature.

Se considerassemos, por uma abstracção do nosso espirito, os phenomenos litterarios, independentemente, formando um campo á parte, ainda assim se evolucionariam, porque era uma necessidade do espirito humano o evolucionarem-se. De facto o homem na eterna cruzada para a conquista da Felicidade, "este thesouro das Hesperides, como diz um auctor, que desde a aurora da historia os povos têm proseguido, traz inherente á sua natureza a insaciabilidade e a novidade.". "Está bem onde não está.", diz o proverbio popular, e assim é com effeito.

Concebe-se uma obra, executa-se, e depois d'executada, os defeitos surgem, as imperfeições antolham-se; onde ha pouco existia uma correcção de linhas, levanta-se agora uma imperfeição; um defeito surge onde se divisava uma qualidade apreciavel.

Em conclusão: os phenomenos litterarios estão sujeitos á lei da Evolução.

Vejamos, porém, porque fórma se dá essa transformação, e se é a sociedade que determina o *modus agendi* do artista, ou se é o artista que guia a sociedade.

Tal será o assumpto da continuação d'este artigo que publicaremos no proximo numero d'esta revista.

DONA GIOCONDA

Foi nos tempos da Tavola-redonda,
E terrados cobertos de luar,
Que a loira princezinha Gioconda,
Fugiu n'uma galéra pelo mar.

E n'essa noite pallida e macia,
Cheia de Lua, cheia de disvelo,
Vinha a agua bater serena e fria,
Nas paredes dentadas do castello.

A galéra voava pelo mar,
— Um crescente de Lua sobre a onda—
Levava dez escravos a remar,
A loira princezinha Gioconda.

Lá se vão a finir nos seus terrados,
Cem poderosos reis bellos e loiros,
Que tinham cofres gothicos lavrados,
Cheios de finos e reaes thesoiros!

E as amorosas lendas na esplanada
Cheia de luz e perfumada a nardo,
Ouvindo a agua a soluçar, magoada,
Amaviosas queixas d'algum bardo!

E as noites de sarau no salão nobre
Com cinzelados gregos rendilhados,
Duquezas senhoriaes que a seda cobre,
Em ternuras errantes de noivados!

Finou-se n'um torreão acastellado
Com ogivas abertas sobre o mar,
O rei mais leal e namorado,
Que inda donas tiveram para amar.

D. Duardos, o conde mais loução,
Dos lendarios condados d'Allemanha,
Mandou arautos a pedir-lhe a mão,
Sob um pallio de rendas da Bertanha.

Vieram reis e um moço trovador,
De peito ao vento como um infanção,
Vinha, ás noites, contar o seu amor,
Ao luar mysterioso do balcão.

Tudo deixou pelo gentil pastor,
Que na collina apascentava o gado,
E que á hora saudosa do sol-pôr,
Tirava á fruta um doce som magoado.

Para o vêr, galgou torvos boqueirões,
Nas noites negras em que o medo espanta
Em côro, nas florestas, os ladrões,
Cantavam orações á Virgem Santa.

Juncaram d'almenáras os montados...
D. Rodrigos, da torre de Barbante,
Mandou pagens por todos os condados,
Para matar a princezinha errante.

Ai! loira princezinha tão constante,
Se não desapareces sobre o mar,
Vae o teu coração tam fino e amante,
Sobre uma pedra fria a degolár!...

JOÃO GRAVE.

FLOR DO MYSTERIO

(EXCERPTO DO CAPITULO 2.º)

Que delicia não seria a vida d'então.

Esta phrase crua, em critica á *Femme au XVIII siecle*, apaixonadamente atirada do alto de um *fauteil* de sêda amarella, onde a Condessa se anichara voluptuosa e indolente, sobresaltara como tantas outras vezes, o espirito de Julia, que até ao brusco despertar, religiosamente seguia os inspirados conceitos da *Imitação de Christo*, o mais sublime poêma d'affectos e consolos, mais parecendo ter sido obra d'um anjo do que d'um humano.

Julia, suffocada a primeira impressão, repellida como brasa que sobre a pelle lhe cahisse, murmurou em prece,—echo d'um coração de monja:

—A vida só é vida, quando se tem por guia na estrada a ideia de uma missão a cumprir. E para isso temos de viver para dentro, n'uma contemplação intensamente espiritual, que os clamores do mundo não consigam interromper, por mais stridentes e repetidos.

E accentuou a sua antipathia por esse seculo, que viveu pelos olhos, em banquetes de luz e som: tenebroso como seria para uma noviça o ruido d'um baile.

Esse livro que a deixava indifferente, mais a persuadia que o coração é a fonte pura e unica das grandes obras.

A seccura d'affectos, mata as almas, como a falta de seiva as mais robustas arvores.

A piedade deve ser o alimento de nossas almas — dizia — de mulheres, tão fracas e cheias da ancia do mysterio.

A' força de olharmos para o céu, este abrir-se-ha para allumiar-nos: n'elle veremos a flor do nosso destino, que sempre nos seguirá. Um dia sonhei... e calou-se, voltando á immobildade d'estatua. A visão tornava mais viva a accender-se no coração d'aquella rapariga doce e pura, uma inspirada decerto, que pelo isolamento e meditação de si, formara uma alma celeste, na incompreensão das outras que despresava. Tivera a intuição da vida, n'uma alvorada da fé.

Seu rosto tinha uma expressão de tal modo intensa, que quem a visse adivinhava logo a energia e alheamento d'aquelle coração novo, cheio de puros anceios. E seus olhos verdes, a fallar-nos do alem, tinham toda a meiguice de quem anda em prece, á procura de qualquer cousa superior, sem ver a baixeza da vida.

Cedo orphan de pae, foi entregue a sua educação ás freiras do convento de S. Domingos.

Do tempo da sua infancia, antes de entrar no recolhimento, pouco se recordava.

Ficaram-lhe, no entanto bem gravados, a phisionomia grave e triste de seu pae, que a enchia de caricias e a quasi indifferença de sua mãe na morte d'aquelle.

Os primeiros tempos do collegio, passara-os como passam todas as creanças, n'uma despreocupação e alegria, quasi continuadas.

Quantas vezes invejava agora, esse ingenuo tempo em que nada se sabe da vida, em que não ha flôres mais bellas que as do nosso jardim, nem outras dores que não sejam as do corpo.

Foi crescendo e começou a sentir e a magual-a o quasi despreso de sua mãe que só via de fugida de mez a mez e teve uma quasi revolta contra o aprisionamento em que a tinham, pois que até as férias passava no convento.

Esta impressão dolorosa exacerbou-se e aos dose annos, já precocemente educada para a dôr, fez-se-lhe na alma, já bem sensível e entendedora, uma grande tristeza augmentada pela observação d'uma sua companheira, a proposito da pouca amisade de sua mãe.

Muitas vezes, em roda, havia sorrisos e sentia commentarios, que não ouvia, mas que a feriam como espadas nuas.

Os temperamentos morbidos, como os de Julia, teem delicadezas, que em geral se não comprehendem; fere mais a injuria que se suppõe do que a que se sabe.

E' como o medo ás trevas, quando ás claras se affronta, sem tremer, o mais arripiante perigo.

Affastou-se então de todas as companheiras e condemnou-se a um isolamento, não raro povoado de lagrimas.

Sua imaginação concentrada, sem uma expansão, sem um grito, fel-a cahir n'uma mudez cheia de sonhos e visões hallucinantes.



Com uma alma em ancias de affectos e não encontrando nem em sua mãe alma que a comprehendesse e a consolasse, sentia um vacuo atroz e revoltas surgiam, seguidas de terriveis desalentos, como o ambicioso que quer subir e não encontra onde se arrime.

Medonha e atroz escuridão, a do que vive sem um amor a perfumar-lhe a vida, sem beijos a embalar-lhe os sonhos. Peior que o condemnado, que esse ao menos nas horas de opprobrio e desalento, tem a saudade da esposa adorada, que o recorda com lagrimas e dos filhitos que talvez de longe lhe atirem beijos.

E na infancia da vida, quando tudo nos segreda alegria e até vontade vem de abraçar as arvores, de beijar as flores para as fazer irmãs da nossa innocencia, quão mais angustiosa não é essa falta—travo de desespero que se estende, como um vento de peste pela vida fóra.

Mas mais cruel que tudo, a falta das caricias d'uma mãe. Agouros da desgraça apparecem n'uma reboada tragica e nem se sabe para que se vive.

Almas, vigiadas pelo olhar doce d'uma mãe, são almas presas. Os beijos que nos dá são amparos; suas palavras são estrellas que só se reflectem na pureza dos lagos transparentes.

Uma tarde, Julia, á hora de recreio, notou no jardim uma pobre mulher, rota, desgraçada, que anichada a um canto, segurava nos braços uma creança linda como o sol. Vinha receber a esmola que aos sabbados se distribuia no collegio.

Approximou-se, e cheia de commoção, com uma ancia doce de affectos, quiz beijar a mão da pobre,

que lh'a retirou envergonhada e em arrepios de com-movida. E Julia, pôz-se a amar aquella mulher, com um enlevo de filha.

Feriam-n'a dolorosamente os carinhos que ella tinha para o filhito adorado e desejava ter assim uma mãe.

A' noute, no largo dormitorio, lugubre como enfermaria, quando todos dormiam e ella velava, como tantas vezes lhe acontecia, idealizou, tristemente, como seria melhor pertencer áquella pobre, miseravel, que estremecia seu filho n'uma adoração de santa do que a sua mãe formosa e invejada.

E lembrava os excessos de ternura, dos outros no salão, quando as familias vinham ver as suas recolhidas. Os abraços apertados, os beijos repetidos, as mil confidencias trocadas; gente que vestia mal e que vinha a pé de bem longe.

E sua mãe chegava, entre mil respeitos, cheia de riqueza, n'uma vistosa carruagem, mas recebia-a com um beijo de gelo e depois de algumas palavras trocadas com a superiora, retirava-se sem uma caricia, substituindo-as por um sacco cheio de golodices tentadoras, que tantas outras invejavam. Mal imaginavam essas, que a invejavam, o desejo enorme que Julia sentia de se lhes egualar, de ser como ellas.

Muitas, de longe, recebiam cartas, e ella ás escondidas lá ia ás gavetas, e lia-as soffregamente, querendo viver aquelle affecto e planeava cartas sentidas, com o enlevo com que um rapaz escreve a primeira carta d'amor.

Crescia no entretanto a sua piedade exclusiva e ardente; na prece buscava os affectos que lhe faltavam;

as suas comunhões eram ferventes e não raro ficava em extasis, n'um alheamento todo do ceu. Abrigava-se na fé como uma creança no seio da mãe quando tem medo.

Seu vestuario modesto em extremo era sempre de preto, o cabello liso, sem um enfeite, sem um encanto. Sua mãe censurava tal desleixo, mas ella nada ouvia, pois o seu coração lhe dizia que nada havia já de commum entre ellas, que suas almas nunca se abraçariam.

Sua unica distracção eram as conversas dos sabados com a pobre, a quem votava um affecto crescente.

A dor aperta as almas n'um abraço doce—com os laços que prendem as estrellas.

ALBERTO PINHEIRO.



Do poemeto GEORGICA

.....
 Jardim fechado és, irmã
 minha Esposa, jardim fechado...
 Do *Cant. das Cant.*

Dorme ainda o Lavrador o somno solto... Sonha,
 Sempre a florir-lhe o labio a Rosa da Alegria!
 A Lua morre: o Ceo desmaia... Alem, risonha,
 Bimbalha a Estrella-d'Alva a annunciar o Dia.
 E lá comsigo e com Deus
 Vae dizendo e vae rezando...
 — Resa, enquanto vae lançando
 Sobre a Vinha os olhos seus... —

Chegou a Era da Paz: — na minha Casa
 Mora a Alegria!... A Dôr ficou de fóra!
 D'ella e do Mal nem já me lembro agora,
 Que eu fiz de toda a Vida taboa-rasa...

Parece que me tem Nossa-Senhora
 Debaixo da sua Mão, da sua Asa!
 Que a gente faz-se bom, quando se casa...
 Ou nos faz bom A que comnosco móra!

Trouxe a Abundancia, a F'licidade trouxe,
 No seu regaço, a suspirada, a doce
 Terra-Sancta, onde a Vinha cresce em flor!

— Terra sem fragas! Terra sem abrolhos,
 Que eu vejo, de continuo, ante os meus olhos
 A dar-me o Fructo do meu Sonho: — o Amor.

Aveiro — 8/2.º/97.

CARLOS DE LEMOS

POLITICA INTERNACIONAL

I

CUBA

Debate-se hodiernamente uma questão, cuja importancia logo salta aos olhos, desde que se attente, que n'ella se joga o futuro de dois povos—a independencia d'um e a ruina financeira d'outro—e que pode trazer envoltos consigo conflictos internacionaes de gravidade, afóra questões de menor monta.

Muito se tem escripto sobre este assumpto mesmo em Portugal.

Mas, cá, n'este pequeno paiz, onde todas as questões são quasi sempre tratadas superficialmente, só a teem visto pelo lado do sentimento, ou pelo lado material das forças de cada um dos combatentes.

Mas n'estas questões internacionaes, o sentimento nenhum valor deve ter e nem sequer deve ser mencionado.

Que importa que a Hespanha seja nossa amiga, nossa irmã, se por Cuba está o Direito? Calle-se, pois, o sentimento;—ouça-se quem se deve ouvir.

Deixemos tambem agora a questão material das forças.

Ha-de vencer quem tiver pelo seu lado a Justiça! Hoje, amanhã, ha-de vencer!

Este artigo, portanto, vem só a provar que Cuba tem por si a Rasão, o Direito, a Justiça!

* * *

“Cada nação deve formar um Estado independente, todas as partes d'uma nação devem ser reunidas n'um só Estado.”

Eis um principio politico que todos os publicistas, desde Augustin Thierry a Blunstchli, desde Pi y Margall a Oliveira Martins, têm proclamado e que a historia brilhantemente confirma.

Tão claro, tão preciso, impõe-se tanto á nossa Razão que desnecessario é esclarecel-o e proval-o:— applicuemol-o.

O que resta dizer é:— quaes os caractéres que fazem d'um povo uma nação, quaes as condições insuppriveis para a sua existencia.

Aqui, cada escriptor, cada theoria. Communiidade de linguagem; unidade de raça; unidade geographica; solidariedade activa e passiva; character dos povos; synthese historica; vontade nacional; consciencia popular; vontade divina; producto da raça, do meio geographico e climatologico e das circumstancias historicas; personalidade consciente, socialmente constituida e exercendo uma função propria na cooperação universal; unidade de direito e unidade de religião:— taes as theorias até hoje apresentadas.

Não queremos, nem mesmo podemos, analysar agora cada uma de per si. Mas, facil é, ainda assim, descortinar entre aquelle labirinto, quaes as condições que procuramos.

Decerto que pomos logo de parte a phantasia de Laurent sobre a vontade divina e que as theorias da communiidade de linguagem—theoria esta de que os allemães principalmente se serviram para justificar a espoliação que fizeram da Alsacia Lorena,—da unidade geographica, da unidade de raça, da vontade nacional, da consciencia popular, do character dos povos, e da unidade de direito e religião se lhe seguem immediatamente.

Muito tem sido discutidas todas estas theorias, mesmo, segundo nós, com maior desenvolvimento de que são dignas.

O erro principal de todas ellas é servirem-se d'um só elemento para caracterisarem a nacionalidade.

Só tres nossos compatriotas se aproximam da verdade, indo procurar á reunião de varias theorias, a sua;—Antonio de Serpa e Oliveira Martins querendo que a nação seja um producto da raça, do meio geographico e climatologico e das circumstancias historicas,—o sr. dr. Garcia querendo ver n'ella uma personalidade consciente, socialmente constituida e exercendo uma funcção propria na cooperação universal.

Mas não nos demoremos em discussões que n'um pequeno artigo não cabem.

Desde que haja um certo territorio, bastante povoado, cujos habitantes teem, mais ou menos, commnidade de raça, de linguagem, de interesses materiaes e intellectuaes, teem elementos para viver por si, e consciencia do que são e devem ser, ahi está uma nação.

“La nationalité est le couronnement d'une longue évolution, comme la fleur est le produit du développement de la plante. Les hommes sont d'abord associés par le lien politique. Quand il se fut établi au sein des groupes une somme de justice plus ou moins suffisante, ces individus commencèrent á sentir nue solidarité matérielle. Plus tard, par la satisfaction mutuelle des besoins psychiques, une solidarité mentale se superposa à la solidarité matérielle.” (1)

N'estas condições está, sem duvida alguma, Cuba.

(1) Novicow, *Les luttes entre sociétés humaines*, pag. 248.

Ainda mais: seguindo-se a theoria de Pi y Margall ella tem direito a ser livre, porque o quer ser; e ainda que se adopte a do character dos povos, não é difficil de provar, a differença existente entre o character dos cubanos e dos hespanhoes.

A diversidade de interesses entre Hespanha e Cuba, —diversidade que não admitte contestação, pois toda a gente sabe quanto a Hespanha explorou esta sua colonia, (1) —vem ainda ajudar-nos muitissimo na nossa demonstração.

E nenhum dos caractéres que acima apontamos falta a Cuba!

Que ella tem elementos para não precisar de tutela, é bem evidente, e bem o mostra a sua densa população n'um territorio fertil, e dotada de grande actividade—p'ra não fallar já do muito que a metropole d'ella tem aproveitado.

Que os cubanos têm a consciencia do que são e do que devem ser, ahi está essa guerra tremenda que se está debatendo e em que os insurrectos têm mostrado uma valentia e um patriotismo não vulgares, em epocas de desmoralisação e egoismo.

Sim! Cuba é uma nação, e como tal tem direito a constituir-se em estado independente!

Quasi todos os escriptores modernos são concordes em reconhecer que a biologia fornece muitos elementos para a investigação e explicação dos phenomenos sociaes. E sem duvida, se attendermos á clas-

(1) Cuba dá todos os annos para Hespanha perto de 150 milhões de francos. Vej. Reclus, *Geog. Univ.*

sificação das sciencias, quer seja a de Comte, quer seja a de Spencer, e á lei, que De Greef tanto poz em fóco, da interdependencia de todos os phenomenos, não podemos deixar de seguir o mesmo processo, tendo comtudo o cuidado de não o exagerarmos.

Comparemos com attenção o Estado ao Indivíduo, e vejamos que muitas das leis a este applicaveis, o são tambem áquelle, que em ambos se dão identicos factos.

E logo nos fica a convicção de quanto é verdadeira a concepção da sociedade como um organismo — concepção que, parece-me, só Laveleye, Tarde, Leroy-Beaulieu, Garofalo e Gumplowicz regeitam; mas sem deixar de ver quanto ha de especial n'esse organismo.

A sociedade é, pois, um organismo *sui generis*, como muito bem disse De Greef. No Estado, como no homem, ha os mesmos periodos de desenvolvimento.

Emquanto na menoridade, está o homem debaixo do poder paternal ou da tutella; quando chega á maioridade, isto é, ao periodo em que attinge o uso pleno da razão, em que já pode governar-se por si, fica livre.

No Estado deve dar-se, e dá-se effectivamente, como a historia nos mostra, o mesmo que no homem.

Cuba emquanto estava atrasada e sem elementos para se governar, estava sob a tutella de Hespanha; agora que já attingiu um grau adiantado de civilização, que já pode governar-se por si, tem direito a ser livre e a oppôr-se á exploração que d'ella fazem.

Dir-me-hão talvez: "Mas a Hespanha, que tanto dinheiro gastou ao principio em Cuba, não tem direito agora a receber d'ella alguma coisa?,"

Não, não tem. E começemos a proval-o, servindo-nos do nosso anterior argumento. Os que exercem o poder paternal ou a tutela também teem direito a receber alguma remuneração pelo seu trabalho e pelo dinheiro que, durante o seu cargo, com elles gastaram? Não. Hespanha, portanto, também o não tem.

Demais, já tem tido tempo de se indemnisar...

E se quizesse mais tempo, seguisse o exemplo da pratica Inglaterra, que concede ás suas colonias bastante liberdade, as deixa, quasi, dirigir-se a si proprias, e as vae explorando, sem ellas mesmo sentir.

Agora, ainda que siga este systema, como Pi y Margall e outros hespanhoes querem, já não pode parar a corrente.

Mas porque é que a Hespanha se apoderou de Cuba, lhe enviou os seus colonos, e lá introduziu a sua lingua, costumes, etc.? Foi por mero egoismo?

A Hespanha, estamos certos, não se atreverá a affirmal-o.

Decerto dirá que a principal causa que a levou áquelles factos foi o prestar um serviço á civilização. Para que vem, pois, pedir agora indemnisações?!

Cuba tem pleno Direito de se revoltar, de se constituir em estado independente, de se tornar um povo livre!

E como tem pelo seu lado o Direito, a Razão e a Justiça, hoje, amanhã, ha-de vencer!

BARBOSA DE MAGALHÃES, FILHO.

A uma senhora com quem andei d'amores
e ora me pede uns versos

Que te desse os versos meus
Um dia Amor me disseste;
Mas p'ra que? se já os leste.

Não são meus os versos meus;
São d'alguem que uns olhos tem
Em tudo gemeos dos teus.
Dar-t'os, senhora, seria,
O que me resta de bem
D'esse Amor que me tiveste,
Era dar-te o que n'um dia
Dos teus olhos tu me deste.

Bem melhor e mais expressos
Quando no espelho te vires,
Encontrarás os meus versos
Cheios do sol de um bom dia;
E como no espelho te mires
Desde que ao mundo vieste
Lel-os, senhora, seria
O que no espelho já leste.

Coimbra.

ANTONIO MACIEIRA.

Fausto Guedes Teixeira

A OBRA

Pequena a Obra do Fausto em quantidade, é todavia enorme em qualidade, pela identificação da dôr dos outros na propria dôr, pela verdade de sentimento, pelo arrojo da phantasia.

Disse eu algures que os seus versos eram profundos como sulcos de espada e que reflectiam uma grande dôr soffrida, parecendo brotar d'uns labios espirrando sangue. Objectou-me então alguem que essa dôr não era mais que affectada, porque o Fausto não tinha nenhuma doença. Esse alguem ou estava de má fé ou desconhecia os doentes de imaginação, aquelles que sem causa apparente se estorcem na supposição, ás vezes, das mais exquisitas doenças.

E' um caso psychologico que, estou em crêr, a sciencia medica ainda não explicou. Estes não soffrem menos que os verdadeiros doentes, a sua dôr não é menos real. A consciencia da dôr existe—seja no proprio individuo por motivos desconhecidos, seja apenas o reflexo da dôr dos outros, d'aquelles que nos são caros, ou mesmo, por um excesso de sensibilidade, dos desconhecidos de quem sabemos as agonias. O mal está no cerebro; é uma dôr sonhada que muitas vezes tem o seu quê de goso, quando reveste a fórmula de saudade. Saudades de quê? Sabe-se lá!...

O Fausto pertence a este numero de doentes. A sua arte é gritada; mais de soluços do que de palavras. O que admira principalmente na sua obra é o cunho individual, alheia a influencias, toda d'elle.

Assim o *Livro d'Amor* surgido n'uma epocha de completa desorientação artistica, quando o desvairamento dos espiritos tinha chegado ao maior auge, conservou-se extranho a essa aberração do senso esthetico que alheou muitos talentos fazendo-os correr atraz de lentejoilas na doce illusão de serem estrellas. Porque rasão Guedes Teixeira não foi tocado de igual desvairamento, elle que tem uma organização requintada, doentia, muito propensa a tudo que seja novo, imprevisto? Foi exactamente essa ancia de originalidade que o guardou. Quando Guedes Teixeira arrivou a Coimbra que era o fóco da nova escola, já todos os moços que ás lettras se entregavam, tinham feito profissão de fé n'essa nova arte. Se fosse com os outros não seria original, não passaria da imitação. Salvou-o o instinto, porque eu quero crêr que n'essa epocha ainda elle não tivesse a consciencia da sua maneira de ser artistica. A formula esthetica que ia desenvolvendo nos seus versos ainda a não tinha achado. Existia n'elle como aptidão, que depois o estudo fructificou. E estuda o Fausto? Sim: em si mesmo, mais do que nos livros.

Mais tarde o espirito já amadurecido disse-lhe, sem duvida, que tinha andado bem. Assim na *Mocidade Perdida* diz elle:

“Palavras ! para quê !

.....

“Nas palavras vem já a alma arrefecida,”

É esta a característica fundamental da sua arte — ideias sobre tudo. Pertence á phalange dos artistas expressivos. E como a nova escola — *Symbolismo*, *Decadentismo*, ou como lhe queiram chamar — é um des-

dobramento do *Parnasianismo*—arte decorativa que attende mais á forma do que á ideia, arte fria que não põe em jogo as paixões humanas, nunca por nunca podia ser a arte do Fausto, todo fogo, todo sentimento. Entre os seus dois livros—*Livro d'Amor* e *Mocidade Perdida*—ha uma grande differença que pode resumirse n'isto—o primeiro é um livro mais do coração (sentimental), o segundo é um livro mais do cerebro (intellectual), o que não exclue o sentimento. Mas tirada esta differença teem ambos o mesmo fundo psicologico, reflectem a mesma alma, embora no *Livro d'Amor* haja ainda uns resaios de juventude, incertezas, aspirações vagas, emquanto que na *Mocidade Perdida* o vigor de traços indica a plena maturação.

Nada mais bello do que a poesia *Mãos Erguidas*. E' talvez de todas as poesias, sobre ser a melhor, a unica, me parece, cuja dôr não é um resultado da imaginação, mas d'um motivo real, palpavel—a agonia da sua amada quasi ás portas da morte.

Elle não comprehende que ella tão nova—*dezesete annos só!*—lhe morra.

Parece-me vê-lo de joelhos junto da Agonizante, resando e blasphemando ao mesmo tempo, o olhar estalado a saltar fora, as mãos crispadas, torcidas; vagas de suor frio percorrendo-o, arripiando-o como se a campã se abrisse ali mesmo para A sorver! Virase para Deus, promette fazer-se christão, mas depois d'estas supplicas doridas rebentam rajadas de gritos, de soluços. Resigna-se agora, para se estorcer immediatamente n'um desespero supremo. Depois offerece-se em holocausto; pede a Deus que lhe dobre as suas dôres com tanto que allivie as d'Ella. N'este caso o

seu sofrimento será doce. Mas Deus não attende, e como os rogos feitos em seu nome nada valem, pede pela mãe d'Ella, pede em nome de todas as mães! Mas tudo é inutil; Ella continua agonizando, então pede á Virgem Maria em nome do seu Filho e pede a Jesus em nome de sua Mãe. Inutil. Depois como perde toda a esperança lembra-se que morta Ella os vermes hão de tocar o seu corpo virgem e revolta-se gritando n'uma angustia cheia de raiva:

*“Beijarem vermes seu labio vermelho!...
Premir seu corpo n'uma fria lousa!...
Matae-me antes a mim, inutil, velho,
Que sendo a terra, serei qualquer coisa.”*

N'esse momento não sei qual seria maior a agonia—se a d'Ella se a d'Elle. A d'Elle sem duvida porque tinha a consciencia da sua dôr, emquanto que ella era provavel que já nem a sentisse.

A vida está ali, o mundo é Ella, de modo que ao vir á janella enche-se de indignação ao ver rir a turba dos que passam como se a elles não lhes bastassem as proprias dôres quando as teem.

*“Mas aonde é que vae toda essa gente
Calma e alegre no seu doido ardor?
Elles não sabem que Ella está doente...
Ai! que está para morrer o meu amor?”*

Só a transcripção completa da poesia podia dar idéa d'essa grande dôr, mas isso é impossivel.

A poesia—*Eu*—como arte é extraordinaria e quente bella, mas é menos humana, a sua psychologia é exotica, rara, verdadeira talvez no Fausto, mercê da sua

organisação estranha, mas o que é certo é que no seu fundo é falsa, e quem não conhecer o Fausto pode julgar-a resultado d'uma preocupação—a de ver tudo differentemente dos outros. E' certo porém que elle deseja ser tudo aquillo que não é, e ter aquillo que não tem, e como é doente, odeia raivosamente tudo que é forte e são.

*“Odeio tudo que é eterno e são:
—O Ceu com chagas o meu peito junca!
Ao que é robusto falta o coração;
E é só eterno o que não viveu nunca.”*

Parece que de toda essa poesia, verdadeiro, em em absoluto, ha apenas o seguinte verso:

“Paixão não é paixão se demonstrada.”

Com effeito o apaixonado não raciocina, se tal faz não está apaixonado. Isto não é d'hoje, nem d'hontem. Já os antigos representavam o Amor cego.

Sobre outra poesia — *As Cathedraes*, já eu disse d'outra vez o seguinte: N'aquella poesia adivinha-se, apalpa-se mesmo, toda a lucta ignorada, lenta e tenaz, dos milhares de braços *a que se prendiam corações* que ergueram aos ceus os marmores em columnatas altivas, em cupulas que assombram pela audacia do genio, que humilham pela arrogancia onde parece bailar um sorriso de escarneo, de desafio, ao Jehovah das Santas Escripturas, creador e destruidor dos mundos.

Uma obra d'Arte, uma obra de genio é um cartel do Homem arremeçado á Divindade.

E tem talento aquelle que comprehende uma obra d'Arte, aquelle que não esmorece nunca, que nunca

se fatiga ao acompanhar todas as curvas do condor-imaginação, no seu vôo rasgado, amplo, pelas regiões do Intangível. Assim fez o Fausto.

*“E quem sabe se a alma que hoje tenho
Viveu também na rocha que ali medra?”*

Reparem como o poeta irmana a sua Alma, irmana a sua Dôr, com os artistas que a golpes largos, febris, de cinzel, abriram flores, dando vida á pedra fria, inanimada. A identificação é tão perfeita, tão completa, que o Fausto na mesma communhão da Arte, do Ideal, julga que foi a propria Alma que lá ficou esfacelada, estilhaçada, sangrando por aquelles florões a cabo, e que depois d'uma serie de transmigações se veiu abrigar no seu corpo fragil.

Impossivel transcrever todo o livro, por isso limitamo'-nos a frisar o character da sua Obra. E' expressiva; isto é, tem como elemento essencial os sentimentos e paixões humanas que se reflectem na alma do Fausto. Até nas suas paisagens, (é de notar que elle é um paisagista delicioso) põe a nota psychologica, a febre da sua alma. As paisagens d'elle teem vida; as arvores soffrem como se fossem mulheres de grande sensibilidade.

A sua forma litteraria é classica, com um sabor camoneano nos sonetos; uma belleza!

Finalmente: o Fausto é um grande poeta, um dos nossos melhores poetas.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE.

A PROSTITUIÇÃO

A CARLOS FUZZETA.

E' melindroso o assumpto de que nos vamos occupar.

A burguezia *moralista* não quer ouvir, em publico, fallar d'esta instituição. E' immoral.

“As desgraçadas que patinham no vicio, não são creaturas dignas de attenção, dizem; flores exóticas, o seu perfume só a deshoras é aspirado, só então reinam, mas que reinado?—o da infamia.

Ah! se os bordeis fallassem! ouvirieis dizer que por lá deslisam os representantes e mantenedores da *ordem*, da *moral*, do casamento e da familia; ouvirieis scenas repugnantes de magistrados, de altos barões da aristocracia e da finança, militares graduados, intellectuaes, que, despídos das suas chancellas, descem á reciprocidade do *tu* intimo, descem, descem... Ah! se os bordeis fallassem!

Depois, *Elles*, não mais querem saber da sua existencia.

Que, *Ellas*, se estorçam em mil dores, que a miseria lhes arranque a enxerga, que a syphilis lhes envenene o sangue, que o hospital seja o termo ultimo do seu soffrer, que em summa, os seus corpos—corpos sofregamente beijados outr'ora—sejam estendidos sobre a pedra fria d'algum theatro anatomico, onde a mocidade das escholas lhes vae escalpelar as carnes gangrenadas, que importa, se o *mercado* vae de novo

abastecer-se?! se esse grande monstro—a prostituição—continuará a cevar-se em novas victimas lançadas ás suas fauces!—o que seja dito em honra das mulheres—a maior parte das vezes coagidas pela miseria, ou obrigadas a abysmarem-se pelo abandono dos seductores.

E não se julgue pequeno o numero d'essas infelizes. E' assombroso!

Em Paris o numero das matriculadas não passa de 4:000, mas as prostitutas elevam-se a 60:000, e segundo alguns auctores attingem a 100:000!

Por occasião da ultima exposição de Paris alguns jornaes francezes computaram o seu numero em 200:000 na capital franceza! Em Londres o numero das prostitutas, segundo Oettingen, era calculado em 1869 em 80:000. (1) Em Berlim actualmente contam-se 2:800 inscriptas, mas na opinião de Oettingen, em 1871, havia 15:065, conhecidas ou não da policia, que se entregavam á prostituição.

Em Lisboa calcula-se 10:000 toleradas.

Total das quatro capitaes enumeradas—205:065!

E' digno de attenção o numero, senhores dirigentes.

Mas, que digo? vós, que tendes considerado a mulher como um ser inferior—uma escrava—proclamando a desigualdade dos sexos em vantagem do vosso, nada quereis fazer por essas miseraveis creaturas.

Bem hajam, por isso, as revistas superiormente dirigidas por illustres damas, como a *Revue Feministe*,

(1) Hoje esse numero pode dizer-se duplo em virtude das crises economicas que tem atravessado aquella nação.

de Mad. Clotilde Dissard, e os congressos *feministas*, que se têm occupado largamente e sem escrupulo d'esta miseravel instituição que affecta a sociedade, inscrevendo este assumpto como um capitulo do programma das reivindicações femininas.

Discutem-se as causas que contribuem para a crescente progressão que se nota no numero d'essas desgraçadas de todos os paizes, a prophylaxia contra o contagio pelo exemplo, e sobretudo a regulamentação.

Regulamentação—Sobre este particular vamos fazer incidir a nossa attenção, dando francamente o nosso parecer.

Devemos primeiro advertir que não tomamos aqui a palavra *regulamentação* no sentido especial que lhe deu o congresso feminista de Paris em 1897.

N'este congresso discutiu-se a regulamentação como meio preservativo contra *molestias proprias*, sob a inspecção da policia medica. (1)

Damos mais amplitude ao termo, querendo significar toda a protecção regulamentada que o Estado estabeleça em favor das infelizes creaturas entregues ao vicio.

Mas discutir a regulamentação ou não regulamentação da prostituição é, diz Mad. Dissard, eminente directora da Revista citada, reconhecer esta ultima não só como um mal, mas ainda como um mal necessario.

Temos pois de resolver esta questão previa que Bebel resume nos seguintes termos:

(1) Vid. Actas do Congresso Feminista de 1816, *Revue internationale de Sociologie*, p. 546—1896.

“A prostituição é uma instituição social necessaria do mundo burguez, como a policia, os exercitos permanentes, a Igreja, o patronado, etc... (1)

Em confirmação da these de Bebel vemos em verdade que todos os governos da terra na impotencia manifesta de debellar o mal, o tem tolerado, coincidindo a maior repressão com o maior incremento do vicio o que levou Santo Agostinho, o mais illustre defensor do Christianismo depois de S. Paulo, o mesmo que pregava o ascetismo, a dizer: “Se perseguirdes as mulheres publicas a violencia das paixões destruirá a Sociedade.”

Se lançarmos uma vista pela historia da prostituição na Grecia, como em Roma, vemo-la organisada em nome do Estado que a considerava uma instituição necessaria.

Na idade-media em que todas as profissões eram regulamentadas, a prostituição teve a sua organização corporativa.

Passando da idade-media para o periodo actual vemos a França permittindo administrativamente a prostituição, organisando-a e estabelecendo uma vigilancia policial propria; em alguns Estados allemães, em 1871, existiam casas publicas officiaes e que foram supprimidas por decisão do conselho federal, havendo pouco depois da sua suppressão representações que pediam a reabertura d'essas casas; em Portugal são toleradas intervindo os poderes publicos na regulamentação da policia-medica.

Estes exemplos trazem a convicção ao nosso espirito de que no Estado burguez *orgulhosamente moralista*

(1) Bebel — La femme dans le passé, le present, l'avenir.

o reconhecimento tacito ou expresso d'esta instituição immoralissima, prova que o *mal* não tem sido arrancado do seio da sociedade pela impotencia da propria sociedade.

Reconhecendo a verdade historica d'este principio, o Dr. Wichern, de Hamburgo, o Dr. Patton, de Lyon, o Dr. William Tait, de Edimburgo, e o Dr. Parent-Duchâtelet, de Paris, celebre pelos seus trabalhos sobre prostituição e sobre doenças sexuaes, todos unanimamente affirmam que a prostituição é inextirpavel porque está estreitamente ligada ás instituições sociaes, reclamando, por isso, a regulamentação administrativa.

Se pelo exame historico que acabamos de fazer chegamos á conclusão de que o estado individualista tem reconhecido tacita ou expressamente a existencia d'essa instituição pela impotencia de a extirguir, pela especulação abstracta podemos concluir que a prostituição é inherente á sociedade individualista quer sob—o regimen monoganico—commum a quasi todos estados europeus, quer sob o regimen da polygamia --adoptado por todas as nações suspeitas ao Mahometismo.

Raciocinemos. Pelas estatisticas conhecidas podemos avaliar que a população do globo está aproximadamente dividida em numero igual de homens e mulheres.

Mas restrinjamos mais o nosso campo e examinemos a estatistica da população da Europa.

Não encontramos grande differença no numero dos individuos dos dous sexos, embora a vantagem pouco apreciavel pertença ao sexo feminino.

Representemos por 100 a totalidade da população da Europa e estabeleçamos a proporção:

Homens— 49, — mulheres— 51. Das 51 mulheres, 20 estão matrimoniadas; e como os usos e costumes tem sancionado que *só ás mulheres* é interdito a profanação do leito conjugal, por isso os 20 homens correspondentes que deviam estar acorrentados pelo matrimonio á observancia do *contracto*, vêm fazer concorrência *ao amor livre*, procurando no *mercado* mulheres para a satisfação dos seus appetites. Accrescentando ao numero das 20 mulheres, inutilizados pelo casamento, uma parcella crescida das que as condições especiaes do sexo inibem de se offerecerem e se consideramos que *ellas* se tornam mais rapidamente velhas do que os homens, vemos que o numero das 51 diminui a ponto de se tornar limitadissimo o numero de mulheres que podem offerecer-se fóra do casamento.

D'ahi a procura excessiva do *genero* e como a offerta é em numero restricto resulta o tornarem-se *algumas* femeas *communis* isto é, prostitutas ⁽¹⁾.

Essas algumas mulheres são arrastadas ao vicio unicamente por causas de ordem economica como provaremos. Victimias da sociedade burgueza, só uma nova forma politica o socialismo poderá extirpar essa infamissima instituição pelo nivelamento das condições de existencia—em que peze ao Dr. Hugel, de Vienna, que affirma que “o progresso da civilisação dissimulará

(1) Escolhemos a Europa, porque em quasi todas as nações que a constituem está estabelecido o regimen familiar monogamico.— Se raciocinarmos com populações polygamicas, o resultado é mais convincente.

certamente a prostituição sob fórmias mais agradaveis, mas só o fim do mundo a poderá arrancar do Globo terrestre». (1)

Sim! para aquelles que pensam como o Dr. Hugel —alem da forma burgueza da sociedade o fim do mundo—a conclusão é bem tirada. Mas para os que esperam a redempção da sociedade pelo estabelecimento da egualdade economica—e como consequencia o equilibrio e harmonia de todas as funcções sociaes, as palavras do Dr. Hugel—synthese do pensar individualista—não encontrarão echo.

Ora se o vicio affecta todos os organismos sociaes que se movem pela engrenagem individualista, qual a razão por que os Estados actuaes não hão de proteger francamente essas infelizes arremessadas á voragem da dor e da indignidade humana—por defeito da organização social—suavisando-lhes a existencia, arrancando-as ao systema do *apatroamento*, ao parasitismo cruel e hediondo dos *souteneurs*—ao capricho despotico dos esbirros policiaes que sobre ellas exercem a pressão mais infame?

A regulamentação, no sentido em que a empregamos, impõe-se, pois, como reparação social urgente e como uma necessidade para bem d'esses milhares de desgraçadas, que não podem esperar já, amanhã, a Revolução Social.

Coimbra, 7-2-97.

FERREIRA LEMOS.

(1) Cit. por Bebel, «La femme» etc.

BIBLIOGRAPHIA

Mercê d'uma amabilidade de Adolpho Portella acabamos de saborear o seu ultimo volume de liricas — *Sol-Posto*. Inspira-se o delicado poeta em motivos portuguezes — costumes do povo, paisagens da aldeia. E' muito suave, a phrase fluindo mansamente, de encantar, mas essa mesma melodia fatiga por fim. Resultado sem duvida de sua vida monotona; recebe sempre as mesmas impressões, tem sempre as mesmas sensações. Questão de meio, talvez mais que de temperamento. N'um dos numeros futuros d'esta revista occupar-nos-hemos do *Sol-Posto* A edição é do arrojado editor José Bastos (antiga casa Bertrand) — muito cuidada, uma perfeição, um esmero.

Disse ha dias o lirico contista Trindade Coelho, que em Coimbra se trabalhava. E' verdade. Para o provar basta lançar os olhos pelos numeros presentes d'esta revista. De 16 collaboradores: 11 são de Coimbra, e (o que é mais) parte dos escriptos são excerptos de livros já no prelo. *Os mostradores* — um beilo estudo de psychologia da multidão — pertencem ao livro *Mentira Vital*, de Henrique de Vasconcellos. *A Dôr dos Outros* pertence ao volume de liricas — *Para Quê?* de Affonso Lopes-Vieira, e as *Yaras* ao livro de prosas com o mesmo titulo, de Verediano Gonçalves. Conhecemos já estes dois ultimos livros e parece-nos que hão de fazer sensação. *Flor do Mystério*, romance de que damos um excerpto, pertence ao mystico artista Alberto Pinheiro e que não tardará a entrar tambem no prelo.

Abrimos hoje a nossa revista com uma carta do Dr. Theophilo Braga, o grande sociologo, o publicista imminente que ha um quarto de seculo tem sido um infatigavel obreiro da nossa educação scientifica. Agradecemos a subida honra.

Recebemos e agradecemos — *A Cartilha Maternal e a critica*, de João de Deus. E' uma edição posthuma que todos os que amaram o Poeta aevem ter, pois que tão intensamente revela as suas qualidades de apostolo. Trindade Coelho faz-lhe um prologo que é una delicia e que termina dizendo que «o futuro hade indagar o motivo por que depois da morte do Obreiro esfriou o enthusiasmo pela Obra.» Nós responderiamos já se a nossa revista se mettesse em intrigas.

Recebemos tambem o primeiro volume — *Mundo Interior* — das *Peninsulares* de Simões Dias. Acostumados de creanças a admirar e a amar as suas liricas, foi com um prazer subidamente intellectual que as relemos.

Argus

Ideal e Verdade

Ao meu antigo condiscipulo

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

Manoel do Eirado

EXCERPTO DO ROMANCE «CORAÇÕES»

...Fazia por affastar do seu coração a imagem da fidalguinha como um sonho mallogrado, recordava a sua pobreza com uma voluptuosidade brutal, olhava avidamente os seus farrapos, acordava a sua vida pela faina dos campos, a suar e a cavar como uma besta humana para a qual Deus não tivesse perdão, pária foragido d'um crime escórchando-se n'uma expiação eterna que a sua consciencia tornasse vivida a lancinantes gritos; fazia sentir-se bem funda, bem martyrisante a baixa e pesada ignominia de se saber plebeu e filho de tristes cavadores, para vêr se trazia mais paz ao coração amargurado e esquecer a santa do seu amor, cheia de tanta bondade, de tanta pureza e d'uma tão christianissima piedade pelas dôres alheias, que o fez desgraçado e triste baixando o olhar té á sua humildade. Mas D. Branca, apparecia-lhe sempre á

imaginação e á alma, luminosa e angelica, como uma primeira communhão. Então, desfalecido, caía deante da imagem da Virgem, em soluços e de joelhos, rezando fervorosamente. Na calma doce da noite, Nossa Senhora, tinha um riso luarento na bocca palida e elle, cheio de fé, levantava os olhos:

— Doce Virgem Immaculada, refugio das almas peccadoras, consoladora mãe dos desherdados que és como uma estrella allumiando a procissão dos corações infelizes, faz com que eu esqueça este amor que tão desgraçado me fez, Santissima Virgem minha madrinha a quem eu rezo e ajoelho nas minhas afflicções desde pequenino!

E na mansarda nua onde o luar espalhava alvares de lirias abertos, leves como sonhos, parecia que um riso se desprendia da boca piedosa da Virgem e enchia tudo, como uma onda de pureza e d'esperança. Mas a dôr voltava-lhe impetuosa e forte, entre crises de descrença e de desconsolo. Agora que todos os sonhos e esperanças em que pozera a sua mais nitida fé, tinham caído mortos, já nada queria da vida. Allucinado, saiu de casa e pela rabina comida de sombra, caminhou para um açude onde as aguas rugiam tragicas e fundas como uivos de morte. De longe, olhou pela ultima vez o velho solar illuminado e sinistro, onde D. Branca tinha adormecido no ultimo somno. Na terra arida e negra, cheia de manchas d'arvores, e espinhos de rochas, havia uma paz mysteriosa e desolada. No meio do pinheiral, entre sarçaes, um carcavão cavava-se fundo, abrindo as goellas negras e hiantes. Em baixo as aguas, estremeciam como um ventre na hora do parto. Manoel, olhou-as desvairado.

Depois, como quem toma uma resolução, fechou os olhos e atirou-se, dizendo:

—Que Deus me perdoe e me acolha a alma no seu divino seio.

Um momento, a grande massa das aguas, tremeu, té que, pouco a pouco, serenou. Os algares sinistros e negros, tinham um tom mysterioso e pensativo de monges, curvados como extranhas ossaturas de gigantes antediluvianos, sobre o abysmo. De longe, a espinha da serra acarvoada e núa, trazia um arrepio de mêdo e os pinheiraes soluçantes, cantavam ao luar scismadoras ballatas d'amor. Do silencio tragico do barathro, veio um gemido incerto e hesitante, como uma alma que trilhasse verêdas ineditas e virgens. Farrapos de luar, esvoaçavam como bandos de borboletas, sobre os esgalhos torcidos das arvores. Havia uma tristeza penetrante nas folhas, nas hervas e sobre os angulos esguios e seccos das rochas. Na ravina negra como um carvão de Goya, appareciam em violentos destaques os esqueletos das arvores, sob um fundo rhembrandtêsc. E era tão intensa a emoção nascida a sacudidellas d'esta singularidade mysteriosa e phantastica, que a alma tinha mêdo d'abrir-se e os olhos ficavam-se a vêr nos troncos dos arvedos torcidos e irregulares, musculaturas podres, thorax acarvoados e ossaturas esverdeadas laivados de fios rubros. Os gemidos dolorosos e bravios, esguichavam da sombra, por vezes, como fortes jactos d'agua; e o coração avivava n'uma impressão intensa, todas as catastrophes d'amores infelizes, pinchando na treva como griphos phantasticos. Lá baixo, o rio escorrendo manso ao luar, tinha um brilho morto de prata fosca.

No seio do açude, as aguas represadas da corrente mujidora, saltavam ao ar em massa, silvando como pragas, torcendo-se ao vento da noite como esqueletos suspensos d'enforcados. No cimo das rochas agudas e esguias como punhaes, havia um nivo d'ameaça e a corrente redemoinhava, convulsionando-se em doidas epilepsias. Pouco a pouco, os gemidos foram-se apagando na sombra. Uma religiosa paz, vinha do ceu á paisagem indefenida e vaga na noite... Alta manhã, a Maria do Casal, ao passar pelo carcavão, ficou arripiada vendo manchas seccas de sangue, sobre os espinhos da rocha. E curvando-se a tremer sobre o abysmo, descortinou lá fundo, entalada entre dois gumes de penedia, uma mancha escura, ganhando aspectos de cadaver humano. Um grande pavor tomou-a toda e a sua primeira impressão, foi de fugir. Mas como era animosa e destemida, começou a descer a garganta do abysmo, té que viu nitidamente o cadaver de boca aberta e orbitas saídas, onde as moscas caíam aos cardumes. O quadro era medonho, com mergulhos no phantastico. Farrapos de carne, tinham ficado pelas saliencias da rocha, laiçada de sangue; a cabeça aberta, deixava a descoberto a cavidade craneana, d'onde os miolos escorriam em fio; os olhos do cadaver, comidos pelas moscas, deixavam a descoberto dois buracos negros, e mais abaixo, as aguas estoiravam como uma saraiçada de blasphemias. Chegada ao fundo, Maria reconheceu Manoel, aquelle Manoel que ella tinha amado tão alegre, tangendo viola e improvisando cantares pelas romarias em dias oirados de sol, e que era o ai Jesus de todas as mocetanas namoradas do povoado. Ficou transida; sacudia-se em tremuras, tomou-a uma

grande crise de desespero e torcendo as mãos e em lagrimas, murmurou:

—Manoel, Manoel, vaes agora ouvir o meu segredo! Quer's saber porqu' eu não quiz o Joaquim Boucas?... E' porque só te queria a ti, meu amor, era por isto! Nunca t'ó disse porque bem te sabia namorado da fidalguinha, infeliz. Mas digo-t'ó agora, já que me não podes ouvir, ó Manoel, ó bem do meu coração!...

Na sua impassibilidade, o cadaver ficou-se a olhar o ceu magoadamente. O ti' João do Cazal, ao longe, na azenha, emquanto arreoava o macho, cantava mais alegre do que nunca:

Coração não andes triste,
Anda alegre se quizeres;
Ai la ri la ri ló lé,
Anda alegre se quizeres!...

(Do capitulo ultimo)

JOÃO GRAVE.

A ALBERTO BRAMÃO

LUNATICO!

Eu conheci outr'ora um homem desvairado:
Um artista e um doente, em romagem austera
Pelo reino do Sonho ondulante e afastado,
Como um pobre a correr atraz d'uma Chimera.

Condensando no peito uma paixão selvatica,
Vivia só de noite a esfarellar tristezas...
Debruçado na sombra absoluta e enigmatica,
Deixava então correr as lagrimas reprêsas...

Quantas vezes! o vi, raivando, extenuado,
Na evocação cruel d'uma visão desfeita,
Invectivar o ceu como um alienado...

Depois... quasi feliz, correr, em espiraes
Para abraçar alguém, que o seu olhar suspeita,
Mas abraçando só o vacuo e... nada mais!

(Do *Maguas*, a sahir do prélo)

VILLELA PASSOS

TARDES Á VARANDA

(EXCERPTO)

Nada mais bello que fallar de coisas de Arte e de saudade, n'um convivio artistico de espiritos eleitos, á sombra sentimental e murmurosa dos cedros, ouvindo perto o Mondego a suspirar entre alas outomnaes de choupos e salgueiros!

A alma esparsa da natureza arripia-se em fremitos dulcissimos de virgem castamente beijada pelo sol, com lubricidades a despertar sob o apparente pudor que diaphanamente a reveste, como se de novo surgissem nas clareiras da paysagem deidades mythologicas d'uma orgia pagã.

Arvores verdejantes de abril limpido, vergeis pallidos de outomno triste, sob a lactea doçura dos ceus nataes—diaphano Azul n'uma alvorada branca—, a alma do poeta adora-vos, vós lh'a vestis do perfume subtil que se evola das vossas encantadas flores da côr do luar. Alma onde harmonias erram, embalantes e vagas, cambiando-se com as da natureza n'uma revoada pantheista de preces que são hymnos e de canticos que são suspiros, o poeta vae pelo mundo, envolto na rosea nuvem da Illusão. Por onde elle passa, na melodiosa esteira dos seus cantares, gyrando fica o sopro divino, de aromas pleno, d'essa radiosa atmospheria de Sonho que lhe nimba a fronte como um halo de celestes esplendores. Quando ás coisas do mundo real o seu olhar desce, nos labios lhe paira um meio-sorriso sceptico estrellado de lagrymas...

Por isso elle ama subir pela escada da fé para perder-se no Irreal e no Mystério, como nas calmas sombragens d'um jardim crepuscular no outomno á beira d'um castello de lenda, sobre que ardam, lampadares, as estrellas nostalgicas d'um ceu de ballada.

Guiado pela fior do Ideal—lyrio do paraizo a enviar-lhe perfumes castos—, elle segue sempre pela Vida fóra, aureolado de sol, espalhando luz, semeando rosas. E quando canta, é sempre a Mulher que lhe bafeja a alma em beijos de anjo, revelando-lhe o Bello ao espirito e enchendo-lhe de affectos a urna magica do coração. E' que a Mulher é o laço de maravilhas e encantos que á vida terrena pela contingente carnalidade nos prende ao mesmo tempo que pela espiritualidade nos constella a alma de lindas chymeras, fazendo-nos entrever o ceu, d'onde nos ella desce como uma visão da Biblia, n'uma nebulose olympica de Sonho, entre brancas margaridas e açucenas de neve, de eucharistica pureza. E então, consubstanciando o Eterno-Feminino de que falla Goethe, ella assume, aos olhos do poeta, attributos de Deusa; fica o typo da Belleza-Eterna, o Verbo-Encarnado da mais bella, da mais transcendente, da mais santa de todas as religiões—o Amor! Vaso artistico das mais finas essencias para a communhão da Piedade, ella torna-se o calix sagrado em que bebemos consolações divinas, iniciando-nos n'essa alta religião: na hostia do Amor está o coração de Deus, immenso como o ceu e bello como a madrugada da alma de Jesus sob a avelludada ternura mystica do olhar de Maria—a Estrella de Nazareth!

Assim, em geral, o poeta não ama por muito tempo uma só mulher; antes, inconstante, em cada uma de

todas descobre pedaços do seu Ideal, fôrmas bizarras de que recompõe o typo immortal da sua adoração perenne.

De emoção em emoção estranha, na incoherencia da sua nervosa impressionabilidade cheia de imprevisas delicadezas, vae, pois, inebriando o pensamento na sentimentalidade affectiva que lhe brota do coração como uma fonte de luz manando em fios de oiro d'uma gruta encantada, n'um murmurio crystallino de beijos avidos... E não encontrando na turba mundana uma concretisação completa do seu typo ideal, na anciada tortura da perfeição, percorre o ceu iriado da Arte, como alguém que fosse perpetuamente a perseguir uma miragem fugidia por uma via-lactea maravilhosa, a espriaiar-se em ambarinos luares de Mysterio... Acolhe-se, cansado, á sombra amiga do castello do Sonho, como a uma Torre-de-Marfim embutida de diamantes e pedrarias mais preciosas do que o diadema real d'uma princeza, onde beija, na sua propria alma, a alma ineffavel dos seus desejos... E a sua alma, de sonhos vestida, a cantar então começa, expande-se em poesia, como uma floresta lendaria cheia de aves e segredos, n'uma clara manhã de estio!

Olhos de mulher, que sois altares de novena, illuminados em mystico lausperenne, aonde vão em romaria os olhos do poeta, coroa-lhe a fronte de beijos como Avè-Marias de luz e predeí á sua lyra cordas de oiro dos fios das vossas tranças, que vos emmolduram o rosto em sol, n'uma aureola empyreal de macios fulgores!...

Coimbra, xcviij.

GONÇALVES CEREJEIRA.

O LUAR

AO JOÃO GRAVE.

Ha quantas noites que o Luar morreu!...

E vieram-me contar as aguas do lago, que a Princesinha do castello em frente era muito branca. Tão branca e tão pallida, que quando á janella de larga ogiva rendilhada, se viu pela primeira vez o seu busto gentil e vaporoso, a Lua, escondida a meio pelos outeiros álem, quando ia p'ra tomar o seu banho, estremeceu violentamente, e subiu-lhe ao rosto o sangue do ciume, n'uma grande onda impetuosa, escarlata.

E estou em crer que lá ficaria p'ra sempre, se não fosse as estrellas irem-lhe pedir todas de joelhos, supplicantes, que voltasse de novo ao Ceu, a pastoreal-as no seu giro eterno...

Demais a Princesinha havia de morrer, e debaixo da terra não era o seu rosto que venceria a Lua na pallidez serena e luminosa. Nem os seus olhos haviam de brilhar mais do que ellas, iam-no jurar...

Que de facto a Morte vinha a passos largos.

Era de vêr a Princesinha, cada vez mais branca, definhada, mas sempre a sorrir pr'ó Longe, como se

de lá viesse um trovador namorado, a soluçar volatas n'uma guitarra de marfim...

Mas a Morte é que de lá vinha a passos largos...

E n'uma noite em que a Lua pallida e marmorea, guiava com varinhas d'alabastro, as suas ovelhas brancas—as estrêllas, ao Céu subiram os dobres dolorosos dos sinos do castello, a annunciar que chegara emfim de muito longe a Morte, e que o rosto da Princesinha todo enterrado em sêdas alvas como véus de freiras virgens, nem se via de tão branco que elle era. A Lua parou por momentos, e as estrellas todas, estremunhadas, fremiam de contentamento, chegando algumas a atravessar o Céu n'um vôo rapido e luminoso, a dizerem ás mais distantes que sobre os olhos da Princesinha se tinham fechado as palpebras macias.

E para A ver emfim vencida, aquella pastora ciumenta dos rebanhos sidérios, desceu do Alto com um grande ar de rainha esplendida, e foi poisar de novo no extremo horisonte, a meio escondida pelos outeiros além, como quando ia pr'a tomar o seu banho. Espreitando pela janella de larga ogiva rendilhada, ella lá viu á luz dos cirios que punham no quarto nodoas de marfim antigo, aquelle vulto esmaecido da Princesinha deitada n'um caixão atapetado com lagrymas de todas as suas aias.

Mas quando viu que eram mais pallidas ainda aquellas faces, a que o beijo da Morte déra a apparencia de Crescentes que o frio talhasse nas neves do Polo, estremeceu violentamente e subiu-lhe ao rosto o sangue do ciume, n'uma grande onda impetuosa, escarlata.

E cahiu no mar, ficando lá pr'a sempre, pr'a todo o sempre...

Que d'aquella vez não foram as estrellas todas de joelhos, supplicantes, pedir-lhe que voltasse de novo ao Ceu a pastoreal-as no seu giro eterno...

Não!... que a Princesinha morrera, e debaixo da terra, coada pela terra, a pallidez serena e luminosa do seu rosto, reflectiu no Ceu uma Lua-Nova, ainda mais linda e mais branca do que a Velha que se afundara...

E os seus olhos são hoje duas estrellas que por lá andam a passear...

É que o Luar nasceu de novo no Ceu!...

Coimbra, 11-97.

MARIO ESTEVES.

Spleen

Junto ao lago d'um park — finda o dia,
Miss Mary passeia tristemente;
No seu olhar azul, vago e dolente
Chora todo um poema de agonia.

Da sua alma luctuosa de descrente
Debandaram chimeras e alegria,
Alma em ruinas onde a Nostalgia
Vai soluçar melancholicamente.

E' ella, a Miss adorada cujo olhar
Traz tantas almas loucas a sonhar
Quer amar e não pode... e morre assim

Como um mendigo roto, allucinado,
Que caisse, morrendo esfomeado,
Junto á meza opulenta d'um festim.

Morta, por sobre o lago, toda nua
Vai boiando, nas aguas embalada,
Como se andasse em formas condensada
Mirando o lago a palidez da lua.

Um sorrir doloroso ainda fluctua
N'aquella bôca triste, desbotada
Como rosa pendendo, desolada,
D'um cyprestal á sombra fria e crua.

Chora o luar saudades pelas aguas,
Os annosos carvalhos soluçando
Cantam ao lago mysteriosas fraguas...

Toda envolta n'um sonho muito brando,
N'uma ronda fantastica de maguas,
Vai a pallida Miss fluctuando...

ELYSIO DE LIMA.

EVOLUÇÃO LITTERARIA

II

Os auctores e iniciadores d'um movimento litterario, têm sempre uma difficuldade grande, se não impossibilidade, de definir o movimento de que são coevos e corypheus. Assim se explica o que, ainda não ha muito tempo, se deu em França com o inquerito a que procedeu M. Jules Huret, inquerito feito aos iniciadores do movimento Symbolista, com o fim de saber de fonte segura o que elles pretendiam e de conhecer os caracteres da eschola que implantavam. São conhecidas as respostas que obteve, bem diversas, contradictorias algumas até. Outro tanto tinha antecedentemente succedido com o Romantismo; bem differentes são com effeito as definições de Romantismo dadas por Sthendal, M.^{me} Stael e Victor Hugo.

Ha um quê de inconsciencia na acção dos genios, ha alguma coisa de fatal e irresistivel no seu actuar.

E' por isso que para caracterisar qualquer movimento litterario novo, outro criterio não ha mais firme do quê attender aos precedentes d'esse movimento, estudal-o nos seus antecedentes, porque ordinariamente as rasões differenciaes das escholas são: ou o querer-se rivalisar com a que a precedeu, ou o querer-se obrar de modo totalmente diverso. E assim vemos que se os Classicos julgavam os auctores gregos e romanos o *non plus ultra* na perfeição da Arte, o mesmo não succedia com os Ramanticos; se o Classi-

cismo acreditava firmemente na existencia dos generos e das leis, ou das regras d'estes mesmos generos, proclamavam os Romanticos o principio da *liberdade na Arte*.

Vaivem continuo d'acções e reacções, vejamos, pois, como nas sociedades se observam essas transformações, como a multidão ingenua, ignorante e obscura dá o que não tem: a Gloria.

A este respeito duas theorias notaveis se têm apresentado; a de Henri Taine e a de Émile Hennequin, que partindo de concepções totalmente differentes chegam a identica conclusão.

Henri Taine, o positivista esthetico, o partidario da impersonalidade na Arte, o critico da eschola Naturalista que tinha por lemma a *imitação da natureza*, não podia deixar de formular o principio que formulou.

Para o auctor da "*Philosophie de l'Art*," a obra *d'arte é determinada por um conjuncto que é o estado geral do espirito e costumes que cercam o artista*; e portanto elle mostra na sua obra o traço das faculdades marcantes da sua raça, dos caracteres salientes do paiz, da epocha e dos costumes que o formaram, e assim, admitida esta asserção, pode-se remontar da obra ao auctor, e d'este á sociedade e nação nas quaes viveu.

Quer Taine que a Litteratura ou a Arte sejam apenas a expressão da sociedade e não tenham outro fim senão o patentear-n'os o estado d'alma dos contemporaneos dos artistas, como se, sendo esse o seu esclusivo fim, se não tivessem já os poetas deixado ha muito tempo d'escrever, os artistas em geral de trabalhar! Como se a mesma epocha, a mesma nação e raça, as mesmas influencias em summa, não produzis-

sem personalidades litterarias differentes! Haverá porventura, alguma lei reguladora do apparecimento dos genios,—os grandes iniciadores de todos os movimentos—quer esses genios sejam contemplativos, quer d'acção? Porventura o apparecimento d'um Shakspeare ou d'um Napoleão poderá prever-se e por conseguinte regular-se? De resto, a anthropologia ensina-n'os que nenhuma raça é pura e se se soffre a influencia dos meios, physico ou habital e social, é certo que essa influencia varia conforme a resistencia que o individuo pode oppôr á corrente que tenta dominal-o.

D'aqui o não poder formular-se uma theoria tão em absoluto como faz Taine.

Mas analysemos a theoria de Hennequin.

Para Émile Hennequin obter da esthetica dados sociologicos é necessario dirigir-se não já ao artista, mas ao seu producto; considerar não a sociedade a que pertence, mas os admiradores das suas obras. "O livro, diz elle, é o traço d'união entre o auctor e os leitores,„. Os seus effeitos emocionaes não podem ser percebidos senão por pessoas capazes de sentir as emoções que esse livro suggere. Formula então a seguinte lei: "*Uma obra não terá effeito esthetico senão sobre as pessoas que possuem uma organização mental analoga e inferior áquella que serviu para crear a obra, e que pode ser d'ella deduzida.*„

Resumindo a doutrina do auctor da "Critica scientifica,„ escreve M. Guyau: "Por um lado a obra d'arte é a expressão mais ou menos fiel das faculdades, do ideal, do organismo interior d'aquelles que emociona; por outro lado, a obra d'arte é a expressão do organismo interior do seu auctor; segue-se d'aqui que se

poderá, do auctor, passar aos admiradores por intermedio da obra e concluir a existencia d'um conjuncto de faculdades, d'uma alma analogá á do auctor; por outras palavras, será possível definir a psychologia d'um grupo d'homens, e d'uma nação pelos caracteres particulares dos seus gostos,„

Vejamos se alguma d'estas theorias é de per si acceitavel.

Partindo uma da influencia que recebe o artista, e outra da influencia que exerce, chegam ambas á conclusão de que pela obra se pode estudar a sociedade de que foi coevo o seu auctor, conclusão que por sem duvida, tem produzido, sociologicamente fallando, resultados vastos e fecundos.

Qualquer d'estas theorias tem, sem duvida alguma, muito de verdadeiro, mas não podemos ainda assim admittir cada uma de per si em toda a sua latitude; e a verdadeira critica sociologica será, quanto a nós, aquella que pela analyse concluir as influencias que soffreu o artista, e pela synthese prever a influencia que a sua obra terá, os effeitos emocionaes que produzirá; aquella que estudar o artista *à priori*, nos seus antecedentes, e *à posteriori*, nos seus consequentes.

“Mas a doutrina de Taine é mais applicavel ao simples talento que ao genio, e é a segunda que exprime o traço caracteristico do genio, a saber a iniciativa e a invenção,„ (1)

O talento consiste n'uma superioridade adquirida, presuppõe esforço, ao passo que nos genios ha alguma

(1) M. Guyau—L'Art au point de vue sociologique.

coisa de mais espontaneo, a intuição, que os torna para a Humanidade como fanaes aurilusentes a indicarem o caminho a seguir, alavancas poderosas fazendo-a avançar um passo mais na senda da Verdade. Seja o genio uma nevrose como quer Lasègue, tenha fundamento ou não a theoria emittida por Maudsley, o que é certo é que, como diz M. Guyau, "o genio modifica o meio social e intellectual preexistente, e não é elle proprio o puro e simples producto do meio; o talento mediocre não é mais que a resultante cujas qualidades salientes se podem achar e reconhecer estudando o meio e o character exterior d'um auctor, tal qual elle se desenrolou na sua vida,,.

Em conclusão: qualquer artista e o seu meio estão n'uma reciprocidade de relações, sendo este facto mais preponderante na verdade, com respeito ás grandes personalidades, o que fez decerto escrever ao auctor que n'este ponto vimos seguindo, no final do cap. II da sua obra já atraz citada "A Arte debaixo do ponto de vista sociologico,": Em ultima analyse, o genio e o seu meio social dão-nos o espectaculo de tres sociedades ligadas por uma relação de dependencia mutua: 1.º a sociedade real preexistente, que condiciona e em parte suscita o genio; 2.º a sociedade idealmente modificada que o proprio genio concebe, o mundo de vontades, de paixões, d'intelligencias que elle cria no seu espirito e que é uma especulação sobre o *possivel*; 3.º a formação consecutiva d'uma sociedade nova, a dos admiradores do genio, que mais ou menos realisam em si por *imitação*, a sua innovação.

O LYRISMO EM PORTUGAL

Essencialmente amoroso, o povo portuguez não podia deixar de ser essencialmente lyrico. Com effeito o lyrismo tem sido sempre a manifestação mais brilhante do nosso genio litterario. O amor, motivo eterno e immutavel, foi quasi em todas as epochas o unico interesse superior que deu aso ao desenvolvimento das nossas faculdades affectivas. Os outros ramos de litteratura esterilizarão-se na imitação estrangeira por falta d'um motivo nacional impulsor, isto é, por falta d'um ideal elevado, d'um grande ideal. Excepção feita ao vasto cyclo da poesia epica, correspondente á expansão activa e intensa do nosso genio maritimo, tudo o mais se resume no lyrismo. O theatro teve, é certo, dois impulsos vigorosos, mas no fundo improficuos. Eram bons os semeadores e a semente fecundante, mas todavia não germinou. Cahira em terreno arido, estiolou á falta de comprehensão artistica. Passada a epocha fecunda das descobertas que produziu a mais extraordinaria epopêa dos tempos modernos, a poesia epica, falha de ideal, crystalisou na cultura da fórma, lançando-se por fim n'uma aberração esthetica desoladora.

O mesmo não succedeu com o lyrismo, porque apesar de todas as correntes estrangeiras que por vezes o absorveram, no fundo a poesia lyrica conservou sempre um elemento ethnico irreductivel. Pelo menos o povo reagiu quando os litteratos erradamente procuraram fora das emoções nacionaes, a inspiração.

No lyrismo rivalisamos com a Hespanha e levamos de vencida todas as outras nações. Se os povos se conquistassem a golpes lyricos, um tiroteio de redondilhas assegurar-nos-hia a posse da Europa.

Costuma-se apregoar que somos um povo de navegantes, e Theophilo Braga disse que eramos um povo de poetas. Estas duas phrases synthetizam as modalidades do nosso genio. O Camões lyrico é tão grande como o Camões epico. Amoroso e marinheiro, o povo portuguez está caracterizado fielmente e magistralmente na obra de Camões—D'ahi a sua superioridade. Schlegel disse: «Camões é uma litteratura inteira». Com effeito, nos Lusiadas acha-se palpitante a encarnação do portuguez marinheiro, na obra lyrica resalta o portuguez enamorado. O Leonardo que na descripção da Ilha-dos-Amores corre atraz das nymphas surprehendidas, symbolisa admiravelmente o character nacional. Hoje, d'estas duas manifestações do nosso espirito aventureiro, apenas uma nos resta. A outra desapareceu com circumstancias que ora não podemos estudar, porque não é esse o nosso proposito. Basta registrar o facto.

Esterilizados os motivos epicos, toda a alma portugueza se concentrou no lyrismo, com novas manifestações originaes, e variadas. Este facto, analysado de relance, afigura-se inexplicavel, porque sendo o amor a eterna fonte da inspiração lyrica, esgotado o manancial, os poetas deviam cahir na inferioridade da imitação e da reproducção. Tal não succede, porém, porque essa fonte é perenne, não se exgota, pois que o amor é um sentimento tão profundamente humano que de continuo está-se desdobrando em aspectos os mais diversos—novos e imprevistos.

Raro foi o escriptor portuguez que conseguiu esquivar-se a esta influencia caracteristica.

João de Deus elevou á maior idealisação o amor, a ponto de merecer que um critico estrangeiro lhe chamasse o primeiro poeta do amor de toda a Europa, o que vale dizer de todo o mundo.

O rígido Herculano se não buscou a emoção no estimulo sexual, mergulhou na emoção religiosa. Foi um lyrico mystico. Garrett pelo seu lado apaixonou-se em tardios annos, mas a sua paixão é tão humana e tão profunda que ninguem a alcunhará de senil, porque na verdade, Garrett pelo coração, teve sempre vinte annos. A sua alma esteve em continua primavera. As *Folhas Cahidas* não rastejaram pelo chão, levou-as a aragem da sua febre intensa ao setimo ceu da idealisação. O satânico Gomes Leal, em boa verdade, não é senão um poeta lyrico. O lyrismo é a manifestação superior do seu genio, e é como lyrico que elle é o unico, pode dizer-se, capaz de arcar com a herança de João de Deus. A poesia revolucionaria é um producto da sua natureza secundaria. Guerra Junqueiro nas poesias revolucionarias é francez, discipulo de Hugo, emquanto que no lyrismo é genuinamente portuguez, e elle mesmo comprehendeu que era esta a caracteristica da sua arte quando diz que *Os Simples* são o seu melhor livro.

Passando agora da litteratura culta á litteratura popular nota-se egual superioridade. Dia a dia a imprensa registra assassinatos por ciume, e suicidios por desillusões de amor. Ainda hontem li que uma rapariga, ingenua e crente, se lançara d'um quinto andar vindo espedaçar-se na calçada. Amara com violencia e não podera supportar o desgano. Formara castellos doirados na sua imaginação phantastica e sonhadora e elles por fim nem ao menos eram de prata doirada. Castellos de fumo desfeitos na derrocada tragica d'um suicidio. Ora esta intensidade amorosa, que

é um excesso de vitalidade sexual, rompe em lyricas surprehendedentes de belleza.

Nas vindimas, nas espadeladas como nas romarias, os descantes ao desafio são superiormente bellos. N'esta manifestação artistica, o povo é o desespero dos poetas cultos que muitas vezes imitam as trovas populares na consciencia da sua elevada idealisação. Nos entremezes d'aldeia como nos contos á lareira, o povo estacionou na reprodução das lendas que vogam na litteratura de cordel. Já não assim na poesia lyrica, pois que os improvisadores aos descantes tem por vezes sahidas tão originaes e imprevisitas que os maiores poetas não desdenhariam subscrever-as. Segundo voga, Garrett disse que daria toda a sua obra para ter feita a seguinte quadra:

«Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que, de tantos confundidos,
Nem já sei quaes são os meus.»

Outra quadra que pode bem rivalisar com a precedente é sem duvida esta:

«Eu fui o que disse ao sol
Que não tornasse a nascer:
A' vista d'esses teus olhos
Que vem o sol cá fazer?»

Vamos transcrever ainda uma outra quadra, que não sendo inferior a nenhuma das antecedentes, tem para mim o grande valor de nunca a ter visto publicada. É d'um

espírito finissimo, um verdadeiro remoque delicado e subtil d'onde resalta a galanteria portugueza.

«Se os beijinhos espigassem
Como espiga o alecrim,
Muita menina já tinha
A cara como um jardim!»

Essas redondilhas que ahi ficam são da mais elevada idealisação lyrica; e francamente não conhecemos em toda a nossa literatura culta quadras d'uma delicadeza tão subtil. E' que o lyrismo, repetimos, é a característica fundamental do genio portuguez. Com effeito aos dezoito annos quem ha ahi que não tenha feito versos? Demais ninguem ignora que emquanto em Portugal se publica um drama ou um romance, teem apparecido já pelo menos vinte volumes de lyricas. E' n'isto que está toda a nossa vitalidade.

Povo aventureiro, Quichote quasi sempre, não tendo já emprezas maritimas e guerreiras em que empregar toda a sua actividade, lançou se com o mesmo enthusiasmo, senão com a mesma fé, nas aventuras galantes. Se hoje não conquistamos paizes, conquistamos corações. Eis no que se resume todo o ideal d'um povo!

Coimbra, 7-3-97.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE.



INDICE

Adolpho Portella

<i>Serra-da-Estrella</i>	72
--------------------------------	----

Afonso Lopes-Vieira

<i>A Dôr dos Outros</i>	78
-------------------------------	----

Alberto Pinheiro

<i>Flôr do Mysterio</i>	99
-------------------------------	----

Alexandre de Albuquerque

<i>Os Mineiros</i>	9
--------------------------	---

<i>Os Dois Ceguinhos</i>	19
--------------------------------	----

Guedes Teixeira:

O Homem	52
---------------	----

A Obra	113
--------------	-----

<i>O Lyrismo em Portugal</i>	146
------------------------------------	-----

Antonio Macieira

Cinzas:

I Gonçalves Cerejeira..... 13

II Queiroz Ribeiro..... 15

Soneto (sem titulo)..... 28*A's cachopas*..... 59*Vilancete* 112

Barbosa de Magalhães, filho

A dôr humana:

I 29

II 60

Politica Internacional:

I Cuba..... 106

Carlos de Lemos

Do poemeto Georgica..... 105

Elysio de Lima

Spleen..... 139

Ferreira Lemos

Socialismo Libertario ou Anarchismo:

I 17

II

A Prostituição..... 119

Gonçalves Cerejeira

Tardes á Varanda..... 133

Guedes Teixeira

<i>Poesia</i> (sem titulo).....	4
<i>Luz Negra</i>	51

Henrique de Vasconcellos

<i>Os Mostradores</i>	74
-----------------------------	----

João Grave

<i>Dona Gioconda</i>	97
<i>Manoel do Eirado</i>	127

Mario Esteves

<i>A Orphãsinha</i>	23
<i>A perola</i>	82
<i>O Luar</i>	136

Patricio Judice

Questões sociaes:

I.....	33
II.....	87

Samuel Maia

<i>Madrigal</i>	85
-----------------------	----

Simões Baião

<i>O Senhor Vigario</i>	24
<i>Evolução Litteraria:</i>	
I.....	92
II.....	141

Teixeira de Paschoaes

A *** 36

Theophilo Braga

Carta a Ferreira Lemos 67

Trindade Coelho

Excerpto de um conto 43

Verediano Gonçalves

Morrendo 1

Yaras 79

Villela Passos

Lunaticol 132







A. E. Simões Paiva

Serie II

1897

Argus

Ideal e Verdade

DIRECÇÃO

Director litterario — *Alexandre de Albuquerque*
Director scientifico — *Ferreira Lemos*
Secretario — *J. Marques.*

REDACÇÃO

Antonio Macieira
Barbosa de Magalhães (FILHO)
Mario Esteves
Patricio Judice
Simões Baião



COIMBRA
TYP. E LIT. MINERVA CENTRAL

1897

Ar. d. 1782

HOMENAGEM À GRECIA



Summario

- Pro Patria** — Carlos de Lemos.
Ai de ti, Grecia — Gomes Leal.
A pintura na antiga Grecia — Maximiano d'Aragão.
Poesia — Guedes Teixeira.
Referencias á Philosophia Grega — Patricio Judice.
Aos Gregos — Villela Passos.
Arte Hellenica Antiga — João Grave.
Com os olhos na Grecia — Alexandre Braga, filho.
Uma Oração — Augusto Granjo.
Revolvendum Mare — Gonçalves Cerejeira.
Anthologia de Meleagro — Henrique de Vasconcellos.
Phrynéa — Pinho d'Almeida.
Lux Perpetua — Theophilo Braga.
Bellezas da Mythologia Grega — Simões Baião.
Politica Internacional — Barbosa de Magalhães, filho.
O Crime — Pereira Barata.
Mulheres Gregas — Mario Esteves.
O Exercito Grego — J. Marques.
À Grecia! — Carlos Moreira da Silva.
Lord Byron — Alexandre de Albuquerque.
À Grecia — Antonio Macieira.



Argus

Ideal e Verdade

PRO PATRIA

.....
..... Estava guardado para os fins do seculo desenove este espectaculo unico:—um povo que em tempos remotos duas vezes salvou a Europa das investidas da Asia: em Troia pelo valor de Achilles, pela sagacidade de Ulysses, pela sabedoria de Nestor, pela bravura de Diomedes, pela intrepidez de Ajax, pela autoridade de Agamemnon; em Marathona, nas Thermopylas, em Salamina e em Plateas, pela estrategia de Milciades, pelo sacrificio de Leonidas, pela intimativa de Themistocles, pela coragem de Pausanias, pela alliança, n'uma palavra, de todos os heroismos empenhados na defeza da terra-sancta da Patria: um povo assim vendo combinadas, para a sua oppressão, as Potencias do Continente a que fôra baluarte inquebrantavel:—um povo que, n'um connubio prolifico de maravilhas, fundira, por assim dizer, a tenacidade celtica dos Pelasgos, o senso pratico dos Egypcios e Judeus, o genio inventivo dos Phenicios, n'uma só alma; e d'essa alma, como do cerebro de Jupiter a Minerva que lhe foi Palladio, arrancara, exornada de

todos os encantos e vestida de todas as armas, a imagem-viva da Belleza e da Formosura, do Genio e da Graça, tornando-se, a tres mil annos de distancia, o assombro dos homens de hoje: pela Acropole, pela Agora, pelo Gymnasio, pela Academia, pelo Areopago, pelo Parthenon: um povo assim, vendo os herdeiros dos seus thesoiros e das suas glorias mancommunados para lhe calcarem aos pés as ruinas sagradas n'uma dança-macabra d'egoismos:—um povo que foi, como mais tarde Roma e a França hoje, o cerebro do Mundo, exercendo, ainda agora como nos seus melhores tempos, a hegemonia da Civilização: pela lyra de Homero, pelo cothurno de Eschylo, pelo estro de Pindaro, pelo verbo de Demosthenes, pelo escopro de Phidias, pelo pincel de Parrhasio, pelo compasso de Euclides, pelo genio de Platão, pelo exemplo de Socrates, pelo monopolio, em summa, da Sciencia e da Arte: um povo assim vendo voltada contra o seu seio a Civilização de que foi Genesis, de que foi Berço, de que foi Mãe:—d'um lado o velho Heroismo a frondejar, a florir, a fructificar em heroismos novos; do outro lado a Ingratidão, o Vandalismo, o Parricidio mesmo a machinarem, na sombra machiavelica dos Gabinetes, as mesmas infamias, as mesmas prepotencias, os mesmos horrores que sempre: e a rirem d'escarneo d'um povo de dois milhões de habitantes a Russia, a Allemanha, a Inglaterra, a Austria, a Italia e a França — a França que, n'um momento angustioso por muito recente ainda não de certo esquecido, recebeu d'essa nação, que foi nossa mãe pelo espirito e é hoje nossa irmã pelo coração, cinco milhões de francos como ajuda para o seu resgate...

E tudo isto, porquê?!...

Porque assim aprouve á Turquia,— á Turquia que é o nosso cancro, a nossa vergonha, a nossa condenação!

E blasonamos de civilisados! barbaros, bem barbaros é que nós somos!

.....
Deixal-o! Quando os Couraçados das Potencias abrirem as goelas de fogo sobre a gloriosa Athenas, quero crer que ha de, ~~uma~~ segunda vez, o indomavel Filho-de-Thetis, como depois da morte de Patroclo, soltar um rugido que assombre como d'um raio, esses rebanhos de irresponsaveis assalariados para a mais infame das covardias, para o mais nefando dos assassinatos... E hão de as Sombras augustissimas de Homero e de Eschylo— os divinos Aédos das victorias da Grecia sobre a Asia— cobrir d'um escudo irresistivel a Cidade que ergueu um templo ao primeiro e a quem o segundo assignou o triumpho para todo o sempre, quando poz na bocca do soldado persa que dá noticia da derrota de Xerxes estas palavras que lhe foram horoscopo, lhe são historia e lhe hão de ser apotheose:—*Athenus é uma cidade inexpugnavel: Athenas contém homens: esse o motivo por que triumphava sempre!*

...Homero e Eschylo: os dois poetas nacionaes: os dois cantores de glorias: os dois Genios-Sintheses d'essa Millionaria de Genios!

Homero...

— Natural de Cumas, como quer Ephoro? da Colophonia, como julga Antimacho? de Chios, como pretende Simonides? de Salamina, de Yos ou de Argus, que todas tres se disputam a honra de lhe terem sido

berço? de Smirna, em summa, como affirmam Scylax, Pindaro e Aristarcho?...

Não sei:— Homero foi da Grecia; é de todo o Mundo.

— Contemporaneo de Orpheu, como pretendem Hellanico, Damartes e Pherecidas? anterior ao Regresso dos Heraclidas, como affirma Crates? vivendo cem annos depois da Guerra de Troia, como imagina Erasthones? nascido por occasião da emigração jonia, como dizem Aristarcho, Aristoteles e Castor? um seculo depois, como julga Apollodoro? coevo de Gyges, como asseveram Euphorion e Theopompo? oito seculos anterior á Era-Christã, como calcula Herodoto?...

Não sei:— Homero não foi; é.

— Filho de Apollo ou filho de Critheis? discipulo de Phemio? companheiro de Mentasio? hospede de Mentor? vagabundo por toda a Grecia? mestre-escola em Cumas e Chios? morto em Yos?...

Não sei:— Homero deixou dois Poemas; e esses Poemas, roubados á egypcia Fantasia ou copiados dos livros profeticos da sacerdotisa Daphne; guardados pelos Homeridas; cantados pelos Rapsodos; recolhidos por Licurgo; coordenados por Pisistrato; meditados por Alexandre; revistos por Aristoteles; criticados por Aristophanes, Apollodoro, Apollonio, Zenodoto, Aristarcho e tantos outros; traduzidos por todos os povos; imitados por todas as Litteraturas; admirados por todos quantos os leem e por nenhum dos que os imitaram egualados; esses poemas são a *Illiada* e a *Odyssea*: o poema da Grecia e o poema da Humanidade: sol nascente e sol poente, como os classificou Longino; mas sempre sol.

Individuo ou corporação, mytho ou realidade: Homero é Homero, que, no dialecto fallado na Collophonia, quer dizer *refens*: assim Homero será agora, como foi sempre e como sempre ha-de ser, o Penhor Sagrado da Liberdade da Grecia.

Eschylo...

—...Irmão de Amynias que em Salamina alcançara o premio do valor; irmão de Cynegiro que em Marathona morrera pretendendo arpoar com as mãos um navio persa; serve, elle proprio, de Marathona, de Salamina e de Plateas, em cujas cicatrizes se justificou do *Prometheu*; poeta que teve, como Homero, rapsodos a eternisarem-lhe os poemas; soldado a quem os gregos erigiram uma estatua proposta por Licurgo; genio cujo estro Goethe e Byron, n'uma hora vinte e cinco seculos mais adeantada de civilisação, não conseguiram egualar; Padre-Eterno da Trindade a que pertenceram Dante e Shakspeare e de que resultou esta unidade que quasi os eguala—Hugo: Eschylo é, sobretudo e para o momento critico que ora sôa para a Grecia, o flammejante Gladio de *Os Persas*, onde a derrota de Salamina assume todo o horror d'uma noite de sabbat sob um vento de Fatalidade que do tumulo accorda Dario para vir annunciar ainda, n'um uivo estridulo de desespero, o golpe-de-misericordia de Plateas.

E, se o seu nome me traz ao espirito o *Prometheu agrilhado*, é que ha lá esta phrase do Filho-de-Themis e parece dicta pela propria Grecia n'esta hora de suprema ingratição:— *O meu genio tudo creou para os mortaes: e ninguem ora me vale no acumeu da tortura!*

.....
Vamos! que mais uma vez o Poder e a Força

agrilhoem Prometheu ao pôtro da Escravidão donde forceja por levantar-se! Como Ulysses na vespera da inilludível vindicta, como que o oiço murmurar — ao pequenino povo de heroes maximos, exaurido hoje do muito que viveu, do muito que produziu para proveito nosso! — como que o oiço murmurar, seguro de si, certo do triumpho ultimo: *Socega, meu coração! mais duras provas tu tens supportado já!*

Ha-de triumphar a Grecia! — Tem por si o Passado: pertence-lhe o Futuro. O Titan que civilisou a Humanidade, encadeado hoje, ha-de Hercules, ha-de o Heroismo libertal-o afinal!

Com um amor commum a arder-lhe no peito e a avigorar-lhe o braço um odio unanime contra o inimigo, entôe a Grecia o *hymno sem lyra* das antigas Furias: e, se mais uma vez ainda a Força vencer o Direito, — ai dos Vencedores!...

Não ouvem? não ouvem?... Vêm da Hellade — a Mãe-Sagrada! a Alma-Paréns — vozes cantando n'um arrepio de infinito:

“Ide, filhos da Grecia: libertae a patria! salvae vossos filhos, vossas mulheres, os templos dos deuses de vossos paes e os tumulos de vossos avós...”

Foi o hymno que apavorou os persas no dia de Salamina: ha-de ser o hymno que a Grecia ha-de entoar, quando os canhões das Potencias-Europeas ameaçarem tragar-lhe os muros da Cidade que tem por Deuses-Tutelares, Apollo e Minerva — a Harmonia e a Sabedoria.

Aveiro — 22-3.º-97.

CARLOS DE LEMOS.

Ai de ti, Grécia!

Na Grecia, agora, ha prantos e carpidos!...
Arrastando seus pávidos vestidos,
passeia a Dôr nos templos e nos caes...
Vagueia em Creta, em meio dos magótes,
entre escombros de templo, aos dichotes
do Estrangeiro, entre espadas, entre archotes,
soluçando, e dando ais!...

Os velhos deoses d'antes tão festivos,
tão risonhos!... agora, quaes captivos,
n'um triumpho maldito...
vagueiam mudos, nos azues espaços,
como vencidos barbaros já lassos
de retorcer embalde os magros braços
para os céos do seu rito!

As Orphãs e as Viuvas, como um côro
de uma antiga theoria, as tranças de ouro
esparsas sobre as ancas...
desfillam, com mil ais e vitupérios
pelas ruas tornadas cemiterios,
erguendo para os ceos calados, sérios,
as mãos castas e brancas!..

Os poetas, nas Cytharas divinas,
choram de Creta as tépidas ruínas,
e as tradições violadas. . .

Choram seus deoses e seus velhos cultos,
os seus campos tão fertes, hoje incultos,
choram as virgens, ai! cheias de insultos,
nas ruas degolladas.

Mas, n'um palacio, em torno d'aurea meza,
fumando, a sós, com toda a gentileza,
riem os diplomátas. . .

No mappa, rindo, tálham as fronteiras
da Grecia, a mãe de gerações guerreiras,
que assombrou milhões de hostes forasteiras,
mais os turcos piratas.

Ai de ti Grecia, que venceste outrora,
livre e cantando, os velhos reis da Aurora,
e mil povos absórtos! . .

Ai de ti, flor das gerações hellenas!
Ai de vós todas, ó nações pequenas!
Os diplomatas são como as hyenas:
riem, cheirando a mortos.

21-Março-97.

GOMES LEAL.

A PINTURA NA ANTIGA GRECIA

A arte decorativa tem sua origem natural na imitação da natureza, e todos os ornatos, por mais convencionaes que sejam, representam modificações de objectos naturaes.

Mas a pintura, no sentido que modernamente se liga a esta palavra, é já um desenvolvimento tardio da arte, visto como a sua existencia depende de materiaes que suppõem um alto grau de civilização; é o resultado de continuos esforços tendentes a imitar fielmente a natureza e a symbolisar o ideal com os traços mais salientes das formas bellas que n'ella se encontram.

E quanto mais exacta fôr a imitação dos seres reaes, tanto mais as obras d'esta arte sublime agradarão á vista e tanto mais satisfeito ficará o sentido esthetico.

Não quer isto dizer que a simples photographia da natureza seja o unico fim da pintura e que não seja uma verdade, hoje sem contradicção, que esta arte deve elevar-se acima do realismo vulgar, traduzindo em formas sensiveis adequadas o ideal do artista; mas, sim, que este fim não pode ser attingido sem que o pintor saiba representar, por meio do dese-

nho e do colorido, as mais insignificantes particularidades da natureza,—unico caminho para as mais elevadas formas d'esta arte bella.

A archeologia tem-se esforçado em colligir dados que patenteiem a evolução da pintura nos tempos primitivos.

O general Pitt-River expoz por algum tempo, no museu de South-Kensington, uma collecção ethnographica, que dá muitos exemplos interessantes do desenvolvimento do ornato na mais remota antiguidade, e principalmente do ornato grego, cujas variedades estão espalhadas sobre toda a terra habitada.

Ainda a archeologia tem procurado determinar o que a arte grega herdou dos Assyrios, dos Phenicios e dos Egypcios; mas estas investigações, posto que interessem á historia, nada importam á esthetica, porque os artistas gregos desenvolveram e transformaram essa herança com tanta originalidade que impossivel é descobrir os degraus da evolução.

O que se sabe é que, entre os antigos gregos, a pintura não teve menos brilho e fecundidade que a architectura e a esculptura, suas irmãs gêmeas.

Embora, actualmente, d'ella só restem escassos monumentos,—os *vasos gregos* (tambem chamados *etruscos*), os *arabescos* dos banhos de Tito, as *decorações muraes* de Herculanium e de Pompeia, as *catacumbas pagãs*, e, emfim, os *monochromos* com sangue sobre marmore branco, um dos quaes, encontrado em Pompeia em casa de Fauno, parece ser copia de um quadro grego que representava uma victoria de Alexandre,—pode julgar-se da relativa perfeição a que chegou pelas discripções das pinturas muraes e dos quadros

e pelos elogios que aos seus auctores fazem Cicero, Quintiliano, Pausanias e Plinio.

Pausanias falla de 93 quadros e de 43 retratos e consagra sete capitulos a descrever as immensas composições com que Polygnote decorou o *Lesché* (portico) de *Delphos*, entre as quaes as mais notaveis eram a *tomada de Troia* e a *descida de Ulysses aos infernos*.

Attribuem alguns a invenção da pintura a um egypcio chamado Philokles, outros a Cleophas, Cleophanto ou Kleantos, de Corintho (840 annos antes de Christo), que colorava seus desenhos com pós de tijolo moido. Limitava-se a principio a simples contornos e a monochromos negros sobre fundo vermelho ou vermelhos sobre fundo negro.

As tres côres que se tinham como fundamentaes — o *vermelho*, o *amarello* e o *azul* (a) só apparecem, como no Egypto, um pouco mais tarde, mas são empregadas em todo o seu valor.

Dão uma idea exacta d'essa pintura primitiva os *vasos etruscos*, a que acima nos referimos, a maior parte dos quaes offerecem desenhos negros sobre fundos vermelhos.

Antes da 8.^a olympiada (708 annos antes da nossa era), Bularkos fez um quadro da *batalha dos magnesios* contra Candale, rei da Lydia, que, achando-o tão bello, o cobriu de peças de ouro para o pagar.

(a) A experiencia fez reconhecer que o *vermelho*, o *verde* e o *roxo* são as tres côres fundamentaes, com cuja mistura se obtem todas as outras.

Depois não se torna a fallar de pintura até ao seculo 5.º antes de Christo, epoca em que se associou aos progressos das outras artes.

Então apparece Polygnote, de que já fallámos, que estendeu os meios de pintura não só inventando um negro que conseguia pela destillação do bagaço da uva, mas misturando as côres para obter tintas intermediarias.

Soube dar ás suas figuras um character imponente, uma physionomia ideal, um relevo expressivo, separando assim a pintura da simples illuminura.

Um dos seus quadros — a *tomada de Troia*, segundo uns, a *batalha de Marathona*, segundo outros, — causou a admiração dos habitantes de Delphos, que lhe offerceram uma larga retribuição, que elle rejeitou.

Os amphyciões agradecendo-lhe em nome da Grecia o seu desinteresse, decretaram-lhe corôas de ouro, logar distincto no theatro e alojamento á custa do publico, em todas as cidades do territorio.

Com Polygnote collaboraram na decoração do Pécilo de Athenas Panenos irmão de Phidias e Micon, de Athenas, que, representando os fastos da patria, deram á pintura a sua principal funcção, a de servir de subsidio á historia.

No seu tempo tambem cultivaram esta arte Denys, de Colophon, Plistenetes, Panemos, e outros.

Mas no periodo immediatamente seguinte é que ella faz grandes progredimentos.

Parrhasios, Zeuxis e Thimantos formam um verdadeiro triumvirato, que, mais tarde, no tempo de Alexandre Magno, se transforma na monarchia de Appelles, que marca o apogeu da pintura grega.

Até Parrhasios a pintura foi simplesmente decorativa e era um complemento indispensavel da architectura; mas elle fez a separação applicando-a a paineis moveis e á assumptos differentes dos que convinhão aos templos e aos grandes monumentos civis.

Posto que pintasse á *tempera*, como Polygnote, conheceu talvez a pintura ao *encaustico* (pintura-a-fogo), cujo processo se perdeu, e foi o primeiro que observou a symetria e deu vida, movimento e acção ás figuras e muito vulto aos corpos.

Era inexcedivel na perfeição dos contornos e na distribuição da luz e da sombra, em que pode dizer-se o precursor de Rembrandt.

Zeuxis, da Heraclêa, adquire grande reputação em Athenas e disputa primazias com Parrhasios. Não tinha egual quando pintava a belleza feminina, sendo eximio na escolha dos modelos, na correcção do desenho e na nobreza das fórmas, de modo que os seus quadros eram uma illusão para os sentidos e um arrebatamento para o espirito.

Archelau, rei da Macedonia, chamou-o para a sua côrte para o empregar na decoração do seu palacio com pinturas que foram bisarramente pagas.

Contam os antigos que Zeuxis, no cumulo da riqueza e da gloria, dava os seus quadros, dizendo que não havia dinheiro que pagasse o seu merecimento. Por baixo do seu *Athleta* escreveu: *ha de ser criticado, mas não egualado.*

Tinha todavia o defeito de desprezar a expressão moral (a que Polygnote principalmente attendeu, adquirindo por essa circumstancia, principalmente, a sua reputação), pelo que Aristoteles o censura.

Thimantos, de Cythnos, educado na escola de Sicyone ou Sikyon, fundada por Eupompos, excede os seus contemporaneos na *expressão*, que levava mesmo até ao exaggero.

O *Sacrificio de Iphigenia*, quadro celebre pela composição, foi muito elogiado.

Representando nas diversas figuras todas as gradações de uma agonia crescente, Thimantos cobriu com um veu o rosto de Agamemnon já para evitar o exaggero em que receiava cair tentando exprimir o desespero de um pae, já por não poder representar ao mesmo tempo esse desespero e a necessidade politica imposta ao rei dos reis para obter de Diana ventos favoraveis.

No tempo de Philippe e Alexandre da Macedonia, quasi todas as cidades da Grecia tinham escolas de pintura, onde se formaram artistas distinctos.

Citaremos na de Amphipopolis, Pamphilio, que para o progresso da arte tirou muitas vantagens da cultura das letras; na de Sicyone, Pausias, pintor de flores e de fructos, das abobadas e tectos das salas; na de Athenas, Nicias, que primava em pintar a formosura e os encantos feminis; na de Thebas, Nicomaque e Aristides, que, ainda que *secco* (assim se diz do pintor que nas suas obras colloca os claros muito ao pé dos escuros, sem deixar uma praça sufficiente de meia tinta, ou recorta os contornos e os desune do seu fundo), exprime melhor que nenhum outro as paixões da alma.

Mas quem resume o genio de todos os seus contemporaneos e é aclamado o principe da arte é Apelles, da escola de Epheso.

Essencialmente gracioso, não tinha o orgulho de Zeuxis e dos demais, e reconhecia o merecimento dos outros.

Não deixava de trabalhar um só dia, d'onde veio o proverbio—*nulla dies sine linea*; mas, como julgasse os seus quadros imperfeitos, escrevia sempre por baixo d'elles *fazia e não fez*.

Submettia-os á apreciação do publico; e conta-se que, tendo aproveitado a opinião de um sapateiro que havia criticado o calçado de uma das suas figuras e que queria estender a critica á perna, lhe dissera: *o sapateiro não se eleva acima dos sapatos*.

Vendo uma *Helena*, que um dos seus collegas havia pintado ricamente vestida, disse: *Não podendo fazel-a formosa, contentou-se com fazel-a rica*.

A outro, que lhe mostrava um quadro, que affirmava ter acabado em muito pouco tempo, respondeu: *Bem se vê*.

Apelles apenas pintava á *tempera* e passa por ter incorporado nas suas tintas uma substancia resinosa que lhes dava mais solidez e as punha ao abrigo da humidade e do pó; e julga o conde de Caylus, e o seu juizo parece ser confirmado por uma descoberta de Pompeia, que essa substancia era a cêra em fusão.

Fazia retratos tão verdadeiros e tão semelhantes no ar e em todas as partes do rosto, que um certo physionomista, em os vendo, dizia qual era o genio e o caracter da pessoa retratada.

Apelles foi o unico retratista de Alexandre.

Sob os successores d'este grande monarcha alguns mestres, como Mydon, Nealces, Metrodóro, Heracleide, tentaram manter-se ao nivel do grande artista, mas não o conseguiram.

O maior numero d'elles, chamados pelos gregos *shiparographos*, por tractarem de preferencia assumptos vulgares, empregaram o seu talento sobretudo a decorar com galanterias mythologicas ou pinturas licenciosas as casas dos ricos cidadãos ou das bellas he-tairas.

*

Para esse povo, outr'ora pujante de talento desenvolvendo uma civilisação original que irradiou para todos os paizes e serviu de fundamento a todas as modernas civilisações, estão voltadas todos os espiritos; e os seus actos heroicos fazem vibrar em seu favor os corações dominados por sentimentos generosos e altruistas, que, devido ao egoismo e interesse das potencias, só podem manifestar, como eu, um amor platónico, recordando um dos muitos beneficios que a humanidade lhe deve.

MAXIMIANO D'ARAGÃO.

*Áquella que eu amo mais do que a Deus,
tanto como á minha Arte e muito menos
que á minha Patria.*

Mata a ideia de Patria isso de Humanidade!
É um berço que se queima embora á luz da fé!
Não firma o sangue em nós principios de egualdade:
Entre homens de igual sangue ha distancias até!

Espirito que o mundo em teu abraço agarras,
Detraz de cada ceu ha sonhos differentes!
Para vingar um ceu eu sinto-me com garras!
P'ra defender o meu sirvo-me até dos dentes!

Qualquer coisa que ao Sangue ensina a Alma inquieta,
Eu dei ao meu Paiz o meu canto primeiro;
E, se á luz d'este sol eu me senti poeta,
Julguei-me desde então armado cavalleiro!

Odio ao forte — gritava em minha voz sonora,
Eu, que tivera ^{na} ~~a~~ voz na gleba fraca, inerte...
Protesto de quem foi pyrilampo uma hora;
De quem sendo hoje larva, havia sido verme!

Sinto em mim toda a Dôr velha da minha raça,
Gira-me um sangue mau nas veias esmagadas;
E n'estes braços nus, erguidos com desgraça,
Tenho ainda o signal vago das vergastadas!

O mesmo sol mentindo ainda do horisonte,
A amargura de sempre em todos os caminhos,
As palmas em que alguem nos agrilhoie a fronte
Dão-me inda a sensação d'uma c'rôa d'espinhos!

Mas impurro comigo a minha propria loisa,
Sinto-me moço e bravo ao pé de vós agora:
Uma sangrenta dôr foi sempre qualquer coisa
De motivo a atirar os nervos cá p'ra fóra.

Os gritos dos clarins d'essa Grecia, clamando,
O grande coração d'esse povo aviltado,
Trouxe-me um lar com sol e passaros em bando,
Deu ao meu corpo fraco um vigor de soldado.

Sempre a ideia de Patria o nosso peito aguarda!
Esqueço a dôr por onde o meu coração rolo.
Hei de saber tambem pegar n'uma espingarda
Eu que só sei puchar uma creança ao colo.

Ha mil boccas de fogo em cada peito: é abril-o!
Nas boccas dos canhões ha peitos a tremer...
Falla-se em patria? Basta! É o seu torrão aquillo
Que elles defendem? Basta! Elles hão de vencer!

Esquadras? Que me importa! a força tem limite,
Do fundo dos canhões também um tiro erra,
Ponde-me um barco em Kiel cheio de dynamite:
Ide-lhe envenenar as águas de Inglaterra!

Luctar brago com braço e fibra contra fibra,
Se a consciencia o dita, o nosso Deus o' ensina:
Não gosto do punhal, mas quando quem o vibra
É fraco e aviltado, é uma arma divina!

Porque sou como vós d'um paiz ameaçado,
Eu comprehendo agora o vosso odio bem!
Elles entram talvez o meu Paiz amado,
Elles veem matar os meus irmãos também!

Aproxima-se a lucta horrivel e suprema!
Que bello é assim o ceu! E dôce o vosso trilho!
A cada bala sua hei de eu dizer um poema,
P'ra cada pedra nossa eu hei de ter um filho!

Só podem constellar o nosso peito f'ridas!
As espadas são bem na mão; não na bainha!
E todas as nações poderão ser vencidas;
Ha uma só que nunca o póde ser: — é a minha!

Vasco passando altivo a agua embravecida
Gritou no seu valor todo o nosso poder!
Pois essa agua p'ra mim inda é a agua da vida!...
E essa India, lá longe, uma ancia a prender!

D'esse Camões não são os seus sonhos já dispersos,
Sente-o a gente ao pé como se vivo fosse.
O tempo não apaga a tinta dos seus versos,
Nem o bronze endurece essa figura dôce!

Gregos, eu sei da vossa dôr tremenda, immensa!
— Quantos perigos! Quantas luctas! Que de escombros! —
Mas a espada que ergueis defende a Patria e a crença!
E é já palma, que vós trazeis a cruz aos hombros!

Um grito enrija o peito: e criam-nos raizes
Os braços quando a lucta é, como a vossa, bella!
Quem me dera uma hora egual p'ra cicatrizes!
A minha Patria assim para morrer por ella!

Os meus braços estão cançados dos abraços;
As estrellas do Ceu quasi não posso olhar-as!
Tomai os braços meus e dai-me os vossos braços!
Pezai-me o coração e restitui-m'o em balas!

GUEDES TEIXEIRA.

REFERENCIAS Á PHILOSOPHIA GREGA

Ser-nos-hia impossivel descrever ainda que a traços largos todo o circulo radiante que a Grecia percorreu em qualquer das manifestações do espirito humano.

A sua litteratura foi sublime; nas bellas-artes tudo se conjugava n'uma eloquente simplicidade; os seus artistas tinham em si o complemento do bello.

Se é certo que todos os povos civilizados possuem em um dado momento da sua historia uma pequena phalange de homens eminentes que synthetizam como ninguem a grandeza da sua raça e do seu tempo; não é menos verdade que na Grecia os grandes pensadores e os nomes dos seus homens mais illustres têm sido como em parte alguma, sustentados pela instinctiva veneração dos seculos.

A humanidade inclina-se reverente perante tão extraordinarios pensadores, não procura reconhecer quaes os serviços por elles prestados ao espirito humano—as suas obras são mal comprehendidas, algumas ainda envoltas nas sombras do mysterio.

Grandes, muito grandes foram esses homens, por que só da grandeza do seu genio podia brotar e viver esse respeito que entre o tradicional e o sagrado tem passado triumphante de geração em geração; até parece que a admiração não sei se mystica, inconsciente ou alvar dos povos, crystallizando-se, condensando-se em camadas successivas, veio formar como nunca esse altar incandescente do sublime que inabalavel, ás tempestades da ingratição e rindo do esquecimento que

vem com o perpassar dos tempos, n'elle ainda hoje, no seculo da descrença, se adoram e veneram os vultos illuminados n'uma offuscante aureola de gloria, como — Pythagoras, Socrates, Platão e Aristoteles.

A philosophia grega é sem duvida a philosophia por excellencia; foi entre os gregos que ella se constituiu em estado de sciencia autonoma, foram elles que lhe introduziram elementos novos como a liberdade e a duvida, livrando-a assim da immobildade oriental.

Da India e do Egypto foi que elles trouxeram a sua philosophia, que começando por participar da religião, em breve põe de parte as theogonias sacerdotaes, substituindo o exame aos dogmas, apresentando uma moral independente da theologia, entrando em uma nova phase representada pelos sabios que se applicaram á pratica.

Foi grande, certamente, a missão sociologica que esses sabios em si synthetisaram; até no dizer de um illustre escriptor—os seus proprios erros foram bem instructivos.

Os seus principios fundamentaes servem de base á civilisação moderna; e na verdade a philosophia da idade media nada mais reproduz do que as doutrinas de Platão e Aristoteles e a dos tempos modernos foi buscar os grandes problemas philosophicos precisamente no ponto em que os gregos os tinham deixado.

Não estudaremos decerto a philosophia grega em todas as suas phases nem mesmo examinaremos de uma maneira embora rapida as doutrinas dos seus principaes philosophos; isso seria estudo improprio para agora, difficil e quasi impossivel para esta occasião, levar-nos-hia aonde não queremos e não pode-

mos; basta affirmar com razão e justiça que povo algum mostrou de uma maneira tão clara e de um modo tão brilhante, a quanto pode chegar a grandeza do genio no seu faiscar inspirador por entre as tempestades das ideas.

Que as luzes flammejantes que tão eminentes pensadores lançaram no caminho por onde devia percorrer a civilização e o progresso, sirvam hoje de almo clarão que os destaque e illumine por entre a escuridão dos seculos!

Coimbra—Março—97.

PATRICIO JUDICE.



AOS GREGOS

Que o Barbaro não pise os campos desolados:
Luctae até ao fim, luctae como leões...
Se tendes contra vós os grandes couraçados,
Estão a vosso lado os nossos corações!

Coimbra, 1897.

VILLELA PASSOS

ARTE HELLENICA

ANTIGA

Desde menino que a Grecia me vem á imaginação, voluptuosa e languida entre olores de magnolias em flôr, repoisando ancestral e serena entre rumorosos bosques cantados d'agua, alvejantes de marmores ideaes. Por entre as suas moitas de loureiros, a Venus antiga e amorosa, mostra os seios turgidos e brancos e as odes d'Anacreonte cantam meigas e cheias de melancholias virginaes por entre sarçaes floridos. E tudo ali conservou a candida graça d'alma e sêde infinita d'Ideal. O typo amoroso e languido da mulher grega contemporanea, evoca os marmores evolados das mãos de Praxiteles moldados na belleza plastica da hetaïra Phryné e que são o segredo da Vida assoprado a pedra rigida e o ideal supremo da perfeição humana. O movimento litterario d'hoje ⁽¹⁾ não é mais do que uma Arte de retrocesso á fonte da Esthetica grega symbolisada na individualidade psychologica d'Homero. A Illiada, fremente de coleras olympicas, de paixões rugidôras, de phenomenaes tragedias, é a summa perfeição da Poesia hellenica. Sophocles o grande tragico extasiava-se no dolorido estremecimento da carne atormentada. A arte grega, estudava as dores d'Alma nas masculas vibrações da carne; a Poesia adivinhava, a sensualidade na forma. Philoctetes, colleando-se em roscas febris como as serpentes no coração de Laoconte, varado pelas flechas envenenadas, é a supre-

(1) Não fallo do *Symbolismo*, que caiu em Portugal miseravelmente.

ma criação d'essa Tragedia fatal e sublime, negra e convulsionadora. A forma e o sentimento da Poesia hellenica são um complemento do Real e do Irreal. O poeta grego adora a sua criação delirante e desvaierada. Menos voluptuosa do que a Poesia romana, a Poesia grega, é comtudo extremamente sensual. O Artista vae buscar o motivo da sua Inspiração serena e ideal á adoração de todas as almas. O que mais admira, é a eterna frescura, a eterna e fecunda mocidade d'essa divina Poesia, que atravessando a noite dos Seculos, vem até nós immaculada e cheia de pureza como uma Vestal, com um perfume de modernismo que estontêa.

“Fez-se Niobe em pedra e Philomela em passaro;
Assim
Folgaria eu tambem me transformasse Jupiter
A mim.

Quizera ser o espelho em que o teu rosto placido
Sorri;
A tunica feliz que sempre s'está proxima
De ti.

O banho de crystal que esse teu corpo languido
Contem;
O aroma do teu uso e d'onde effluvios magicos
Provem.

Depois esse listão que do teu seio turgido
Faz dois;
Depois... do teu pescoço o rosicler de perolas
Depois...

Depois ao ver-te assim unica e tão sem emulas
Qual és,
Até quizera ser teu calçado, e pisassem-me
Teus pés! . . .⁽¹⁾,

Pois não é idealmente bello isto, meus amigos?

A Grecia, não tem velhice, como diz João Paulo. Os rhapsodos errantes que de cythara presa á cintura, andavam incertos pelo mundo, tocando lyra nos funeraes dos barbaros, cantando, no resplendor das noites gloriosas, a infinita belleza dos Deuses sonoros e doces como suspiros d'harpã eolia, moços e amorosos eternamente; evocando, coroados de loureiro e tunicas fluctuantes, a amarga Saudade do templo de Dydemêo onde iam em pequeninos, angelicos e loiros como trigaes maduros, levar entre flôres, madeixas de cabello, são bem filhos de Sapho e Anacreonte, fragrantés e moços, elyseos e serenos como cordeiros bibliaes, relvando por entre os lirios da Escripura. Ah! a eterna ancia, a eterna infancia da Poesia hellenica! . . .

Foi na Grecia, sonhadora e voluptuosa que Byron scismou algumas das immortaes estrophes do *Child-Harold* e quiçá cinzelou as harmonicas formas da Judia das *Noites hebrêas*, errando ás tardes claras como um pastor grego de clamyde fluctuante, por entre loureiras e myrthos, adormecendo suavemente sob os vergeis da Hellenia, resplendentes e illuminados como um livro d'horas, de marmores romanticos! A Grecia foi não só a fonte primeva da Esthetica, mas ainda o berço da mais luminosa civilização antiga. Essa Arte ideal e sublime, foi na antiguidade, a unica que

(1) «*Metamorphoses de Cubiyar*» Anacreonte. Trad. de Castilho.

concebeu o mais alto typo de belleza humana, nas Venus dos seus immortaes esculptores.

A Estatuaria attingiu na Grecia — mercê da feroz idolatria da raça pela belleza das formas — um ale vantado e maravilhoso cume de perfeição. O Hercules Farnesio e a Venus de Millo, ainda não tem marmores que lhes façam sombra. Phryné, amante de Praxiteles e o modelo das suas obras primas, é um dia accusada de violar os mysterios de Eleusis e levada deante d'um tribunal de julgadores velhos e gastos já. Foi em vão que Heyperide, seu defensor, a tentou furtar á condemnação; a Justiça era inviolavel e inhumana. Allucinado, rasga a tunica da hetaïra, e mostra o seio erecto e branco como um lirio de Galgalá e o collo de Graça mais alvo e mais perfeito que mãos de Deus ainda modelaram no ephemero barro humano. E a rigidez marmorea d'esses velhos juizes que se não amolecem com a palavra fremente de Hyperide, commoveu-se deante de tal harmonia de formas, da elysial e suave plastica da cortezan. Phryné foi absolvida.

Os athletas olympicos, eram perpetuados á admiração das raças do porvir, pela inscripção dos seus nomes nos plynthos marmoreos dos monumentos. Mostra isto, até que ponto acuto e intenso, o povo hellenico tinha o sentimento da belleza plastica. Ah! mas a Estatuaria hellenica, mas a Arte grega, ainda hoje não tem egual no mundo. Deante das suas maravilhosas obras d'Arte, revive e evoca-se toda uma Edade-de-Oiro, fecunda e perfeita e o genio artistico d'esse povo aguerrido e amoroso, tendo já no sangue, nos olhos e nas formas um langor mourisco!...

JOÃO GRAVE

COM OS OLHOS NA GRECIA

Pelo acordar de sympathias e de protestos que provocou no espirito dos povos, a attitude das grandes nações da Europa, em face da pequena Grecia, tem para mim, ao contrario do pensar e do sentir geral, uma significação consoladora.

No facto, eu não vejo, como dominante, o predomínio da força gritado pelas ameaças de uma diplomacia assustada e hesitante; nenhuma surpresa me trazem as esperadas palavras dos estadistas e dos reis; uma unica e grande certeza illumina a minha alma:— a certeza de que a palavra da liberdade não pode, já hoje, morrer nos nossos labios.

Da banalidade diplomatica das notas forjadas no escuro isolamento dos gabinetes nada nos deixam vêr os povos erguidos a pateal-as:— desapareceu o estado, surgem, apenas, as nações. E embora a patria da Grecia esteja lá para o nascer do sol cingida na estreiteza de uma terra minguada, eu sinto-a palpitar por toda a parte na linha hellenica das nossas estatuas, ao accender das côres dos nossos quadros, no despertar dos sons da nossa musica e é ella que abraza ainda, nos porticos de todos os templos, o caminho das crenças que nos levam a Deus.

Patria errante e dispersa, não pode nunca morrer.

Quando a Europa expirar dentro dos mappas, ha de a Grecia viver dentro das almas.

Assim me alegra a derrota da torva diplomacia do seculo, que, pensando ir riscar um pequeno povo da historia, encontrou de face todo o mundo, de pé, com uma ameaça nos pulsos e um protesto nos olhos.

ALEXANDRE BRAGA, filho.



UMA ORAÇÃO

Meus paes haviam-me ensinado lindas coisas ácerca de Deus que tudo creára e tudo via. Lendas sublimes que lançaram as suas raizes no mais intimo do meu espirito e n'elle floriram durante muito tempo. Então, eu tinha Deus no cerebro e no coração. As minhas orações eram, além d'um humillimo preito á grande Divindade Creadora, a crystalisação do meu mais puro amôr. A uma virgem, chamada Maria, que dizem ter sido Mãe do Deus, dedicava eu em piedosos carmes todos os affectos da minha alma.

Mas um dia, dia de memoravel tristeza para mim, o ideal que por tanto tempo preencherá e consolára

o meu sêr de creança, comecei de achal-o insufficiente e, não sei porque tentação do demonio, a duvidar da sua verdade.

Apesar de não se conceber a vida sem se amar alguma coisa, julgo que vivi então algum tempo sem nada amar.

Em uma ancia torturante e angustiosa, percorri as veredas e florestas do espirito humano, chamando pela verdade. As religiões encontrei-as na sua maior parte grosseiras e estupidas, filhas quasi sempre da ignorancia de timoratas multidões. As maximas e principios que em diversas d'ellas ainda hoje me tocam o coração, parecia-me que, filhas do cerebro d'um pensador qualquer, bem as podia praticar e guardar no intimo do peito sem o auxilio de idolos ou cultos ridiculos e improprios d'homens criteriosos e livres.

Foi n'este estado do meu espirito e da minha consciencia que eu encontrei um dia nos livros d'um homem que a par da mais sã e alta sciencia possuiu sempre a mais doce e serena bondade do seu grande coração, uma prece que devéras me commoveu. A oração que Rénan recitára sobre a Acrópole veio preencher o vazio do meu espirito.

Disse-a cem vezes... Rezei-a mil vezes... Fiquei sempre a balbucial-a!...

E hoje, nas horas da grande tristeza e das máguas profundas, só esta prece, sublime consubstanciação da antiga alma hellenica, me consola e acalenta.

Lembrei-me, pois, que seria opportuno, ao dizer alguma coisa da Grecia, lembrar-vos um pouco do que a minha alma agora reza. A patria grega não nos

deve só a sympathia que inspiram todos os opprimidos; o sólo grego são os Logares-Santos da nossa religião, que é a Arte.

“Oh Arte grega! oh nobreza! oh belleza simples e verdadeira! deusa cujo culto significa razão e sabedoria, tu, cujos templos são uma lição eterna de consciencia e de sinceridade, chego tarde ao limiar dos teus mysterios; trago muitos remorsos ao teu altar.”

.....

“Ensinaram-me as longas historias de Cronos, que creou o mundo, e de seu filho que, segundo se diz, realisou uma viagem na terra. Os templos dos padres, que me ensinavam essas historias têm tres vezes a altura do teu, oh Eurhythmia, e são semelhantes a florestas; falta-lhes apenas serem sólidos; cáem em ruina ao fim de quinhentos ou seiscentos annos; são phantasias de barbaros, a quem passa pela imaginação que é possivel fazer qualquer coisa bem, fóra das regras que traçaste aos teus inspirados, oh Razão.”

.....

.....

“Lembras-te d’aquelle dia, sob o archontado de Dionysidoro, em que um judeu feio e pequeno, que fallava o grego dos syrios, veio aqui, percorreu os teus pavimentos sem te comprehender, leu erradas as tuas inscripções e julgou achar no teu recinto um altar dedicado a um deus que seria o *Deus ignoto*?

Pois bem, esse judeu supplantou-te; durante mil annos foste tratada, como um idolo, oh Verdade; durante mil annos o mundo foi um deserto onde não germinava uma flôr. Durante esse tempo, calavas-te, oh Salpinx, clarim do pensamento. Deusa da ordem,

imagem da estabilidade celeste, era-se culpado por te amar.,

.....
"Só tu és joven, oh Cora; só tu és pura, oh Virgem; só tu es santa, oh Hygia; só tu és forte, oh Victoria. As cidades, tu as guardas, oh Promachos; tens de Marte o que é preciso, oh Aréa; a paz é o teu fim, oh Pacifica. Legisladora, fonte das constituições justas; Democracia, tu cujo dogma fundamental é que todo o bem vem do povo e que, por toda a parte, onde não ha povo para nutrir e inspirar o genio, não ha nada, ensina-nos a extrair o diamante das multidões impuras.,

.....
"O mundo não poderá salvar-se senão regressando a ti, repudiando as suas ligações barbaras. Corramos, acudamos todos em bando. Que dia formoso aquelle em que todas as cidades que tomaram pedaços do teu templo, Veneza, Paris, Londres, Copenhague, restituam os seus furtos, e formem theorias sagradas para virem aqui trazer os fragmentos que possuem, dizendo:—Perdoa-nos, deusa, era para salvar-os dos maus genios da noite!.,

Esta uma parte da oração que agora a minha alma reza.

Coimbra, 1897.

AUGUSTO GRANJO.

Revolvendum mare . . .

O mar que ulula retumbante,
Eriça as grenhas . . .
E n'algum areal distante
Desfaz-se em rolos, soluçante,
De encontro ás penhas!

O vendaval, que ameaça chuva,
Ronca entre as faias . . .
A vaga ruga e encrespa a juba
Que o furacão, emfim, derruba
Nas ermas praias! . . .

Ó mar irado, mar convulso,
Mar infinito . . .
A praia freme ao teu impulso . . .
Bem sinto latejar teu pulso,
Heroe proscripto! . . .

Deixa bramir tufões, procellas,
Ó vasto mar!
Em vão, em vão tu arrepellas
Baixeis sem mastros e sem velas
No abysmo alvar . . .

Nas noites negras e sem calma,
Ó mar infrene,
Ah! nada, nada, emfim, acalma
O debater-se da tua alma,
O anciar perenne!

Oh! tu revolves nas entranhas,
Mar nocturnal...
Milhões de aspirações estranhas
Capazes de abalar montanhas
Na ancia fatal!...

E n'essa luta audaz, fremente,
Mar furibundo,
Tu lembras o vulcão latente
Onde germina a ideal semente
Do ancian do mundo!...

Ha uma cratera colossal
— Obra de heroes! —
Que ha de explodir... ha de afinal,
Mostrar, no abalo social,
Extranhos sóes!...

Ha de raiar a Liberdade
E os astros novos
Da Justiça e da Egdaldade!
Resurge, emfim, humanidade,
Acordae, Povos!...

E quando, ó Mar, da Europa as frotas,
N'um cataclysmo,
Abrirem contra a Grecia as rotas
Do ataque... — inflige-lhes derrotas...
Sorve-as no abysmo!...

Coimbra, março de CXVII.

GONÇALVES CEREJEIRA.

A ANTHOLOGIA DE MELEAGRO

Diziam os antigos, que existiu um singular jardim atravessado de rios cantantes, florido e luminoso, onde as macieiras tinham pomos d'ouro que brilhavam antre o arco das ramadas.

Toda a vida grega está perfumada de lendas, como um bosque, ao anoitecer, pelos lilazes que vagarosamente sacodem os seus cachos. De toda a Grecia antiga vem um rasto de luz e de flores, grandes ramos, elegantes grinaldas, frescas ainda, como os amôres moços dos que muito amaram ha seculos, e que até nós chegam atravez os livros, atravez as estatuas, viçando sempre. Os amôres do Marcus Antonius e de Cleopatra perfumaram todo esse tempo escuro de guerras; o seu canto voôu mais alto do que o ruido das lanças quebrando-se nos broqueis e do que o grasnar dos soldados avançando para o choque fatal da batalha sangrenta.

Foi a Hellade que creou esta lenda deliciosa, como tantas outras, como a da Seringe, como a de Acteonte, e deixou-nos, realisação d'esse jardim, duas anthologias, a de Meleagro e a de Phillippe, suavissimos jardins onde são como macieiras claras de aureos pomos os doirados versos.

E, como á porta d'esse jardim phantastico, onde umas donzellas moravam, em cujos rios suaves luziam os aneis dos cabellos das nereidas, ha tambem um dragão furioso na collecção de Meleagro, que só deixa

entrar os que teem o peito cheio de sol, e os olhos claros das chimericas paisagens da verdejante Athenas.

Grinalda lhe chamou Meleagro, mas eu vou além: creio que é o proprio jardim das Hesperides, esse livro precioso, como o thesoiro de Delos, magnifico como um rei d'Homero, como Agamemnon, pastor de povos, e subtilmente voluptuoso, como Laïs, como Phryné, amante de Praxiteles, que atravessaram os tempos, só pela sua Belleza triumphante, que Poetas e esculptores celebravam no rythmo cadenciado das cytharas maviosas e nas finissimas linhas do marmore de Paros.

Compara Meleagro a flores os auctores que reuniu. Sappho é uma rosa, Hegesippos uma clara vide, lançando os seus ramos, como braços d'onde pendem cochos d'ouro—caricias dos seus versos lindos. Ha nella os lyrios d'Anitea, lyrios de Myro, "flexiveis jactos do platano de Pamphilio", e d'Anacreonte "versos doces como o nectar, elegias fecundas como a camomilha", a folha d'acantho de Archiloco, nardos d'Hermodoro, e chrisantemos do divino Platão, cheios de seiva, de força, de brilho.

O grande publico não comprehende a doçura sem par d'esses epigrammas, d'um frescor permanente, d'uma graça attica, que não entra no espirito como uma chuva, mas que se infiltra, docemente, docemente...

E' como um vinho delicioso e raro, que bebemos aos poucos, em pequenos golles, mas que não satisfaz o bebedor vulgar, habituado ás grandes doses d'um vinho ordinario.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

PHRYNÊA

Bello povo a Grecia: bello povo, idolatra da Beleza, como nenhum outro jamais...

Sob o pallio azul do Céu, azul como os olhos de Helena: num niagara loiro de sol, loiro como os cabelos de Daphne:—um pequenino jardim perfumado de myrtos e rosas, perfumado como os labios de Hebe—: tal, numa hora de regresso ao Antigo, imagino esse povo que ao meu espirito, requintadamente artista, apenas me suggere uma deliciosa chorêa de Nymphas, entoando, coroadas de lirios e verbenas, um alegre hymno á Vida, um soberbo dithyrambo á Mocidade...

Evohé! Viva o Amor!

Bello povo a Grecia: bello povo, idolatra de Beleza, como nenhum outro jamais...

* * *

Lá surge agora uma Mulher de formosura olympica, qual uma deusa do Parthenon...

Pudicamente nua, como os lirios que se não vestem, o seu collo em lyra, harmonioso como um pean de Anachreonte, tem a seducção dum sonho de que

ao despertar nos não lembramos. . . Rosas amassadas em Sol, tal esse corpo esplendido que os meus olhos extasiados sondam, como *touristes*, do alto d'uma montanha, discriminando os mais insignificantes matizes dum sol no occaso que outros olhos já não descobrem. . .

Lá surge agora uma Mulher de formosura olympica, qual uma deusa do Parthenon. . .

* * *

Venus de Gnido que Praxiteles modelou em mármore: Venus de Anadyomenes que Apelles copiou na tela:—oh Phrynêa, salvé!

Que bom fôra viver no tempo em que o teu esplendor irradiava pelas ruas de Athenas, fascinando os homens, enraivando as mulheres: sorvedoiro de minas para delicia dos sentidos! . . . E como eu quizera adormecer ao som da tua flauta, bella Tibicina, que aos teus accordes arrastavas as Almas, como Orpheu as pedras, e as ajoelhavas aos teus pés na adoração da tua Graça! . . .

Venus de Gnido que Praxiteles modelou em mármore: Venus de Anadyomenes que Apelles copiou na tela:—oh Phrynêa, salvé!

* * *

Bello povo a Grecia: bello povo, idolatra de Belleza, como nenhum outro jamais. . .

O despeitado Euthias leva ante o tribunal dos Heliastas essa Mulher que as austeras Matronas accusam de perturbadora de Paz-Domestica... Pobre Phrynêa! que culpa têm os teus olhos de serem assim deslumbrantes: e o teu corpo de ser assim delicioso?!... Mas Heyperide desnuda-A:—e, ante o modelo das Deusas, abrem os olhos maravilhados os graves Heliastas. E d'Elia apenas exigem que uma vez no anno se mostre nua ao povo... de graça!

Bello povo a Grecia: bello povo, idolatra de Belleza, como nenhum outro jamais...

Coimbra—março de 97.

PINHO D'ALMEIDA.

LUX PERPETUA

Emquanto sobre a margem do Hellesponto,
Além, por entre a escuridão opaca
Da procellosa noite, se destaca
De uma luz frouxa o scintillante ponto;

Olhos fitos na tenue claridade
Que de longe se avista e mal se apaga,
Leandro, o louco amante, affronta a vaga,
A corrente voraz e a tempestade!

Vae, n'uma lucta desigual sem medo,
Ermo, transpondo o horrifico elemento;
Seguro, porque o guia um pensamento,
Forte, do amor de Hero no segredo.

O plano da nossa revista só permite a publicação d'ineditos, todavia tendo-nos o sr. dr. Theophilo Braga enviado uma poesia da *Visão dos Tempos*, abrimos hoje excepção para o illustre escriptor.

Mas, que? Quando uma noite o doudo amante
A voz que o chama na sua alma escuta,
Se arroja ás ondas, e com as ondas lucha,
O vento apaga-lhe o fanal distante...

*

Foste, oh Héllade assim! Emquanto ardia
No horisonte a luz da liberdade,
Sentindo o immenso amor da Humanidade,
Creaste a Sciencia, a Arte e a Poesia!

De vez extinto esse fulgor divino,
Foste na historia como um corpo morto;
Contigo a Humanidade, não sem porto,
Fluctuava ao som de agua, sem destino,

THEOPHILO BRAGA.

BELLEZAS DA MYTHOLOGIA GREGA

Lendas! como são bellas as lendas! Azues flôres de linho a matizarem campinas verdejantes, borboletas de côres macias a ornarem a imaginação d'um povo!

De origem incerta, producto da massa anonyma, são como aquelles calcareos que formados por justaposição de camadas successivas, augmentam todos os dias de volume! O estro poetico da multidão vae-as polindo, transformando, como a agua das correntes a superficie lisa em que bate!

E quanto mais artista um povo é, quanto mais perfeita é a sua idiosyncrasia, tanto mais lhe ha que admirar na religião, que afinal não é senão um conjuncto ordenado de lendas. É por isso que entre todos os povos da antiguidade, a Grecia resalta com a sua arte e com a mythologia, uma das differentes modalidades da sua expressão artistica. Roma copiou-a; a edade classica d'ella tirou o melhor dos seus conceitos, e ora que um vento de sympathia pela arte antiga vae soprando em torno a nós, para vêr o povo grego no plenilunio lampejante da sua gloria, necessario se torna miral-o atravez o prisma engrandecedor dos seus mythos. Com effeito não ha mais poeticos mythos que os gregos; não ha igual belleza de symbolos, igual agudeza de conceitos, igual moralidade d'expressão!

A religião dos gregos era consoladora; sem ser laivada do pessimismo que affecta as religiões semi-

tas a sua mythologia a todos protegia, poetisava tudo. Dos campos ás cidades, do rico ao pobre, da cortezan que se entregava ao primeiro que passava até á virgem pudibunda e recatada, todos tinham o seu deus, todos tinham quem adorar. Nos campos entre bosques de myrtos, entre aristocratas loireiraes gargalhavam *Napéas* e *Dryades*, brincavam *Faunos*; nos mares entre a sua espuma branquejante que gerara *Venus*, entre alterosas vagas que ameaçavam os triremes, *Naiades* e *Tritões* jovialmente corriam por de sobre a immensidade liquida a annunciar como arautos com buzios colossaes, o rei *Neptuno* empunhando o tridente que servia como o azeite para aplacar as furias do seu irado reino!

Nas fontes murmurantes, á frescura do arvoredado, nymphas casquinavam agarotadamente. Depois até os proprios ladrões tinham em *Mercurio* o seu deus, o que não admirará a quem conhecer a legislação do sabio espartano; o adulterio foi divinizado em *Venus* que, impressionada pelas façanhas de *Marte* o amou a ponto de nascer d'elles *Cupido*, e o rapto de *Ganymédes* é afinal uma manifestação de sadismo.

Os deuses nasceram todos do *Tempo*; e o *Tempo* era para elles *Saturno*. Por isso o representavam n'um velho cachetico de alvas barbas, ampulheta n'uma das mãos, na outra uma foice para ceifar as vidas humanas e que ia ao mesmo tempo devorando os proprios filhos. A vida era um fio tenuissimo que, nos *Infernos*, *Lachésis* fiava e *Atropos* cortava com a thesoura fatal.

Mas a mythologia grega é como os brilhantes facetados que por qualquer lado que se encarem bri-

lham sempre. *Jupiter*, o pae dos numes, o rei do *Olympo*, não tem a catadura feroz nem a intratavel magestade do Jehovah das Escripturas; pelo contrario, se como *vir proteus* venceu os *Titans*, derrubou seu pae *Neptuno*; como enamorado o seu poder inventivo é enorme e transforma-se successivamente em *Chuva d'Ouro* para seduzir *Danae*, em *Cysne* para surprehender *Leda*, em *Nympha* para enganar *Helice* e em *Aguia* para arrebat-
tar *Ganymédes*.

Que o diga o *Jupiter Olympico*, em que o cinzel de Phidias deu vida ao marmore grego, que o digam o *Jupiter* e *Antiope* de Ticiano, o de Raphael, o de Poussin!

Até nos proprios castigos que infligiam, os deuses gregos eram singularmente inspirados: *Prometheu* acorrentado ao Caucaso, como a Imaginação do nosso Poeta concebeu Adamastor, lá está estendendo as suas alvas barbas, como aservas do monte, os seus dentes como penedias regulares, de continuo exposto a um abutre medonho que lhe devora as entranhas que renascem ao mesmo tempo. *Tantalo* no horrivel *Tártaro*, onde *Plutão* e *Proserpina* reinam, quer satisfazer as suas necessidades e não póde; se vae para colher um pomo seductor que o namora empoleirado em arvore baixa, foge immediatamente e elle fica-se a olhar com avidez... se quer mitigar a sêde n'um crystallino ribeiro que murmura a seus pés, corre, saltita pressuroso.

Supplicio innarravel, suportal-o, seria como ter olhos, e não vêr, e não ter onde exercitar a vista, amar, ser amado e todavia inhabil para realisar o Amor!

Phaetonte, o filho de *Apollo* e *Climene* lá vae a guiar o carro do Sol, mas de subito os cavallo tomam-lhe o freio nos dentes, approximam-se demasiado da Terra, e *Jupiter* irritado fulmina-o, precipitando-o no *Eridano* e *Icaro* a voar na atmospheraz azul com suas azas improvisadas, vae tão alto que a cera que as segura se derrete e elle cae, morrendo afogado.

Tantaene animis cęlestibus irae!

Emfim, illuminados pela luz coada atravez dos polychromos vitaes da nossa Phantasia, tomam esses tempos proporções agigantadas de belleza e formosura. E assim como os filões auriferos se não encontram logo á flôr da terra, tambem preciso seria prescrutar mais a fundo a mythologia grega para completamente nos deslumbrar se tal tarefa fõsse possivel no estreito espaço de que dispozémos.

Coimbra, 26 — Março — 97.

SIMÕES BAIÃO.

POLITICA INTERNACIONAL

II

CRETA

As guerras religiosas tão frequentes na antiga e media idade, vão felizmente tornando-se mais raras na epocha contemporanea, e não devemos desesperar de as vermos, de todo, desapparecer, assim como a religião,—função social de character transitorio.

Chegados que sejamos a um periodo de completo derramamento da instrucção, e portanto d'uma elevada cultura intellectual, os deuses serão postos de parte, o culto extinguir-se-ha, e ficarão sómente esses principios tão bellos quanto humanos de verdadeiro altruismo.

Não teremos, pois, os escolhos das questões religiosas, a impedir a marcha do batel da civilisação.

E os piratas não virão em nome do direito, que o é, mas da força—a guerra—atacal-o e abordal-o traiçoeiramente.

Mas... ideaes, por ora. Que esse batel ahi está parado e com rombos na quilha, paragem e rombos que um escolho enorme ainda hoje lhe causou.

Não são d'agora as questões religiosas do oriente—os massacres dos christãos no Imperio Ottomano.

Fanaticos, crueis e selvagens, os turcos, não comprehendem o moderno e liberal principio da liberdade de consciencia e de culto, não concebem sequer os principios humanitarios.

Ignorantes e teimosos não veem os conflictos graves que podem levantar, nem o mal que d'elles lhes póde advir.

Sem brio nem dignidade não dão o que promettem — a tolerancia.

Desde a fundação do imperio foram os turcos sempre opprimindo os christãos, cerceando-lhes a desejada liberdade. (1)

A Grecia, ativa e forte, decidiu-se a combater. E ao cabo de lucta heroica em que os Canaris, Miaoulis e Botzaris lembravam os Milciades, Leonidas e Themistocles d'outros tempos, a Grecia conseguiu, intervindo já a seu favor as potencias europeias, e muito principalmente a França, ver reconhecida a sua independencia em 1830.

Pouco tempo depois, o Egypto então tambem sob o poder do sultão, revoltou-se, sendo, porém, mais infeliz que a Grecia, pois por si só teve a generosa França.

Depois da guerra da Crimeia entre a Russia e a Turquia celebrou-se o tractado de Paris de 1856, no qual as potencias europeias se compromettiam a garantir a integridade e independencia do Imperio Otomano, obrigando-se, por sua vez o sultão a estabelecer a egualdade religiosa e civil dos seus subditos.

E logo a seguir a Europa intervem fazendo com que a Turquia conceda á Moldavia e Valachia, que

(1) No celebre congresso de Vienna de 1815 pediu o então tzar da Russia a intervenção das potencias a favor dos christãos e contra os abusos do poder mussulmano. Não intervieram as potencias. Acima dos principios humanitarios estava para ellas, como ainda o está hoje, o equilibrio europeu.

tomaram o nome de Roumania, e á Servia, vantagens administrativas e politicas.

Em 1860, dando-se grandes massacres de christãos na Syria, e fechando os olhos a elles as auctoridades turcas, ou antes dando-lhes o seu assentimento tacito, interveiu a França, que occupou aquella região, aceitando os turcos que uma commissão internacional regulasse a condição dos christãos do Libano. (1)

Em 1866, Creta, a ilha que ora é theatro de sangrentas tragedias, insurreccionou-se em seguida a uns massacres horribéis. Intervieram as potencias; mas a Turquia que reprimia com a maxima crueldade a insurreição não respeitou tal intervenção e as potencias de nada mais se importaram, chegando a recusar asylo aos insurrectos feridos que tiveram de recolher-se em navios americanos.

A Grecia quiz intervir em favor de seus irmãos cretenses, mas todas as potencias se oppozeram.

Revoltam-se em 75 a Bosnia e a Herzegovina. E immediatamente, excitadas pelos massacres commettidos na Bulgaria, sem duvida devidos áquella revolta, a Servia e o Montenegro declaram guerra á Turquia.

A Europa intervem, fazendo com que a Turquia reconheça a independencia absoluta da Servia, da Roumania e do Montenegro, ficando a Bulgaria e a Roumelia Oriental autonomas mas ainda dependentes da Porta, e a Bosnia e Herzegovina dependentes da Austria. Mais uma vez tomou então a Turquia o encargo de garantir a liberdade de culto, civil e politica e mesmo de defender os christãos da Armenia. Ainda

(1) Vej. Despagnet, *Cours de droit international public*, pg. 201.

depois a Bulgaria unindo-se á Roumelia revolta-se, pedindo o sultão a intervenção das potencias que não accederam ficando aquellas duas provincias autonomas, completamente livres, mas juntas.

Vê-se claramente d'esta resenha historica que desde a fundação do imperio ottomano as intervenções não têm cessado, o que levou lord John Russell a dizer que a Turquia constitue na Europa uma excepção, e Despagnet, que a Turquia não tem senão uma soberania attenuada, e em certos casos puramente nominal.

Todos os estados são eguaes, senão em força, em direito — como nos individuos.

Reconhecido que seja um estado, reconhecida está a sua soberania. Direito incontestado, todos o respeitam e acatam, não, sem por isso, deixar de admittir-lhe excepções.

Poucas são, todavia, e todos procuram restringil-as. E tanto que discutindo-se as intervenções, todos os internacionalistas são concordes em estabelecer o principio da não-intervenção.

E sem duvida, nenhum estado tem o direito de, sahindo da sua esphera d'acção, intrometter-se, por qualquer modo, nos negocios d'outro.

Este principio liberal não admittte contestação, embora já não succeda o mesmo quanto a excepções. Estas, tem-n'as, em que peze a varios auctores ⁽¹⁾.

Quaes são, isto é, quaes os casos em que seja permittida a intervenção, eis o que se discute.

Calvo, percorrendo todos os tractadistas de direito internacional, chega á conclusão de que são

(1) Vergé, Casanova e Carnoza-Amari.

quasi tantas opiniões como auctores. "Uns admittem a intervenção, diz elle, outros condemnam-a; uns fazem d'ella um direito, outros juntam-lhe a ideia de dever, outros não vêem n'ella senão um simples factó; factó brutal. tendo o seu logar na historia, nascendo de diversas necessidades e renovando-se em certas circumstancias identicas. Uns augmentam, emquanto outros restringem as causas que pôdem justificar a intervenção, segundo as necessidades da doutrina que sustentam, segundo o meio em que se movem, o paiz a que pertencem, e o interesse patriotico que servem,,".

O caso de se não respeitarem, na paz, ou na guerra, as normas da civilisação, ou os principios de humanidade, é um d'entre os muitos, que menos protestos tem levantado, que mais accete é pelos escriptores, que mais beneficios tem produzido. E com effeito, se n'um prato da balança pomos o direito de soberania e o principio da intervenção, e se no outro pomos aquellas normas e principios, sem duvida, este pesará muito mais que aquelle.

Se um estado não reconhece aquellas normas e principios, se os desconhece, se emfim os não pratica, esse estado não merece atenções nem direitos, merece antes um castigo, que será lição para outros. E o coração vem d'esta vez em appoio da razão, vem confirmar o que a razão nos dicta, nos impõe; e se esta não deve ceder áquelle, o encontro das soluções que os dois processos offerecem, é, por certo, valioso argumento.

As potencias assim o teem entendido e muito bem; — verdade é que nem sempre, e para sua vergonha.

Não entenderam agora, que Creta justamente se tornou a revoltar.

Não intervieram a seu favor e o que é mais, como em 1866 oppõem-se á intervenção da Grecia generosa e heroica.

Os direitos dos estados tanto pertencem aos pequenos, como aos grandes, pois que todos são eguaes.

O direito de soberania d'uma grande potencia é o mesmo que o d'um pequeno estado.

Não o comprehendem, ou antes não o querem comprehendere, os que, investidos do direito da força, dispõem, como se vê, dos destinos da Europa.

A *lucta pela existencia* de Darwin, perfilhada por Spencer, está em todo o seu vigor. E n'este caso, como quasi sempre, vencerá o mais *forte*, na mais stricta e verdadeira significação da palavra.

E como a *selecção natural* ainda existe tambem o fraco muitas vezes desaparece, e desaparecerá, té que se resolva, n'um enthusiasmo juvenil e ardente, a revoltar-se contra a oppressão e tyrannia e a fazer desaparecer essa *lucta pela existencia* e esse direito da força, ainda que, por ultimo d'elles tenha de usar.

A Grecia tem por seu lado o direito e, heroica, mantendo antigas quão nobres tradicções, oppõe a força á força que lhe querem oppôr.

E inda aqui o direito a acompanha.

Estudando a questão a Grecia viu e muito bem que a unica maneira de para sempre defender os cretenses das carnificinas dos turcos, era subtrahil-os ao poder do sultão e ou annexal-os a si, ou tornal-os independentes, segundo elles quizessem.

Dava a Creta o direito do plebiscito, unico meio legitimo, logico e liberal de annexar qualquer região. Sempre justiceira, sempre abraçada ao direito, não merecia que as potencias, quasi sempre promptas até agora a defender os christãos, a atacassem.

Com effeito Creta não pôde ficar sob o poder do sultão, e a annexação á Grecia ser-lhe-hia vantajosa, sobre ser justa.

De raça hellenica, fallando o grego, professando a mesma religião ⁽¹⁾, tendo as mesmas tradições historicas, e mais ou menos os mesmos interesses, cretenses e gregos formam uma só nacionalidade e portanto devem formar um só Estado. Assim o exige o principio das nacionalidades; esse principio, como diz Novicow, regulador da moderna e futura politica internacional.

Mas, sem duvida, que alguma razão leva as potencias a procederem d'este modo injusto, a não respeitarem a attitudo valente e digna da Grecia e a ir de encontro ás ideias e aos sentimentos de todos os povos.

Essa razão que á primeira vista se não descobre, é a sustentação do equilibrio europeu, por causa do qual tantas guerras se teem feito, — theoria que poucos ou nenhuns effeitos beneficos tem produzido.

Querem o verdadeiro equilibrio? Acabem com os exercitos permanentes, fundem a Federação.

Mas em que perigava o equilibrio europeu com a annexação de Creta á Grecia?

(1) De 230:000 habitantes só 33:000 professam o Islamismo. Onesime Reclus, *A Terra Illustrada*, pag. 244.

Parece-nos que não se sentiria muito;—e que se sentisse? Não se pôde nem deve desprezar o direito por conveniências politicas.

Nem as potencias, cremos, argumentam com os tractados em que se compromettiam a manter a independencia e integridade da Turquia.

Sem lançarmos mão de interpretações sophisticas de que a Russia já em tempo se serviu, responderemos facilmente lembrando só que esses tractados já não teem valor, em vista da falta de cumprimento d'obrigações por parte da Turquia.

Que a Grecia, a quem, seja porque razões fôr, negam o direito, se contente com a justiça, não diremos de Deus, mas da historia.

Que a Grecia se lembre de que todos os povos a comprehendem e amam, de que todos os corações juvenis gritam n'este momento, n'um brado unisono, cheio de entusiasmo e de justiça: Viva a Grecia!

BARBOSA DE MAGALHÃES, FILHO.

O CRIME

Ordenam as nações: «se gritarem, que os tomem!
Que ao menos esse povo á nossa voz se assuste.
Se na lucta Justiça e Direito se somem,
É preciso *manter a paz*, custe o que custe.
Que o seculo revogue os Direitos do Homem
E a bocca dos canhões faça calar Saint-Just!»

E um paiz que existiu outrora no Levante,
Seculos atravez, passa-nos na memoria:
São punhados d'heroes, d'espada triumphante,
Nas fronteas os laureis sonhados da victoria.
Voltam de conquistar algum paiz distante
Em trirernas gentis e cobertas de gloria.

São poetas traçando os feitos dos heroes
Pela estrada de luz das suas epopeias,
Lyras d'oiro a cantar a luz dos arreboes,
Philosophos rasgando o caminho ás ideias
E artistas colossaes, constellações de soes,
No marmore espalhando o seu genio ás mãos cheias.

Foi esse povo altivo e grande no Passado,
Pyramide de luz que a Humanidade tem,
Que nos abriu na treva um mundo illimitado.
Mandal-o metralhar dá-me a ideia d'algum
Que, tornado uma vez feroz e dementado,
Levantasse um punhal para o cravar na Mãe.

Mandae troar embora a bocca dos canhões:
A lama ha de alastrar pela vossa memoria,
Porque ao vosso commando os grandes esquadrões,
Marchando contra a Grecia em busca da victoria,
Esmagam no caminho os nossos corações
E amanhã somos nós que faremos a Historia.

O povo a quem cuspis o insulto feroz,
Irmão do Prometheo ás rochas amarrado,
Morre, mas não se rende á voz do seu algoz,
Representa o Direito opprimido e calcado.
Gritae bem alto, vá! Que importa a vossa voz,
Se lhes clama no sangue a voz do seu Passado?

Os netos dos heroes não vergam como vimes,
—Leonidas avulta ainda na lembrança—
Grandes, como os avós, vêm epicos, sublimes,
Uma pagina a mais prender á nossa herança.
Nações, para julgar o ultimo dos crimes,
Treme no ar a mão d'um seculo que avança.

Coimbra, 24—3—97.

PEREIRA BARATA.

MULHERES GREGAS

E' raro o povo antigo ou moderno, que não tenha que mostrar ao mundo um vulto de mulher que se destaque pela sua superioridade. E pensando bem é justa a ufania d'aquelle que fallando da sua Patria pode apontar uma Lucrecia, uma Joanna d'Arc, uma Soror Marianna.

Pondo de parte o periodo ainda desconhecido do *matriarchado*, a mulher foi sempre tyranizada e desdenhada por aquelle que lhe devia ser um irmão, um amigo. Não cuidando de exercitar, antes por todos os meios atrophando as suas faculdades naturaes, chegamos nós os homens a produzir um sêr inferior physica, intellectual e moralmente. E quando uma mulher dotada de sufficiente força de *personalidade* não succumbe á conjugação das diversas influencias que concorrem para o seu aviltamento e se nos mostra na altivez perfeita da sua alma, e na harmonia correcta do seu corpo, ella deve ser elevada sobre um pedestal grandioso feito da admiração de todos os homens! É d'ahi — inconsequentes que nós somos! faremos por perdela e saudamos as que se salvam — é d'ahi que nasce o jubilo e a vaidade dos que nas paginas da sua historia patria, podem descobrir a honestidade feroz d'uma Lucrecia, a bravura e a fé d'uma Joanna d'Arc, o coração e o talento de Soror Marianna!

A Grecia, porém, pequena em si, mas grande em tudo o que encerra, pode, como nenhum outro povo, deslumbrar a Humanidade com o fulgôr de meia-duzia

d'Astros femininos como nunca a Terra viu outros, e como só se tornarão a ver passado o dia em que raiar a Aurora das complectas Reivindicações Sociaes!

E' deitar os olhos para a historia d'aquellas que se chamaram Aspasia, Sappho, Helena, Penelope, Phryné, Leœna e tantas outras.

A primeira, Aspasia, nascida em Mileto, uma das mais corruptas cidades gregas, soube conservar-se pura, e cedo partida para Athenas em pouco tempo captou o amôr de Pericles que com Ella se casou. Todos o sabem: Pericles está consagrado como um dos maiores talentos que têm vindo ao mundo. Pois é ponto incontroverso que Aspasia o ajudára nas mais difficeis questões da Administração Publica, chegando mesmo a architectar discursos que ao seu companheiro valeram triumphos sem numero! Não sei que auctor francez diz que: a Civflisação tanto deve a um como ao outro. O seculo em que viveram não seria o "*Seculo de Pericles*," mas o "*Seculo de Pericles e d'Aspasia*."

Em verdade, grande nas Artes como o foi na Sciencia, tambem os Artistas d'esse tempo lhe deveram disvellada protecção, conselhos eminentemente proficuos.

E como resposta áquelles quæ consideram incompativeis a superioridade intellectual e a dignidade moral não ha mais que apresentar esta mulher! Muitos factos da sua vida comprovam esta asserção, mas limito-me a expôr aquelle que segundo julgo basta por si a revelar uma extraordinaria grandeza d'Alma: Alcibiades, pupillo de Péricles, a quem tudo devia, lançou-se d'uma vez, ingrato, aos pés d'Aspasia confessando-lhe toda a ardencia, toda a loucura d'uma

paixão que por ella brotara na calidez do seu Desejo. Entrementes Péricles chega, e a casta esposa corre e diz-lhe cheia d'amor, cheia de respeito por si mesma e de perdão pelo criminoso: "Jámais o teu pupillo me recitou versos tão calorosamente!," Mentira Santa!

Sapho então, deslumbra-me! Alliava a uma belleza magnetica, extranha, uma Alma nervosa de poetisa unica! Li pedaços apenas das suas Odes, pedaços que admiro; quasi não creio que se possa encaixilhar n'uma musica tão divinal e tenue uma tão sacudida emoção!

Compreendo agora como Solon, o impassivel, ao acabar de lêr uma das suas odes gritasse: "Poderia eu morrer contente sem saber este pedaço de cór?,"

E a morte d'uma mulher como Ella, Morte por Amor, tem o seu quê de Tragedia e d'Epopoia. Eu vejo-A, eu bem n'A vejo, desgrenhada e seminúa, no Salto de Leucate, avivar a tortura da sua vida inteira! Chora e as suas lagrymas queimam-n'a como chispas infernaes. É que ellas brotam do Inferno da sua Dôr! Lembra-se ainda das derradeiras tentativas que fez para chamar Phan a si. E ao vel-as inuteis murmura n'uma voz toda de Dentro: "Torno-me mais verde do que a herva; parece-me que vou morrer!," Depois: um gesto arrepelado; vira ao Céu os olhos que são cobras e que são pombas, e some-se para sempre no abysmo rugidor que se lhe cavava aos pés!...

Helena é mais humana, ainda que a lenda a diz filha de Jupiter. Não é proposito meu contar o romance dos seus amores. Seria longo e seria inutil. Mas vejo tamanha seducção n'aquella vida incoherente e aventureira d'uma mulher que se vê condemnada á Traição, ao Crime, porque foi dotada com

a virtude da Belleza, que seria um sacrilegio deixar de fallar n'Ella.

E não póde ser vulgar quem d'entre os males d'uma guerra de dez annos (Troya) arranca aos sitiados esta confissão: "Como querer mal a dois povos que se batem ha tantos annos e tão encarniçadamente quando a causa da guerra é uma mulher que em boa verdade se assemelha ás Deusas immortaes?,"

E outras, muitas outras. Penelope que resiste ás pretensões dos heroes da sua côrte, todos lhe affirmando a morte d'Ulysses, vae tecendo a teia enganadora, té que lhe chegue o marido tão esperado. Onde encontrar tamanha fidelidade? Laïs e Phryné, as celebres cortezãs ideaes da perfeição physica, fazem-nos pensar com magua nas suas fórmias estatuarías para sempre perdidas.

E Leœna, a heroína sem rival que com o Amante se sacrifica pela liberdade na conjuração contra os tyrannos d'Athenas! Quando foi presa e levada á presença d'Hippias que se salvára, convidada a revelar os nomes dos seus cumplices, corta a lingua com os dentes e arroja-a á face do tyranno!.....

Um povo que á historia deslumbrada, aponta mulheres como estas, deixa adivinhar a perfeição inexcédível de que é dotada a sua raça!

E' por isso que é justa a ufanía d'aquelles que fallando da sua historia patria, podem mostrar uma Aspasia, uma Sapho, uma Leoena!

Março de 97.

MARIO ESTEVES.

O EXERCITO GREGO

«L'amour de la Patrie anime la nation toute entière, et elle saurait renouveler les exploits héroïques qui l'ont illustrée, si quelque jour son indépendance était en péril».

(Palavras de *Sentupery* sobre a Grecia, em 1896).

No actual momento historico, em que todos os corações que amam a justiça e o direito convergem, n'uma harmonia unica para o outro canto da Europa, nós, os novos, mais do que ninguem, somos impellidos n'essa onda divina. É que n'aquelle retalho de terra ha um povo que se contorce n'um desespero supremo para salvar uma Patria.

O proprio sol que de lá se ergue — faces rubras de vergonha, laivos sanguineos de colerico — traz até nós, n'uma poeira d'oiro, os gritos lancinantes dos opprimidos.

A França, a Inglaterra, a Austria, a Allemanha, a Italia e a Russia, mãos dadas com a Turquia vão, com hesitações de milhafre, estrangular n'um circulo de ferro o povo mais genial, mais glorioso que até hoje fecundou a Terra.

A França! a civilisada França! até ella, a França querida dos hellenos e pela qual elles combateram como heroes nos campos de batalha de 70! E

ainda no anno passado Sentupery escrevia: "a França permanece para os gregos uma amiga fiel que se tem revelado nas horas difficeis. Entre as duas nações ha uma especie de afinidade intellectual, analogias curiosas que juntas a recordações memoraveis, crearam laços sinceros e duradouros." — Verdade que passou a ser uma mentira: mentira que passou a ser um sarcasmo cuspidó ás faces da Grecia e que afinal só vem conspurcar a França. Sentupery deve rasgar a pagina em que escreveu: "não se encontrará em Athenas nenhum homem de Estado que possa consentir em que se faça uma politica hostile á França." Se o não fizer, a Grecia rasgar-lh'a-ha.

A Grecia sempre altiva e sempre nobre ha de saber cahir heroicamente disputando palmo a palmo aos invasores brutaes o torrão sagrado de seus avós. E' pequeno o seu exercito, bem o sabemos; mas o orgulho legitimo da sua nacionalidade, o respeito pelo nome dos seus grandes antepassados e o espirito fino e astuto da sua raça, hão de supprir até certo ponto, a difficiencia numerica e dar-lhe como sempre a audacia dos grandes empreendimentos.

O primeiro terço d'este seculo viu morrer pela liberdade da Grecia mais de um Lonidas nos estreitos da Hellada. E os gregos *ont le culte du souvenir*...

O soldado grego, avido de liberdade por temperamento, essencialmente activo, supporta mais facilmente as fadigas da guerra que a vida sedentaria da caserna; o que não impede que seja bem disciplinado, acatando respeitosamente as ordens de seus superiores, e que seja um dos mais bravos e valentes soldados do Oriente.

Prova-o exuberantemente a resistencia heroica de Missolonghi em 1826.



Dissemos que o exercito grego era relativamente pequeno e vamos demonstral-o, apresentando n'uma breve resenha o contingente respectivo de cada arma.

Infanteria: 10 regimentos, com um total de 12:048 soldados e 3:332 officiaes.

Cavallaria: 3 regimentos, com um effectivo de 426 officiaes, 1:182 soldados e 1:263 cavallos.

Artilheria: 3 regimentos, com 420 canhões Krupp de diversos calibres, 956 officiaes, 2:426 soldados e 1:271 cavallos.

Gendarmeria: 16 divisões, 115 officiaes, 3:350 gendarmes de pé e 250 de cavallo.

Engenharia: 1 regimento com 2 batalhões; uma companhia de telegraphistas e outra de bombeiros. O total é de 459 officiaes, 1:026 soldados e 158 cavallos.

Intendencia: O corpo de administração compõe-se de 216 officiaes cujo serviço se centraliza para cada provincia dividida em 4 inspecções. Existem depositos centraes de aprovisionamentos em Nauplia, Missolonghi, Piréo e Volo.

Serviço de saude: E' desempenhado em 8 hospitaes — Athenas, Arta, Volo, Corfu, Larisse, Missolonghi, Nauplia e Tyrnabos—por 120 medicos militares e por duas companhias com um effectivo de 9 officiaes e 448 homens.

Em 1893, o effectivo total do exercito grego era de 28:214 homens e 3:784 cavallos; mas a camara, sob

proposta do governo, reduziu-o a 22:667 homens e 3:600 cavallos.

Em tempo de guerra o seu effectivo é avaliado em 180:000 homens, sendo todavia certo que em 1885 a Grecia só conseguiu mobilisar em 2 mezes 72:779 homens, como se vê da declaração feita á camara pelo ministro da guerra, em 19 de dezembro d'aquelle anno.

A espingarda em uso é a franceza "Gras", modêlo de 1874. A cavallaria tem a carabina do mesmo modêlo, sabre e revolver.

Quanto á força naval, possui a Grecia 5 couraçados, alguns crusadores, uma flotilha de torpedeiros, canhoneiras, transportes, rebocadores e navios de vela. A sua equipagem total é de 4:000 homens, tendo por chefe supremo o illustre e valente almirante Canaris.



Sufficientemente claros nos parecem os dados que ahi ficam para mostrarem, á luz viva da razão, a minuscula força de que a Grecia pôde dispôr para arrostar ao embate das potencias alliadas e ao milhão de soldados da Turquia. Mas se um exercito é pequeno quando formado de homens, é todavia grande quando formado de heroes! E ha nada menos de trinta seculos que a Grecia começou de ser um paiz de heroes.

J. MARQUES.

À GRECIA!

Às armas pela Grecia! As armas almas novas!
Às armas todos vós que tendes alto o peito!
Erguei-vos, com valor, em prol só do Direito!
Às armas! e cavae, cavae enormes covas!

Os gladios levantae tão brancos como peitos
Macios, virginaes de mulher's condoídas!
Mas as covas cavae, para abrides os leitos
Às mortas tradições, ás tradições perdidas!

Grecia! Grecia! tu foste em tempos não distantes,
Ainda a humana voz que aos corações fallava.
Contra a colera insana, e contra a furia brava
Do Estrangeiro, a tua alma alçava armas brilhantes!

Contra o astuto Phillippe, a voz de um Orador
Em Athenas, bradou mais alta que o trovão.
Epaminondas foi o corisco e o terror
de Sparta. Foi alma, e foi o coração!...

Artaxerxes ruiu, com suas naus ovantes,
Desfez-se como o pó ante o valor helleno...
N'um só dia, perdeu mais poder e terreno
Que n'um seculo os avós tinham ganho, gigantes!

Grecia! já te cantou Byron, o grão poeta,
Que, na lyra divina, gemeu e soluçou.
Se elle vivesse, iria inda de novo a Creta,
E venceria o Turco, a quem apedrejou!

Mas se Byron morreu, ficaram inda eternas
As canções que no ar fez vibrar a sua voz! . .
As dores que elle soffreu sentimol-as inda nós!
Temos na palpebra inda essas lagrimas ternas!

Mas ai! que tempos maus, tempos de desconforto!
Jesus deixou os Céos, ermo e desconsolado.
Nossa alma como o Christo, a suor, no seu Horto,
Gotteja o seu suor, suor ensanguentado. . .

Frios os corações! Frias as almas nobres!
Em balde para o Céo se elevam nossas almas!
Erguendo as suas mãos, estendidas quaes palmas,
Só dão profundos ais, que soam como dobres. . .

Mas a Esp'rança ficou! . . . Ficou a flôr modesta
Que até uma ruina alegre, e faz florir. . .
E' essa Esp'rança só ainda que nos resta.
Ella nos faz cantar. Ella nos faz sorrir!

Pois bem! em prol da flôr que na alma viça a Esp'rança,
Que jamais pelo Céo cançou a sua Aza. . .
Em prol d'esse Ideal que a todos nós abrasa,
As armas pela Grecia! Às armas, ó Vingança!

LORD BYRON

Martyr da independencia grega.

Lord Byron foi o precursor da nevrose d'este seculo, tão grande emquanto illuminada por uma faisca de genio, e que, apagada esta, descambou nos ultimos tempos n'uma farçada ignobil.

Podia bem dizer-se a encarnação do Anjo-Revel; capaz de escalar o céu com o seu grande orgulho — flôr exotica a frondejar-lhe no peito sempre acalentada como n'uma estufa. De tão orgulhoso, parece-me chegou a ter orgulho do seu orgulho. Toda a altivez da sua raça normanda, acervada ultimamente na sua familia, crystalisou-se-lhe no coração e a sua sensibilidade acuta tocou as raias do hysterismo. Do alto da sua superioridade não admittia que alguém o egualasse.

Como tinha nascido côxo, para dominar o defeito que o atormentava como um remorso, entregou-se com ardor a todos os exercicios de força. Ninguem como elle forte na equitação, natação, jogo da péla e football. Alma dominadora, o seu maior prazer foi talvez esse de vencer a natureza, mostrando-se vigoroso.

Como artista voou bem alto, foi uma aguia real. Senão Deus, pelo menos divino — chispa do mesmo sol que produziu Shakespeare; lasca, por certo, do mesmo filão d'oiro.

Como homem, fragil portanto, rastejou ao contacto da carne sempre a perseguil-o, sempre a espiçaçal-o com gritos de luxuria.

Quasi todos os seus amores foram criminosos, estendal de adulterios, mas como foram paixões irresistiveis, cegueiras fataes, tiveram alguma coisa de espiritual, lodo e luz, ou melhor — diamante perdido n'um pantano, sol irradiando d'um cancro.

Grande em tudo: no amor como no odio, no vicio como na virtude. O odio mais ardente é sempre o d'aquelles que melhores sabem amar. Se os seus olhares de amor esbrazeavam, os seus olhares d'odio deviam esquartejar. Dizem que ha olhos que uma vez fixos fazem estalar os vidros e mirrar as flôres. Para que as mulheres que o amaram ultrapassassem o delirio chegando mesmo até á loucura, deviam ser assim os seus olhos — nem os do Archanjo no ultimo dia, quando se der o desmoronamento do Mundo. Pelo menos magnetisavam.

Dizem que ha beijos que abrem chaga. Os seus labios ardentes deviam arregoar, como um punhal em braza, as delicadas epidermes que tocassem. O seu coração era terno, mas de tão violenta chegava a ser brutal a sua ternura. O amor começou-lhe a florir no peito aos oito annos. Flôr cercada de espinhos, amor desgraçado que lhe acerbou a sua sensibilidade em extremo dolorosa, acentuando-lhe a sua individualidade, irritando-lhe o seu *eu* orgulhoso e impressionavel. Esta precocidade no amor é ainda uma violencia da sua alma de artista. Assim, em nenhum outro poeta a arte é tão pessoal. Os seus escriptos arripiam, teem a profundidade cava da resonancia dos grandes abys-

mos. O seu estylo brumoso dir-se-hia reflectir a bruma do céu do norte e a bruma do espirito barbaro dos normandos seus antepassados.

A sua organização ardente resalta em cada verso. Não sonhou para realisar, realisou para sonhar. É a realidade idealisada a característica da sua Arte. Não objectivou o seu sonho, subjectivou a sua vida. Para elle, a arte, antes de tomar as suas fórmulas bellas, tinha sido uma realidade. Assim na sua viagem ao Oriente atravessou o Hellesponto a nado para certificar-se se tinha visos de verdade a lenda de Leandro e Hero. A estrella do seu ideal nunca lhe palpitou adeante, nunca foi uma esperança, apenas uma saudade. Não a ancia d'alguma coisa que se não teve, mas a ancia d'alguma coisa que se perdeu.

A sua Obra é o diário da sua vida. Tudo o que escreveu foi o que sentiu e viu, embora muito avultado, muito transformado pela sua phantasia poderosa, cheia de imprevisto. O Childe-Harold, o D. Juan, o Manfred, Azo e Hugo do poema Parisina, Mazeppa, o Corsario, o proprio Dante e o mesmo Tasso, todas estas personagens não são mais que differentes encarnações do mesmo heroe. Orgulho e nobreza d'alma a par de aberrações moraes. E esse heroe não é outro que Byron. Pela biographia de Byron tira-se facilmente a característica da sua arte, como pelo estudo da obra se tira, alem do cunho do Poeta, o character do homem.

Defendeu sempre com paixão a causa dos opprimidos. Já no collegio para defender uma creança enfesada que um rapaz vigoroso martyrisava, offereceu-se para soffrer metade do castigo. Na camara dos lords os seus discursos são ainda uma rajada de

justiça, e a sua morte é o attestado mais brilhante de quanto a sua alma era cheia de ternura pelos humildes.

Mas violento em excesso não perdoou áquelles que o molestaram e é com odio ou pelo menos de coração fechado a toda a piedade, que elle, na satyra — *Os Criticos escossezes e os Bardos inglezes* — se vinga da critica amarga que a *Revista de Edimburgo* lhe fez ao seu primeiro volume de versos. A' sua violencia não escapamos nós, os portuguezes, "*pobres e vis escravos,*" como elle nos chama no poema *Childe-Harold*.

Esta injustiça brutal eu lh'a perdôo por trez motivos: ter provocado o odio da sua nação, essa Inglaterra que eu odeio; ter morrido na Grecia, martyr d'uma grande causa, e finalmente dominar hoje a consciencia do seu povo egoista, despertando-lhe na alma o altruismo.

Porque é de notar que n'este momento quem domina a consciencia ingleza não é o governo inglez mas a memoria de Lord Byron, almo clarão a crepitar nos peitos.

* * *

Morreu na Grecia. Como artista devia lá morrer — na patria das artes.

Anjo-cahido (anjo porque era poeta, cahido porque era homem) tinha rastejado no lodo da vida, manchara as suas azas; purificou-se porém completamente: o corpo em baptismos de fogo, a alma em baptismos de fé, a fé na redempção d'um povo. Elle que de tudo duvidara, sceptico por natureza, teve uma hora de

crença : acreditou na salvação da Grecia. De todos os seus ideaes, este foi o unico que lhe não mentiu, mas veio fóra d'horas a sua realisação.

Morreu, espiritualizando-se. Esse homem vicioso transfigurou-se em heroe. Na Antiga Grecia os heroes eram semi-Deuses. Byron alcançou os dons da divindade. Se como homem, morrendo heroe, se transformou em semi-Deus, como artista elevou-se até ao proprio Deus.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE.

À Grecia

Se acaso choros servem de mordaga
Às balas que o inimigo vae lançar;
Acceita dos meus olhos a chorar
Os fios p'ra tecer tua couraça.

ANTONIO MACIEIRA.

Argus

Ideal e Verdade

OS BEM-CASADOS

Pedras atiradas n'um arremesso matisam lugubremente a paisagem que salta aos olhos no arrepio brutal do seu relvado secco e dos escarros de lava e das arvores torcidas, esgalhadas que, dependurando-se da borda do abysmo fazem lembrar uma romaria de condemnados que só agora déssem pela quéda imminente, e n'um arranco de mêdo, lançassem ávante os braços hirtos e convulsos á procura d'um pulso que os sustenha...

Estoira abaixo a corrente, premida entre os dois montes, como se fosse uma lingua de baba, que entre os beiços d'um raivoso estalasse em blasphemias e gemesse em supplicas lancinantes, supplicas de doído. Em noites de luar o quadro muda: têm brilhos de prata antiga os calháus disseminados, e as arvores evocam ascetas pállidos, mysticos sonhadores de mãos eternamente erguidas ante um Deus que se não vê, e joelhos postos n'um tapete doirado e macio, como

se pelo relvado secco poisassem os olhos d'uma mulher de corpo d'ambar e alma de crystal. A torrente, maldita em noites negras, faz em notas graves e sonoras um cantochão d'egreja, e expande pelo ar em fóra os echos d'uma tristeza fórte.

Impassivel e negro, cercado de tojaes selvagens, esgasta-se o castello n'uma aresta altiva e aprumada, zombando da furia das ventanias, nem sequer tremendo quando uma manga d'agua violenta e alva lhe trepa n'um empuchão, té aos varandins de cinzelados finos como rendas.....

Fitam-se os dois com delicia, com amôr. E, como quando se ama, são as Almas que veem e os Corações que escutam, nada sabiam os dois amantes do vendaval que á roda soprava n'uma furia de destruição, capaz de abalar montanhas; que os seus Corações e as suas Almas, andavam lá por cima, em paizes de Sonho, onde não chegam as tempestades da Terra, e onde Astros luziam na inconsciencia da ventania que se por elles roçasse, os apagava, decerto...

Fitam-se os dois com Amôr, e sentindo virgens os seus labios; um mesmo desejo lhes veio de logo alli os unirem n'um Beijo tão casto e tão intenso que trocando-o, se lhes escurecesse o seu passado vulgar, e a Vida presente lhes apparecesse alagada em luz, como um céu d'agosto com poentes doirados.

Beijaram-se, e como as Almas, os corpos enlaçados vergando de prazer, foram tombando, tombando, té que por fim cahiram na torrente funda que em baixo se estorcia, rasgadas as carnes, e dos labios sempre unidos um fio de sangue escorrendo lento.

Como dois lyrios brancos, muito juntos, as suas Almas bateram azas n'uma musica debil e cadenciada e foram subindo, subindo.....

.....
Cahiram os corpos. E quando para sempre iam ser sorvidos, uma manga d'agua robusta e branca, como um braço de mulher sadia, aberta a mão em concha, os tomou em si, e trepa aos empuchões, na ancia de os unir ás Almas-Noivas, que já n'uma communhão espiritual e dôce se beijavam castamente.

Mas era tanto o vento, tão forte a tempestade, que ella torce-se em redemoinhos tragicos, bamboando-se no ar como um gigante ebrio de sangue. Cahiu. E quando pelas rochas verdes, a agua lambia os ultimos farrapos de carne, trocavam as duas Almas, livres p'ra sempre das muralhas dos corpos, o Beijo mais demorado e mais delicioso de todos os que tiveram vida em sonhos de Poeta-Amante...

Coimbra—Abril de 97.

MARIO ESTEVES.

P'ra mim já nada val o sonho desejado;
De tanto o haver pensado achei-o produzido.
Não quero uma donzella sem a ter sonhado,
E apoz Ella se entregue apague-se o Sentido.

Viver não é amar a carne ao pé do leito,
Não é beijar ardente um busto de mulher;
Viver é trazer sempre a morte juncto ao peito
A alma a ressaltar-se p'lo corpo quer! (*)

Macios de velludo os braços enleitados
Não sentem pela carne os nervos a tremer,
Abraçam por pr' abraços serem condemnados.

Anda de rastro o corpo? A alma no ceu miro!
Se um beijo me é pedido um beijo sei ceder;
Porém não dou um beijo, é beijo que eu atiro.

Coimbra, 97.

ANTONIO MACIEIRA.

(*) Este verso deve ler-se:

A alma a revoltar-se p'lo que o corpo quer!

Poetas de Hespanha

I

FOLLAS NOVAS

DE ROSALIA C. DE MURGUIA

D'entre as mulheres-homens de letras cujos livros conheço, confesso que até hoje só duas—sem fallar na defunta Sand e nos sonetos da sr.^a Angelina Vidal—me teem levado de todo o meu coração a perdoar-lhes o facto de, sendo mulheres, publicarem livros e serem lettradas.

Uma d'ellas, de que venho fallar hoje, é a poetisa gallega Dona Rosalia Castro de Murguia, auctora do livro—*Follas novas*, quasi absolutamente desconhecido em Portugal, mesmo entre os poucos que compram e lêem livros. Foi n'uma grata villegiatura n'uma pequena praia de pescadores do sul, que eu conheci, por intermedio d'uma intelligentissima senhora, esse livro de versos gallêgos, onde está amoravelmente traduzida em versos que lembram ás vezes os de João de Deus, toda a alma amorosa e nostalgica d'essa raça, a sua dôr tão poetica, a angustia das separações forçadas, longas ausencias por terras longinquas, e a nostalgia—tão eminentemente fundamental n'este povo—dos emigrados, que os faz sonhar de longe, com olhos de magoas, nas aldeias ao sol, frescas como ramos de cravos, nos dias tristes do desterro.

O gallego, pela densidade da população, (nunca por inclinação para o movimento) e ainda por outros motivos que seria longo dizer, vê-se obrigado a emigrar.

Sem sombra de tendencias nómadas, apegado á sua terra com um amor quasi doentio, imagine-se a intensa nostalgia quo o começa a accometer bem no fundo da alma, quando, soluçado o ultimo adeus, vê desaparecer, perder-se na distancia a ultima casa da sua aldeia tão caiada, a torre da igreja onde o baptisaram, e tudo isso que é a sua terra, e que elle guarda nos olhos, n'um ultimo olhar de despedida...

Que t'aman os teus fillos! Que os consome
Do teu chan s'apartar!

E é no exilio, para onde o Fado os leva, que a sua melancholia de raça doce e amorosa se faz mais funda e mais raizes ganha, e se lhes vem reflectir nos olhos azues, agoando-os de vago.

O indigena escarnece-o, dá-lhe o trabalho mais rude por onde gasta a sua força, retribue-o mal; e elle, resignado, atura tudo, os apupos e os trabalhos, vive quasi como um mendigo, mal vestido, mal alimentado,—que o seu sonho unico é poder um dia, com o pequeno peculia que lhe ficou da canceira passada, voltar á patria adorada e nunca esquecida, para lá morrer, ao menos!

Vem então aos exilados, mais clara na distancia e mais cruelmente detalhada, a saudade suprema da patria longe, dos amigos, das mulheres que se deixaram, dos paes velhinhos, das namoradas que choravam na despedida, dos lindos craveiros que havia no

quintal, e das manhãs da Galliza, tão claras e frescas, que quasi dirieis que o sol para as alindar se fez mais moço e teve cheiros suaves a sua luz de oiro fino.

Ay! o qu'en ti nasceu, Galicia hermosa,
Quere morrer en ti!

Por todo o livro a nota fundamental é esta, como o é na raça; o grande amor á terra que degenéra quasi n'um extranho amor ao sólo, e que quando estão longe os faz morrer n'uma melancholia tragica de expatriados. N'uma das partes do livro, por certo a mais intensamente emocional, *As Vindas d'os vivos e d'os mortos*, esta faculdade de apprehensão da dôr de toda uma raça assume quasi proporções de genio, tão profunda e humana é a dôr que vae soluçando por versos em toadas de ladainha.

Toda esta dôr desconhecida de tantas almas ignoradas, uma alma de mulher a apprehendeu, e pôl-a a gritar em seus versos, como na poesia *Terra a nosa* e na *Padron! Padron!*, d'uma emoção tão funda, tão viva, tão humana, que mais parece um côro de vozes nostalgicas n'uma agonia de adeuses, trazido de longe, por um fim saudoso de tarde de verão:

Aquelas rizas sin fin,
Aquel brincar sin dolor,
Aquela louca alegria
Por que non son?
Aqueles doces cantares,
Aquelas falas d'amor,
Aquelas noites serenas
Por que non son?

Padron! Padron!
Santa Maria, Lestrove...
Adios! Adios!

A mesma nota, como uma obsessão, repete-se ainda e sempre intensa por todo o poema, até vir por sua banda uivar de dôr numa elegia de despedida tragica cheia de agoiros, quando os emigrados, debruçados na amurada do navio que os conduz a Habana como uma leva de condemnados, vão lembrando a Patria, abandonada n'um supremo esforço de lucta pela Vida, as incertezas do futuro, prenuncios de morte...

Probes vais que os agardan
Y as que os agardan amorosas, probes

E a poesia acaba lugubrememente, como um *refrain* funebre de Bruant:

Longas ausencias mortás,
Vindas de mortos e vivos
Que ninguem consolará...

E os versos seguem, em rythmos de Bemdito entoado por pescadores, nos mesmos motivos; e são agoiros dos que partem, lastimas dos que ficam, agonias dos que estão longe, como n'um dobre de sinos lamentosos.

Vêm depois os velhos romances em monotonias de rimas, revestindo d'uma graça de tradição os episodios simples como nas *Torres d'oeste* e na encantadora poesia que desenvolve os tres versos populares do mote,

Miña casaña, meu lar,
Cantas onciñas
D'ouro me vals,

farrapos de legendas maravilhosas e pequenos trechos lyricos que evocam ás vezes na sua doçura toda primitiva, as redondilhas de Bernaldim Ribeyro e os velhos rimances abrindo em flores de Aventura. E tudo isto, tam simples, tam humano, tam verdadeiro, se vae diluindo em versos d'uma graça archaica, em exquisitos rythmos, em carinhos de diminutivos, n'uma lingua com sabor a cancioneros e ás velhas canções d'El-Rey Dom Diniz no ingenuo provençal balbuciante dos troveiros. Como estamos longe, dentro d'estas paginas vividas, dos rastacuérismos das *coteries* do Quartier, com as suas blagues, os seus litteratos de cervejaria, as suas nevroses desacreditadas e tam sêccos d'alma como charnecas.

E na emoção que este livro me deu, quando o li pela primeira vez ha uns mezes n'uma tarde d'agosto á beira-mar, e no carinho com que hoje o releio, eu mais me convenço que, mortas para sempre as blagues dos que vinham tentando a celebridade, a Arte será sempre grande quando traduzir o sentimento d'um povo, e que hoje só pode viver a que tiver vida, quero dizer, a que fôr humana.

Coimbra—1897.

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

O PASTOR PEREGRINO

Ao bom amigo Mario Esteves.

Dealba a manhan. Na paysagem deserta,
morta e sem canções d'agua, um rebanho
exangue. O pastor peregrino, de surrão a
tiracollo e roupa em farrapos, canta uma
trova distante que suggere as pastoraes mo-
ças da edade biblica.

Fui me pobresinho pelos mundos fóra,
Cheio d'esperanças, cheio de candura,
De cajado ao hombro. Volto mesmo agora,
Venho rico, rico! Pelos mundos fóra,
Encontrei enganos, dores, amargura!

Minha bem amada vem-me namorar,
Como antigamente, pelòs trigos loiros;
Traz lenços fininhos para me enxugar
Os cansados olhos, roixos de chorar,
Bagadas de pranto que são bons thesoiros.

Meu lindo rebanho coberto de pó,
Morto de cansaço, morto de fadigas,
Fui-me apasental-o pelo mundo só,
Em róridas brenhas onde canta a mó
Em vergeis de lirios alvos como estrigas.

Como vem nutrido o meu lindo rebanho,
Como tem crescido pelo monte, exangue!
Cada dia um toiro; cada dia um anho;
Que lan tam macia que eu agora tenho,
Oh! que fresco leite rubro como sangue!

Minha bem amada vem ouvir a trova
Do pastor p'regrino, pelo mundo errante;
Repoisei nos montes pela Lua Nova,
Minha bem amada vem ouvir a trova,
Que é de consolar um coração amante!

Ai! que é d'encantar a minha louca ideia,
De ir buscar thesoiros pelos mundos fóra!
Deixei pequenino a minha fresca aldeia,
Fui-me a correr mundo pela Lua Cheia,
Olhos de luar é coração d'aurora.

E que longos dias por duras estradas,
Eu passei cantando tristes illusões!
Trago os pés sangrentos das duras estradas,
Oh! que lindos dias, rubras madrugadas,
Brotam dos meus pés doridos d'aleijões!

Deixo hervas vermelhas do meu sangue aguado,
Parecem papoilas novas os poisios;
Orvalha-os de choro, coração maguado,
Que fiquem fresquinhas para o pobre gado,
As rechans maninhas, os tojaes bravios.

Ai! aquelles dias que eu passei cantando
Pelo feno secco, pelo trêvo em flôr;
Fal-os reviver por um poente brando,
Minha linda fada d'olhos que em amando,
Fazem cantar lírios n'um pragal de dôr.

Pastoris ydilios pela relva san
Perto das levadas mansas de verão,
A tanger o gado, logo de manhan,
Pelo campo fresco cheio de ferran,
A rezar novenas brancas d'illusão!

Vêde a minha azenha, vêde a mó velhinha
Que era a minha guarda de quando em pequeno!
Cantava-me ao somno perto da noitinha,
Entre sacos brancos cheios de farinha;
Que canções formosas e que somno ameno!

Oh! serões á Lua, entre as raparigas
Dizendo loucuras—Ih! Jesus, Senhor!
Eram todas ellas loiras como espigas,
Francas e constantes e leaes amigas,
Sem traírem nunca um desditoso amor!

.....
(Excerpto do Canto 1.º do poema—*Biblia dos Ingenuos.*)

JOÃO GRAVE.

SOL-POSTO

DE ADOLPHO PORTELLA

Assim como o nascer do Sol, alacre e radiante a pulverisar d'oiro as serranias, produz em nós a Alegria, assim também o pôr do Sol nos magôa e entristece.

Se a luz viva e intensa faz cerrar um tanto a retina, também a escuridão com seu sequito de phantasmas nos horrorisa, a ausencia de luz, inutilisandonos um dos sentidos põe sobresaltos no nosso espirito. Será por isso que, instintivamente, odiamos as aves nocturnas que como os nyctáulopes só de noite vêem? Os subditos dos antigos Incas, quando o Sol nascia jorrando a flux ondas luminosas, prostravam-se em adoração; e quando elle se escondia por detraz das montanhas apedrejavam-n'o! E' por isso que o livro de Adolpho Portella é triste e merencorio como o thema que explana...

“A luz do Sol-posto é, no cyclorama das côres pallidas como a endeixa derradeira d'um poema, sob cujos versos palpita o coração d'um grande Poeta...”

E' por isso que:

«Vestem de crepes os verdes lagos,
Choram magoados os velhos montes,
Pairam doridos soluços vagos
Nas aguas mortas das frescas fontes...»

e "a Terra n'uma immensa tristeza, ao som do vento que embala as florestas, resa baixinho pelo coração das suas noivas:

«Donairoso cavalleiro
 Senhor da Terra e do Mar!
 Volta atraz, aventureiro,
 Se inda é tempo de voltar...
 Não me deixes tão sósinha,
 Tem pena do meu chorar,
 Donairoso cavalleiro
 Senhor da Terra e do Mar!»

Depois os olhos do Poeta "perdem-se pelo campo além," é pretendendo objectivar a sua emoção na pay-sagem que ondeia "como um verde-Mar embalado," pergunta-lhe:

«Rosa do Sol em flôr, vem tu dizer-me agora
 Qual seja a côr mais dada á minha triste vida.
 Sou neto d'um chorão que á beira d'agua móra,
 De trança desgrenhada e a frente ao chão pendida...»

e então concentrado em si, espiritualizado por aquella hora nostalgica e dormente, exclama:

«Só tu, minha alma, nem ris, nem choras,
 E's um defuncto no seu caixão!»

e "para accommetter as tristezas que põem cêrco ao castello roqueiro do seu coração, evoca os Lugares Santos da Infancia, sob a illuminação feérica das verdes esperanças,,"

N'um kaleidoscopio saudoso passam sucessivamente recordações da Infancia: "O seio das Mães, a

Escola, a minha Terra e o Senhor dos Passos seu padrinho., Na espiral do mesmo sonho vago e dulcifluo como um nevoeiro que roseamente se colorisse, desfilam cantando "*No Paiz do Sol*., tudo o que na Vida ha de simples desde a fiandeira "que foi pôr o seu linho a córar á beirinha da levada., até ao barqueiro e ao pastôr; e no symbolo do "*Raio-verde*., que é para o Poeta "a esmeralda da esperança pregada nos olhos d'Alguem, que faz toda a alegria do seu Lar obscuro.,, a sua Alma volta um ultimo arranco de Tristeza e Magua a pensar no cortêjo funereo do Sol cujos ultimos reverberos fugiram do horisonte para darem lugar á Lua que ao Poeta inspira a "*symphonia do Luar*.,.

Profundamente triste, como é triste um Poente, o livro de Adolpho Portella enche-nos a alma de asctica meditação, fazendo reviver no nosso espirito aquella hora em que se amortece a luz.

A sua linguagem com um sabôr neo-classico muito pronunciado, matisada de quando em quando por um modernismo, tem a ornal-a vocabulos tão suggestivos como "*murmurinhar*.,, e as suas imagens sem rastejarem pelo banal, veem cheias de exotismo e bizarria, parecendo até haver essa preocupação quando o Poeta diz para os seus olhos—as suas fontes emocionaes:

«Pastae no campo novos motivos
Imagens raras para eu cantar;»

O estylo sem as torturações de phrase que por 'hi enxameiam parece brotar expontaneo da penna do Artista, e o rythmo variado, ainda que por vezes livre em demasia, impressiona agradavelmente o leitor.

Das “Orvalhadas, o livro das saudades, da terra e da gente,, do Poeta, ao “Sol-posto,, ha seguramente uma evolução notavel. E’ sempre aquelle Poeta que vae, “cheio de fé nas coisas simples,, cantando:

“Trovas de Portugal, balladas d’oiro velho
 Cantigas do vaqueiro e mais do cavadôr,
 Sois o meu Livro Santo, o rustico Evangelho,
 Em cujas folhas li meus canticos d’amôr!»

Mas se as “Orvalhadas,, vêm influenciadas pela escola Junqueiraiana — phase dos “Simples,, — é certo que essa influencia não se nota tanto no “Sol-posto,,; uma das qualidades seguramente mais apreciaveis do espirito de Adolpho Portella é o evolucionar-se, progredir, e é por isso que o livro do Poeta nos faz lembrar a escola “sósista,, na liberdade rythmica e no arrojo d’imagens como esta: “o Sol, de vermelho que vae, parece o meu compadre depois do ultimo cópo! (Aquillo foi bebedeira de luz decerto)...”

Uma outra influencia nova que se nota no “Sol-posto,, é a paixão pelo medievalismo, essa paixão que fez pôr a Huysmans na bocca do Durtal, no “Lá-Bas,, estas palavras: “*La société n’a fait que déchoir depuis les quatres siècles qui nous séparent du Moyen-Age*,, e que n’Elle se manifesta pelo mysticismo que vê a envolver as coisas, e que o faz pôr o “Poeta,, a passeiar “pelos caminhos d’Aldeia, sonambulo, com a pluma da gorra a ondear ao vento,,

Uma outra qualidade que nas “Orvalhadas,, quasi não apparecia é o Pessimismo, influencia sem duvida dos Desenganos que vêm com o perpassar do tempo e da occasião entristecedora que inspira o livro; Pes-

simismo que põe na penna do "Pastor de chimeras que ha já annos recolheu o seu rebanho d'alegrias," esta quadra:

"De velas rotas, leme desfeito,
Só trago dôres no meu porão!
Ermo de affectos, eis o meu peito,
Pombal vasio, sem coração.»

Emfim o apparecimento do "Sol-posto," representou seguramente um successo grande no nosso meio litterario.

Na desorientação mental contemporanea, em que litteratos como Eugenio de Castro apresentam em cada um dos seus livros uma escola differente, nephelobata n'uns, decadente n'outros, symbolista n'outros, neo-classica no ultimo, é para admirar que um livro appareça d'uma orientação segura, um espirito evolucionando-se naturalmente. E é isto o que Adolpho Portella conseguiu.

Coimbra, IV-97.

SIMÕES BAIÃO.

POLITICA INTERNACIONAL

III

A KILOMETRITE

(NOVICOW)

Os estados como verdadeiros organismos, que são, e tendo, portanto, apparatus, órgãos e funcções, sentem muitas vezes, como os individuos, atrophiamentos, desarranjos em alguns dos seus órgãos.

De maior ou menor gravidade, todos perturbam physica ou moralmente o regular funcionamento do organismo, chegando até a produzir a cessação da vida. Mas se nos organismos individuaes facilmente se dá por esses desarranjos, facilmente se lhes conhecem as causas, e, mais ou menos facilmente podem estas ser destruidas, o mesmo não acontece nos organismos sociaes.

A pathologia social está ainda muito atrasada, as doenças sociaes custam ainda muito a conhecer.

O celebre escriptor russo Novicow descobriu uma, sem duvida das mais graves, brilhantemente descrita e criticada no seu ultimo livro *Conscience et volonté sociales*.

E' a *kilometrite* como elle lhe chama;—*kilometro-mania*—lhe chamaremos nós e parece-me que com maior propriedade, embora com menos graça.

Antiga doença é ella; mas em lugar de diminuir, parece que até progride.

Um dos casos mais agudos dá-se actualmente. Todos os Estados têm tido sempre a mania de augmen-

tarem o seu territorio. Por todos os meios, em todas as condições procuram augmental-o.

Vá isso contra as leis da historia, prejudique isso a civilização e o progresso, accarrete isso para o proprio paiz grandes males, ainda que a ruina financeira, nada importa.

Cresça o territorio, e eis a felicidade. O individuo que o consiga, é um benemerito, um heroe; o seu nome e o seu retrato vê-se-hão em toda a parte, desde os lenços d'assar até aos sabonetes, e levantar-se-lhe-ha uma estatua n'uma praça qualquer d'uma qualquer cidade.

E os nomes dos sabios illustres ficarão esquecidos, e ninguem se importará com os que no recondito do seu gabinete prestam verdadeiros serviços á humanidade...

A loucura é manifesta.

Mas os exemplos d'ella mostram-se, e a sua brilhante comprovação pôde fazer-se.

E' uma verdadeira monomania, uma loucura-doença, portanto.

Porisso achamos preferivel a nossa designação á de Novicow. A monomania é uma doença, mas a doença é que nem sempre é monomania. O nosso termo, portanto, é mais proprio, mais restricto.

Exprime bem essa monomania dos Estados que aferem o grau da sua felicidade pelo numero de kilometros quadrados que lhes pertencem.

O paiz que mais colonias tiver é o mais feliz, inda que ellas lhe façam brecha no orçamento, e pouco a pouco o levem á ruina. E que algum Estado lhe queira tirar alguma!...

Mas vamos aos exemplos.

Novicow falla-nos da França, Allemanha, Brazil, Italia e Inglaterra.

E' n'estes dois ultimos paizes que a doença se apresenta com mais luz; — são esses dois exemplos que nós vamos referir aqui.

Os italianos queriam occupar a Tunisia. Quando a França, que se lhes adeantou, tomou posse d'aquella região, o ressentimento dos italianos contra a França foi enorme. E tão grande que a Italia entrou na triplice alliança, e começou logo a tractar d'armamentos consideraveis que a arruinaram.

Mas ha melhor. Os italianos querem, *por fâs ou por nefas*, a Erythrea. Pois é uma das peores regiões que se conhecem. "Certes, diz Novicow, il était difficile de choisir une possession plus malheureuse et moins attrayante." E' um dos sitios mais quentes da terra, desertos e desertos onde a colonisação é difficillima. No entanto para obter este *excellente* pedaço de terra, cuja annexação renderia uma boa perda por anno á Italia, esta não duvida gastar rios de dinheiro "Pour annexer un pareil pays il faut être atteint d'une kilomérite des plus dangereuses".

A Inglaterra é um specimen ainda mais curioso.

Parece que não descansam, os inglezes, emquanto todo o mundo não fôr seu. Gastam sommas immensas, fervilham desesperadamente chegando a praticar actos de baixeza e tyrannia pelo mais insignificante bocado de terra.

E se qualquer Estado occupa uma região, a Inglaterra toda se morde, não sem já lhe ter movido uma opposição tenaz.

Os russos teem querido annexar a Corêa; a Inglaterra começou logo a protestar vehemente e a soltar gritos de viva indignação quando o presentiu. Pois a Inglaterra teria muito a ganhar sob o ponto de vista de commercio, com a Corêa russa, muito mais do que com a Corêa independente. E o mesmo se dá em Marrocos.

Ora isto não é positivamente uma monomania? Sem duvida; — e monomania perigosa e que perturba a marcha da civilisação.

Esta doença é a causa d'uma outra gravissima tambem, e que todos os bons espiritos da época censuram grandemente — os exercitos permanentes.

E' incalculavel a perda causada por este militarismo que tanto invade os povos. Muitos auctores, Letourneau e Novicow os principaes, teem querido calculal-a e fizeram-n'o com uma tal ou qual aproximação. Não é só o dinheiro gasto em armamentos e em soldos, mas tambem o que se perde em tirar tantos braços á producção, o juro d'essa perda, não fallando já nos desgostos, no scepticismo e desmoralisação que tal regimen produz.

Preciso é, pois, combater a *kilometrite* que tão espalhada e arreigada está.

Não a soffrem só os paizes que Novicow indica.

A Hespanha está sendo victima e tém-no sido, d'um ataque violentissimo.

No meado d'este seculo tirava já a Hespanha um bom rendimento de Cuba á custa d'impostos e vexações violentissimas que sobremaneira desgostaram os cubanos a ponto d'estes se quererem annexar aos Estados Unidos. Esta nação offereceu á Hespanha um

milhar de milhões de francos por esta ilha. A Hespanha recusou terminantemente; os cubanos insurreccionam-se e a Hespanha tem de gastar para os submeter uma quantia que por muitos annos absorveu aquelle rendimento, não fallando das perdas de gente.

Modernamente Cuba torna a revoltar-se, como já o deviam prever os hespanhoes d'então. A metropole teima em não lhe querer conceder a independencia a que elles teem pleno direito, e para isso gasta um dinheirão, fica arruinada, e arrisca-se a varias complicações internacionaes e a perder outra de suas colonias.

Porque é que a Hespanha não concede a independencia a Cuba? Para não perder o rendimento que ella lhe dá? Mas para não perder essa insignificante renda, gasta os rendimentos e juros correspondentes a muitos annos, arriscando-se a muitos perigos que já notámos, sem se lembrar sequer que se se hoje conseguir submeter Cuba, amanhã já o não póde fazer.

Eis um exemplar curioso da *kilometrite!* E não me venham dizer que a causa de Hespanha não conceder a independencia a Cuba, é, permitta-se-me a expressão, o amor, quasi como o de uma mãe para uma filha, que lhe consagra.

Mas então para que a explorou tanto a ponto dos cubanos se revoltarem? E dado que aquella hypothese fôsse verdadeira, Hespanha deve desejar ardentemente o bem de Cuba.

Ora todos sabem e dizem, e nenhum hespanhol dirá o contrario, que Cuba muito ganharia com a sua independencia, E que pouco ganhasse era essa a sua vontade; — a Hespanha como amiga devia fazer-lh'a.

É pois um verdadeiro ataque de *kilometrite*, e grave.

Nós, os portuguezes, temos tambem grande amor ás nossas colonias que fazem brecha enorme no orçamento.

Mas nem governos nem particulares fazem qualquer coisa de bom para ellas. Perdemos, assim, em as ter, e atrazamos a civilisação d'aquelles povos, porque não temos meios, e ninguem pensa em os arranjar n'ellas proprias que tão ricas são.

Mas falle alguém em nos tirar um simples kilometro quadrado que seja, ou em o vender.

Logo todos se levantam e berram, gritam e barafustam.

Kilometrite no caso — portanto.

E' geral, como vêm, a doença. Ninguem a ella escapa.

Imagine-se, pois, quantas perdas não causa! Como a civilisação se atraza em vista d'esta calamidade!

Tracte-se d'ella, ache-se-lhe o remedio, e applique-se — eis o que ha a fazer. Como a humanidade será feliz no dia em que desaparecerem do organismo social doenças como esta; no dia em que acabarem por uma vez preconceitos absurdos!

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos ha dias um folheto devido á penna de Trindade Coelho, em que se apresenta, fundamentado em solidas rasões, o projecto de reforma da nossa legislação concernente á liberdade d'imprensa. E' uma das muitas amabilidades que lhe devemos, a offerta d'este opusculo, e d'aqui o saudamos pela brilhante defeza que faz das suas justissimas proposições.



Continúa manifestando-se uma extraordinaria effervescencia no nosso meio litterario. Com intervallo de dias appareceram os seguintes livros:

Yaras (prosa), de Verediano Góncalves, um livro *mignon*, sahido dos prélos minuciosos da Imprensa da Universidade. Arte vagabunda, sem fixidez ainda, a d'este livro, revela já comtudo, o que ha esperar do espirito do seu auctor;

Maguas, por Villella Passos, recolta de versos que apenas um desgosto nos deixa: o de não attingirem todos a elevação esthetica d'algumas das poesias do Livro;

Mentira Vital, de Henrique de Vasconcellos, contos e ideias d'Arte, pedaços de prosa excellentes, observação aturada, e doirado o todo por umas frestas d'imaginação verdadeiramente poetica; e finalmente o primeiro fasciculo d'uma obra, **Synthese da vida economica do Estado**, em que Jacyntho M. Faria e Maia, disserta com real conhecimento de causa, sobre este assumpto tão discutido e sempre curioso.

Aos auctores agradecemos reconhecidos.

Argus

Ideal e Verdade

Desejo e Amor

As ruínas d'uma cidade. Paredes de casas destelhadas rolaram pelo chão e por entre os escombros, a empurrar pedras cobertas de musgo, roseiras d'Alexandria florescem, abrindo labios sensuaes nas suas petalas escarlates. A parte inferior dos muros conserva-se ainda em pé por um milagre singular d'equilibrio, fortemente presa por liames d'hera. A cidade foge pela encosta acima; e no fundo a agua d'uma levada a despenhar-se espadana ruidosa, e forma uma ribeira que tornea um dos lados da cidade. A lua espreitando por entre as arvores que enchem o recinto allumia dois espectros lividos que seguem sósinhos pelas ruas atulhadas; deve ser meia noite; vê-se que procuram alguma coisa, a casa onde habitaram talvez...

Primeiro espectro

Um homem cuja pallidez sobressahe no meio do luar; barbas emaranhadas como o musgo que apparece no tronco das oliveiras; ca-

bello, unhas, tudo inculto como um philosopho que tendo o sentido no Céu não podésse occupar-se das necessidades do corpo. Veste uma mortalha feita d'um lençol onde o seu corpo combalido poz nodoas sanguineas; nos olhos geme-lhe uma tristeza concentrada e a voz sae-lhe do peito como d'uma gruta vasta, meio desvanecida, quasi apagada já.

“Fui outr'ora feliz; sabio, rico e gentil, que mais me era preciso para gosar a Vida, passando-a entre mulheres que disputavam os meus beijos, como garotos disputam a gulodice que se lhes atira em dia de festa, como aves podem disputar um grão de milho que se lhes deita!?”

Que mais me era preciso para gosar a Vida, passando-a entre homens que me admiravam a sabedoria, almejavam a minha privança?!

Como mudava de tunica assim mudava de amante, n'um constante idyllo, n'um perpetuo bem-estar; almoçava nos seus pés esguios, jantava nos seus collos vellutineos, ceitava nas suas tranças sedosas. Às tardes, tardes macias como folhas de begonia, em que os sons empalideciam, iamos ouvir cantar a torrente lá em baixo, brincar atirando-lhe seixos brancos como os dentes da amante que me fazia companhia.

Oh que bom! que bom!

Evocação dulcissima, foge da minha memoria, foge, não tornes a perturbar a tranquillidade de quem soffre!

Por fim tudo acabou; como inundação de caudaloso rio invisível, como o alastrar repentino do azeite que cae n'um pedaço de papel, assim uma peste tremenda veio devastar a minha patria. Eu vi cahir uma a uma as minhas amantes esveltas como caem na floresta os choupos gracis ao gume do fatal machado; eu vi aljofrarem-se de pus aquelles labios que tanta vez beijara, cobrirem-se de chagas pestilentas aquelles corpos — gelo na brancura, lava no desejo — que com volupia enlaçara ás horas da calma; e... a uma e uma as fui despedindo, recusando mitigar-lhes a sede d'agua que tinham os seus labios, só por não partir depois o copo de crystal por onde ellas tinham bebido.

Quando a ultima cahiu contaminada do terrível mal, fugi espavorido, deixando-a morrer á mingua, abandonando-a como a um cão vadio que estertorisa á beira d'uma estrada.

Ellas não eram já as que me tinham proporcionado gosos!

E ao ir atravessando as portas da cidade, contente, satisfeito por me ver livre d'aquella terra maldita, cahi prostrado no meio d'uma praça, sem ter ninguem que me acudisse!

Foi então — diz elle para o segundo espectro que o tem escutado attentamente — foi então que tu me appareceste; quando voltei a mim encontrei-te sósinha; devorava-me a sede, meus labios resequidos pareciam folhas d'arvore no outomno, e tu mitigaste-me a sede com esses teus labios mais purpurinos que as petalas das roseiras que por hi brotam espontaneamente, mais frescos que a torrente que lá em baixo corre...

*Estão quasi á porta do palacio d'elle; o Fado força-o
v vir alli visitar quotidianamente o corpo insepulto da ultima
amante. Falla*

O segundo espectro

A mortalha não se differença da
côr do rosto; só os olhos illuminados
por um intenso clarão tentam de-
balde derreter a neve que os cerca;
fôrmas de cara irregulares, como
lançadas por diversas vezes, con-
juncto donde comtudo se evola a Sym-
pathia como uma espiral de mystico
incenso.

“E’ verdade, meu Bem-Amado; de ha muito que
por ti me apaixonara, pelo teu espirito brilhante, pela
tua sabedoria inegualavel. Entre aquellas mulheres
que amavam a tua carne e o teu dinheiro, a tua Alma
parecia-me uma estrella que se reflectisse na lama,
uma açucena que vegetasse n’um paul.

E segui-te, mezes e mezes, annos e annos, sempre
com o teu desprezo por premio, a tua indifferença por
bordão! Até que afinal te encontrei; podia ser-te util
e fui-o. Amava o teu espirito, não o teu corpo, e por
isso não me importei de poisar os meus labios sobre
os teus, sorver o veneno em pequeninos goles da tua
bocca, como filtrado atravez um delicioso fructo.

A cidade estava deserta e não te abandonei; quan-
do expiravas n’uma enxerga, immunda, apodrecida,
ao teu lado eu esperava anciosa a visita da Morte.

O mesmo pus que dimanava das tuas feridas, maculava-me a epiderme, corroía-me os tecidos.

E agora aqui ando penando contigo, mordida ainda pelo ciúme de vêr o Fado obrigar-te a ires visitar a ultima das tuas amantes. Vae, entra; e lembra-te que se o tempo sem ti é um boi pachorrento, contigo é um fugitivo condor!„

Estão á porta das ruinas do palacio, onde Elle ouviu as ultimas phrases que Ella pronunciou; entra, demora-se pouco tempo e quando volta, somem-se os dois no nevoeiro que sobe da ribeira. N'uma arvore fronteira um mocho grita: Ai d'aquelle que a horas mortas se arrisca a por aqui passar! e ao longe o echo repete funebremente: Ai d'aquelle que a horas mortas se arrisca a por aqui passar!

Coimbra, iv de 97.

SIMÕES BAIÃO



MOCIDADE

D'esse oloroso e gorgeante ninho
Chamado juventude, que me resta?
Que triste foi a minha pobre festa!
Que cheio de luar foi meu caminho!

Vejo-a ás vezes, cabelo em desalinho,
Formosos olhos, lacrimosa e honesta,
A minha mocidade tão modesta,
Toda cheirosa á flôr do rosmaninho...

Onde perdeste o riso matutino?
Porque nos teus cabellos desnastrados
Murcham as rosas do festim divino?

Oh Virgem d'olhos claros e sagrados
Abre-me o livro teu, o teu destino,
Porque trazes os olhos marejados?

JULIO BRANDÃO

CARVÕES

À meia noite, no meu pobre quarto quasi apagado na penumbra, ponho-me a evocar lendas como um treveiro antigo, doces lendas d'oiro, cantantes como aguas de verão ao sol, e nevadas d'assucenas como as virgens que vão commungar. A paysagem do meu bairro, a esta hora da noite, é tôrva.

Os angulos esguios das casarias e a massa irregular das construcções suggerem-me cryptas silenciosas, onde extranhas ossaturas de gigantes repoisassem n'um somno torturado de pesadellos. Ha o quer que seja de doloroso e de horrivel n'esta irregularidade tempestuosa e rhembranthesca torcida em espiraes, onde genios malditos torcem a bocca desdentada e podre.

O vento a uivar nas ruellas, aviva-me dolorosas coisas: — canções de noivas infelizes que vão p'rá morte, vestidas de branco e coroadas de rosmaninho, carnes moças e nevadas como os lyrios de Galgalá onde o vicio escarra; rameiras assassinadas a punhal pelas esquinas, de ventre ao ar e boca aberta; gritos de esfaimados apagando-se na sombra e roubando os ossos dos monturos aos cães vadios que erram de noite, incertos e esguios como as bruxas de Macbeth. A visão é poësca e torce-me de pavôr. O crime transuda das casarias negras, da tortuosidade das viellas,

das tabernas sinistras cheias de penumbra e que me lembram o ranger d'ossos na "*Symphonia heroica*," de Beethoven e o ruído dos dentes d'Ugolino no cráneo descarnado por onde bebia. A minha emoção chega a um acuto grau de sensibilidade que desvaira em lancinante dôr. Evoco então as lendas...

* * *

Por um poente de finos oiros e vivacidades roseas, lá vem Ophelia, outomnal e soluçante, branca de assucenas a corôa de virgem. Como vem magoada e pallida, a pobre flôr immaculada dos gelos do Norte! Todo o poente chora enternecido e os choupos novos e verdes têm fundas saudades de aguas palreiras, entre sarçaes floridos. A' força d'evocar esta negra tragedia, acontece que Ophelia já me conhece e ao passar por mim levanta os olhos claros, d'um azul aguado como as procellanas chinezas, e tão magoados como um lyrio matin entre mãos lascivas! Como ella vae triste e pallida a pobre flôr dos gelos do Norte. Aos meus ouvidos, uiva Hamlet desvairado:
Vae para um convento!

* * *

Agora é Desdemona, a fina amante do moiro de Veneza, com um sorriso de Morte nos labios frios, onde outr'ora cantaram os mais estonteadores beijos d'amor, que labios moços ainda tiveram. Acarvoa-se a noite e eu reconstruo o drama:—Dentro, na virginal alcova com arminhos no docel, Desdemona sonha.

Allucinado, Othello olha-a, torce as mãos e arrepela a grenha hirsuta como um leão da Nubia. Vejo-os nitidamente a ambos; — Desdemona ancestral e serena, tão perto da morte, Othello a uivar desgrenhado como uma besta fêra com cio.

A noite acarvoa-se mais; os vultos apagam-se na sombra e eu ouço o stertor de Desdemona convulsionando-se na agonia da hora derradeira. E nem um grito... O vento uiva, as aguas do rio soluçam fundo... A scena é viva. Então visiono este factio rapido e flagrante: Na minha janella, na sombra, curvado e ferino, vejo Othello a espreitar-me, cheio d'odio e ainda bebedo da morte da noiva!...

* * *

Oh! as lendas d'oiro que eu avivo!...

JOÃO GRAVE.

AO ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

CANTARES

(desafio à viola)

Noite de espadelada na aldeia. Na eira, fazendo roda, as raparigas batem o linho. Ao lado os serandeiros esperam as conversadas. Uma viola geme. Ao luar, que se espraia caricioso, contornando os perfis-moços, dois conversados desafiam-se e o coro responde-lhes n'um ritoruello malicioso que contrasta com a toada funebre das espadelas.

ELLE

Vamos cantar raparigas
Emquanto a lua vai cheia;
Ponde de parte as estrigas,
Temos dança hoje n'aldeia.

CORO

Conversado que cantar
Ao desafio nas eiras,
Prepara as bodas primeiras,
Por que certo vai casar.

ELLA

É um moinho de pão
A lua — quem o adivinha?!...
São as estrellas o grão,
É o luar a farinha.

CORO

Conversado que cantar
Ao desafio nas eiras,
Prepara as bodas primeiras,
Por que certo vai casar.

ELLE

Vou de noute para os campos
Illusões desenrolar,
Como luz de pyrilampos,
Nascem, tornam-se a apagar!

CORO

Conversado que cantar
Ao desafio nas eiras,
Prepara as bodas primeiras,
Por que certo vai casar.

ELLA

Redondinha como a mó
Vai a lua de viagem;
O luar é guarda-pó,
As estrelas a bagagem!

CORO

Conversado que cantar
Ao desafio nas eiras,
Prepara as bodas primeiras,
Porque certo vai casar.

.....

(Excerpto das *Romarias*)

Coimbra

ANTONIO MACIEIRA

Questões sociaes

III

Poderá a moral ainda que n'um lento caminhar, chegar a um periodo de secularisação completa não já envolvida nem sustentada pela religião?

Poderão as crenças moraes adquirir força sufficiente para de per si constituirem a sciencia do homem como agente da civilisação e do progresso?

Para mim é bem certo que as religiões, pela differença de seus dogmas, exercem para com a fraternidade em geral uma influencia deveras perniciosa.

Considero mesmo a moral religiosa por sua natureza, hoje necessariamente contraria ao progresso social e á felicidade aos homens; na sua essencia o que mais lhe encontro é o interesse na *salvação da nossa alma* e por fundamento outra cousa não vejo além do temôr d'esse ente sobrenatural, d'essa *sede insaciavel da vingança divina*; e é assim que ella em geral impõe aos homens soffrimentos sem ganho, privações sem vantagem, terrores sem fim.

Foi talvez o peccado original e a corrupção humana, que despertando a vingança divina, fizeram com que a historia do Christianismo fosse em grande parte a Paixão da Humanidade.

Paraiso e Inferno — eis os dois termos em que se move a moral religiosa.

Não espero pois que a obrigação e a sanção extra-terrestre ou o temor de Deus moralizem as sociedades, assim como também não sou d'aquelles que affirmam que um dia virá em que o sentimento altruista será tão forte e poderoso, que até os homens disputarão entre si as occasiões de o exercer, arriscando, ás vezes, a sua situação e sacrificando, se preciso fôr, a sua vida.

Não irei encontrar o fundamento da moral no amor do Bem em si nem tão pouco direi que a virtude só existe quando se procura o bem-estar dos nossos semelhantes.

Creio que é a sociologia que deve ser considerada como o ponto de partida de uma renovação possível da sciencia da moral.

O poder moralizador deverá então encontrar-se não no amor de Deus ou no do Bem pelo proprio Bem, mas sim na elevação do nivel dos costumes, no amor da especie que deverá suggerir o desejo de servir a collectividade e d'ahi a mais elevada solidariedade— a da humanidade. A virtude consistirá na arte de cada um se tornar feliz no meio da felicidade dos outros, e assim o bem continuará existindo sem que no altar da dedicação tenha de fazer-se o sacrificio da propria felicidade.

Os elementos moralizadores deverão ser: a influencia da educação, o habito do exemplo, etc.; e o agente moral não deverá ser outro além do amor de nós mesmos, isto, é claro n'uma sociedade organizada de modo em que haja accordo entre o interesse particular e o interesse geral—porque não sendo assim a sociedade será necessariamente immoral.

Ao pessimismo, á mentira e ao cego egoismo succederá uma civilisação de verdade em que o amor proprio existirá por entre o amor dos nossos semelhantes e o bem-estar da collectividade será confundido com o bem-estar da humanidade.

Julgo pois que a moral social não deverá ser uma entidade theologica ou uma abstracção metaphysica; mas sim estará fóra da religião, longe de abstracções metaphysicas, fundada na harmonia social tendo como agente o proprio egoismo por entre a união fraterna, livre e instruida dos homens.

E assim a Humanidade deixará de ser uma ideia abstracta, para entrar de vez no campo da realidade.

Coimbra, 6 de maio de 1897.

PATRICIO JUDICE.

Cantares



Oh alma dos meus amores,
Oh minhas doces amadas!
Vós sois lindas como as flôres,
E tendes vivos fulgores
Como a luz das alvoradas!

Ha tanto tempo que eu ando,
Oh moças da minha terra,
Com sêdes de vir cantando
Saudades que o peito encerra
Do tempo que andaes ceifando.

Inda lembro, em fins d'agosto,
Vós, em bando, oh raparigas,
Chispando lume do rosto,
Ieis cortando as espigas
Com prazer, até sol posto.

Quando seava no povo
O meio dia da lenda,
Todas vós, um bando novo,
N'uma alegria que louvo
Ieis comendo a merenda.

Depois, á hora da sósta,
Dormia o feitor no monte
E sem mêdo ao sol que as cresta,
Corriam todas p'rá fonte
Chilreando em viva festa.

No regresso, com que penas!
Tomavam todas da foice,
E a suar, pobres pequenas,
Iam ceifando, as morenas —
De contal-o est'alma dóe-se.

Com a saia arregaçada
Nos quadris fartos, roliços,
Andam de frente acurvada,
Trauteando a copla alada
Que faz perder os derrickos.

A' tardinha, campos fóra,
Quando socegam os ninhos,
Fazendo orchestra sonora,
Vão-se as morenas embora,
Descantando nos caminhos.

E ao entrar na aldeia triste
O bando d'aves aladas,
A alegria em tudo existe,
Ninguem ao canto resiste—
Sucedem-se as desgarradas!

.....
.....

Oh alma dos meus amores,
Oh minhas doces amadas!
Vós sois lindas como as flores,
E tendes vivos fulgores
Como a luz das alvoradas!

Lisboa, abril, 1897.

ANTONIO AURELIO

LIVROS NOVOS

I

MENTIRA VITAL

Henrique de Vasconcellos

Representa este livro de prosas um progresso e uma reabilitação, porque entre elle e os versos que eu tão rudemente fustiguei n'uma hora de violencia, medêa toda a larga distancia que vai da mediocridade ao talento. Comtudo, em conjuncto, é um livro mau, incoherente, sem plano, onde se baralham impressões ligeiras sobre a arte dos outros com arte pura. E' n'esta ultima que se nota a maior incoherencia; ora se diz hellenista, neo-classico, discipulo de Banville e companheiro de Jean Moréas, ora discipulo de Balzac. A sua theoria d'arte, o hellenismo, é ainda uma aspiração vaga, envolta em nevoa, mercê das influencias funestas que desviaram o seu espirito (fortemente impressionavel a tudo que seja novidade) do caminho luminoso e sereno em que agora encetou carreira. Cata-vento esse espirito redopia segundo as correntes que sopram, o que mostra que Henrique de Vasconcellos ainda não chegou á plena maturação

intellectual, ainda não attingiu uma orientação segura e defenida.

Não é talvez esta a sua opinião. Na *Isagoge* diz que desilludido da primeira bandeira que seguira, desertou para arvorar novo pendão, elle "que andava como uma agulha de marear que estivesse doida.". Em boa verdade não me parece que a agulha tenha agora mais juizo e regule melhor quando indica o polo norte, ora em Banville, ora em Balzac.

O defeito, pois, está na orientação, porque os seus contos isolados, de per si, salvo raras excepções, teem unidade e attingem um grau de perfeição pouco vulgar.

Nos seus estudos psicologicos fere notas ineditas, faz resaltar requintes imprevisos, minucias surprehendidas em flagrante que alguma coisa adeantam no conhecimento da Alma moderna, tão estranha e complexa.

Todavia não é simplesmente como psicologo que Henrique de Vasconcellos se impõe, mas como estylista poderoso, senhor d'uma forma propria, malleavel, cheia de cambiantes, que ora retinem n'um som agudo de crystaes, ora teem plangencias de bronze. Todas as nuances da côr e toda a escala do som se combinam ou contrastam n'um effeito deslumbrante de arco-iris e de orchestra sadia.

A sua prosa nenhuma semelhanças apresenta com os seus versos, cheios de preciosissimos irrisorios e de bizarrices funambulescas; é sadia e forte, de vocabulario rico como uma chuva d'oiro, apesar de não recorrer á terminologia exotica que foi por tanto tempo a caracteristica da sua arte.

Nada me admira que a imprensa o batesse, o apupassee mesmo, n'essa epocha de aberração esthetica que se não foi um desvairamento, foi pelo menos uma petulancia—petulancia que, embora com caracter diverso, ainda hoje nos irrita os nervos provocando-nos a recalcar-lhe o *calo*, aliaz muito amollecido em face da nova phase litteraria.

Hoje não lhe permite a sua consciencia de artista torcer uma ideia pela sonoridade d'uma palavra, coisa que tantas vezes lhe succedeu na phase anterior. E' que o seu ideal é outro—mais largo e luminoso. Não despertar o prazer phisico, mas o prazer intellectual. Já começou a ascensão. O prosador rehabilitou o poeta, o artifice deu logar ao artista e o artificio á Arte. Tem audacia, grandes rasgos e serena confiança nas suas forças, qualidades peculiares a todos os que triumpham. Oxalá que o poeta não venha por sua vez fazer cahir o prosador!

Coimbra, 5 de Maio de 97.

II

YARAS

Verediano Gonçalves

Verediano Gonçalves apresenta-nos um livro d'arte minúscula n'uma edição igualmente minúscula. Tudo se harmonisa n'esse livro — o delicado filigrana da forma e a superficialidade da essência. N'essa harmonia se resume a fórmula esthetica de Verediano Gonçalves.

É um livro calmo, trabalhado socegradamente á banca, devagar, sem anções e sem desesperos, apesar da psychologia que grita por vezes a fingir-se epiletica.

Compõe-se o livro de duas espécies d'arte — uma em que se pretende fazer psychologia e outra puramente imaginativa, rescendendo castamente á poesia ingenua, nublada, cheia de sonho e de mysterio das tribus barbaras — esta a melhor parte do livro.

Na parte psychologica nota-se a futilidade dos espiritos pouco amadurecidos, pouco dados á observação minuciosa, ao estudo persistente que é a grande força dos psychologos.

Não surprehende nada de novo, raro encontra um aspecto verdadeiro — psychologia imaginada que não observada, que não real — e quando o consegue é um esforço baldado pela falta de ligação methodica, de tal modo que a sciencia medica vê-se-hia seriamente embaraçada para recompor o typo cuja alma elle pretendeu dissecar. E, que Verediano Gonçalves se per-

scuta a Alma humana não a profunda, não lhe apprehende as subtilezas, e, como os microbios á vista desarmada, passam-lhe desapercibidos os pequeninos caprichos incoherentes e as mais das vezes inexplicaveis.

A outra parte do livro é de influencia brasileira, mercê d'uma viagem em ferias-grandes, e n'ella propõe-se Verediano apprehender não só os costumes indigenas essencialmente poeticos, mas tambem a natureza tropical, tão fecunda que quasi dispensa a cultura!

Como motivo d'arte é bello o assumpto, castamente emocional, d'onde se evola todo o perfume mysterioso dos symbolos primitivos e com que José d'Alencar tão admiravelmente revestiu a sua *Iracema*.

N'esta parte a forma de Verediano não é original, imita Coelho Netto que é uma das penas mais pujantes da moderna litteratura brasileira.

O que me dá raiva é saber que elle teve ensejo para uma obra de folego largo e que, mercê do seu temperamento calmo, ficou mudo deante da flora luxuriante do Brazil, da sua natureza rude e fecunda onde os arbustos tomam proporções d'arvores seculares. Em face d'aquella effervescencia brutal de seiva, d'aquella riqueza agreste, os seus nervos não tiveram impetos, a sua Alma não se commoveu. As suas descrições que não passam de esbocetos leves, miniaturizadas até um chinezismo bizarro, amesquinham toda essa flora poderosa reduzindo-a á insignificancia d'arbustos d'estufa. E a propria *Victoria-Regia* apesar do seu nome pomposo e de todo o orgulho da sua rica florescencia não nos suggestiona mais do que um jun-

quilho bravo á beira d'agua. E' muito cuidada a forma de Verediano, finamente rendilhada, rara bijouterie, bibelot exquesito, mas porque o assumpto é forte e resplandecente como a mocidade, teve de amesquinhar a tela para mettel-a em moldura tão fragil, tão subtilmente burilada. Se em vez de miniaturisar a forma a deixa romper brutalmente como a seiva da flora brazileira, seria grande a sua arte, assumiria proporções epicas. Toda a sua delicadeza d'artista (que a tem) não condiz com assumptos grandiosos que pedem arrojos e audacias que elle não possue. Escolhidos motivos mais subteis pode Verediano Gonçalves dar-nos um livro bom dentro da sua formula esthetica que eu não discuto, porque é já uma coisa muito transcendente.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

BIBLIOGRAPHIA

Acaba de nos vir á mão o esperado livro de João Grave, *Macieiras em flor*. Inspirando-se nas tendencias nacionaes, todas p'ra côr, pr'a paysagem, as *Macieiras* apprehendem todo o relevo da vida e paysagens d'aldêa. Alexandre d'Albuquerque d'elle se occupará desenvolvidamente no proximo numero da *Argus*.

Podémos folhear um romance de Lourenço Cayolla, *Coração Doente*, que nos deixou uma deliciosa impressão. E isto porque n'elle vimos o louvavel intento de introduzir em Portugal a fórma psicologica se Burget, ainda não explorada pelos nossos escriptores.

Temos pena de não podermos dar uma crita desenvolvida, mas só o lemos de passagem por favor d'um amigo.

Argus

Ideal e Verdade

LIBERDADE DE IMPRENSA

O congresso, ultimamente realizado em Lisboa, da União Internacional de Direito Penal, deu azo a que uma das mais fecundas intelligencias do paiz viesse trazer a uma larga discussão o problema da liberdade de imprensa, como base de toda a organização politica moderna.

O sr. Trindade Coelho, primoroso escriptor e distincto jurisconsulto, apresentou a esse congresso algumas proposições sobre a qualidade e responsabilidade do editor nos delictos de liberdade de imprensa, penas a applicar, e fórma de processo na verificação e julgamento d'esses delictos, procurando com notavel proficiencia justifical-as.

N'esse trabalho ha sensatas affirmações, e observações judiciosas, dictadas por um espirito eminente.

temente pratico, e bafejadas todas por um sentimento sympathicamente liberal.

E' restricto o ponto de vista em que se colloca o abalisado pensador: tracta apenas da investigação dos auctores do delicto, da graduação da sua responsabilidade criminal, e da competencia dos tribunaes para os julgar. Deixou portanto o ponto capital da questão, que é a definição ou determinação do delicto. Póde dizer-se que tudo o mais é secundario, porque sem se demarcar a esphera legitima da manifestação do pensamento, sem se caracterisar bem a liberdade de imprensa, sem se dizer com precisão até onde póde ir a critica jornalística e onde começa a injuria ou a diffamação pessoal, não ha tribunal recto nem punição justa.

Viu isto o sr. Trindade Coelho. E tanto que sobre o assumpto, embora de passagem, deixou escripta esta phrase, que vale um livro, e de que se póde extrahir uma proficua lição a futuros legisladores: "*O que se procura punir n'um delicto de imprensa é quasi sempre, se não sempre, um exagero.*"

Ora no desenvolvimento d'esta ideia é que nós desejaríamos ver a acção pujante d'esse privilegiado talento. Fazer a classificação d'este delicto especial pelo criterio prescripto no Cod. Penal commum, segundo se deprehende dos artt. 5.º e 6.º da lei de 17 de maio de 1866, e dos artt. 6.º e 8.º do Decreto n.º 1 de 29 de março de 1890, é um erro, que aquella mesma lei reconhece no § 2.º do seu art. 5.º

Não são prohibidos, declara esse §, os meios de discussão e critica das disposições tanto da lei fundamental do estado como das outras leis, com o fim

de esclarecer e preparar a opinião publica para as reformas necessarias pelos tramites legais. Se porém n'este ponto se considera legitima a acção da imprensa para esclarecer e preparar a opinião publica, qual a medida exacta dos meios que para isso podem ser legitimamente empregados? Será uma questão simples de estylo, ou de fórma litteraria do escripto? Poderá dizer-se tudo, contanto que seja por pauta, a sangue-frio, sem energia de termos, sem calor de exposição, sem exagero emfim? A que fica então reduzida a missão do jornalista? Como ha de elle convencer e persuadir a opinião sem lhe mover as paixões, sem lhe irritar os sentimentos, sem lhe provocar esses violentos impulsos, unicos que arrastam as multidões ao convencimento e á pratica das grandes ideias? Como ha de elle ser lido, acreditado, seguido, se não ferir as cordas intimas da alma popular em vibrações ardentes?

Mas ainda assim aqui, nas questões caracterisadamente politicas, ha, mais ou menos delimitado, o direito de livre critica das instituições e das leis. Na discussão então dos actos embora publicos dos cidadãos ou das auctoridades, nada ha que por mais moderado e justo se não possa, em face das leis actuaes, reputar punivel por importar desconceito ou menos consideração. A que minimas, ridiculas proporções fica portanto reduzida essa famosa e sacra missão da imprensa? Que força, que prestigio, que auctoridade poderá ter o jornal, se, como qualquer individuo, segundo a lei commum, estiver sujeito a penas correcçionaes logo que belisque as borbulhas da vaidade politica ou arranhe o verniz das molduras do interesse pessoal?

Peor ainda, por ser ainda maior o absurdo: nas apertadas malhas da rede penal commum, a propria censura artistica ou litteraria é colhida, pois que é offender a consideração a que aspira o escriptor ou o artista reprovar as suas obras. Por fórma que a imprensa, esse quinto poder rethorico do estado, essa metaforica alavanca da civilização hodierna, tem á roda da garganta o nó do Codigo Penal, como qual-quer ebrio de mau vinho sob a vigilancia da policia.

Contra isto, mais que deprimente, porque é estúpido, urge levantar cruzada accesa e fanatica, e ninguém melhor para prégal-a que o douto magistrado e attico escriptor que poz o dedo intelligente n'essa chaga da nossa legislação.

Lisboa—97.

BARBOSA DE MAGALHÃES.

Perdi-te para sempre meu amor!...
No ermo me deixaste, só e triste,
O olhar de que um dia me feriste,
Em noite se tornou, cheia d'horror.

De tédio agora eu fujo, e de pavor,
Por tudo o que me cerca e que me assiste;
E a mim pergunto mesmo em que consiste,
A vida, p'ra quem vive n'esta dôr.

Ainda s'eu tivera a doce esp'rança
De, apoz esta tormenta, achar bonança
N'um sorriso que de ti inda partisse!...

Mas tu fugiste como nuvem leve
Que um momento no ar a vida teve...
Oh! melhor fôra que jamais te visse!...

Porto, 27-IV-97.

JOÃO FERREIRA.

Á MORTE

Bem dita seja para sempre a Mortel
Ella vem demonstrar á Humanidade,
Que existe um vicio inutil, a vaidade,
Que traz na mão a foice com que o corte.

A morte, vida é brilhante e forte.
Quem me dera já, n'essa claridade
Analysar os traços da saudade,
Esse quadro banal que pinta a sorte.

No oceano insondavel d'essa crença
Fortifica-me ouvil-a, a vaga immensa
Na anciedade tragica d'um Porto.

A Morte santifica a luz da Ideia;
O proprio Christo—o martyr da Judeia
Só chegou a ser Deus depois de morto...

Lisboa

NUNES CLARO.

CARTA A COLUMBANO

sobre o seu quadro «Tullia passando por cima do cadaver de seu pae»

MEU CARO MESTRE:

Dizer-lhe da impressão do seu quadro, formidavel na tragedia que exprime, é-me duplamente agradável — pela voluptuosidade que sinto em fallar da Obra-prima, e pelo prazer incomparavel de mais uma vez bater-lhe palmas.

Se eu fosse mulher, d'aquellas bellissimas e graceis, que os esculptores immortalisavam no branco marmore de Paros, com as caricias das minhas mãos, envolveria a sua cabeça d'uma corôa imarcessivel, onde gritassem rosas no meio da serenidade dos loureiros e da ingenuidade das heras.

Triumphador, não lhe faltou o truão a dirigir chufas, a lançar-lhe doestos — o jury do concurso de pintura historica na Academia de Bellas Artes.

Foi o escravo ignobil, que ainda mais fez brilhar o triumpho, pelo contraste.

No alto, a perder-se, o marmore branco do Capitolio, onde, recolhidos os Deuses, o Patriciado e a

Plebe iam orar pela grandeza de Roma, pela prosperidade da Patria. Em baixo, na via, Selerata depois chamada, pelo nefando ultrage, uma biga passa, levada por dois cavallos, que um moço auriga conduz. E n'ella vae tambem, imperturbavel, Tullia, filha de Servius, que a Roma ia, afim de coroar seu esposo acclamado Rei.

No chão da estrada, onde a biga levantou um nevoeiro de pó, o cadaver de Servius. Passa-lhe a biga em cima, mordendo-lhe a carne a pesada roda.

É n'este momento que o meu caro Columbano stenographou a tragedia formidavel. Ha no quadro simplicissimo de execução, d'um decoro de lenda, vago como convem, tres sentimentos diversos, profundamente caracteristicos na expressão physionomica dos tres personagens unicos cujo choque de impressões produz aquelle drama espantoso de sentimentos, que o acaso (da lenda ou da Vida?) reuniu e que o seu magico pincel soube revellar nitidamente n'um grande rasgo de genio.

O seu quadro é largo; como um rasgão de céu n'uma tempestade. Passa um grande sopro de inspiração, como se encontra em algumas soturnas paginas de Balzac. E tudo é vivido, com a intensidade que demanda a obra d'arte, intensidade que produz o drama singular que nos empolga e nos massacra, que nos arrasta a Alma no seu turbilhão, deixando-a cahir como d'um estupôr.

Os tres sentimentos que fazem viver os personagens são: em Tullia a serenidade, em Servius a impassibilidade da carne morta, lambendo o pó, roida pela roda, que faz verter sangue; e no auriga o

espanto, o medo dos deuses, que se revoltarão por aquelle horroroso sacrilegio.

* * *

Fazer passar n'um tempo chimerico, sem detalhes precisos, a não ser o Capitolio, que esse ha fortissima probabilidade de ter existido, foi muito bem da sua parte.

O tempo dos reis é qualquer coisa de nebulosissimo, embora a minucia com que Titus Livius e Eutropius contaram os factos possa ser interpretada d'outra maneira. Não ha nada de positivo, nem se sabe se os reis existiram. Alguns dos escriptores que melhor têm estudado os principios de Roma (Momsen, Fustel de Coulanges, Oliveira Martins) suppõem cada rei de Titus Livius e dos historiadores latinos representar um periodo vago de civilisação ou engrandecimento.

Parece-me ser esta a opinião verdadeira.

Empregar a biga pareceu-me bem, porque só mais tarde é que em Roma appareceu a quadriga. Não conheço episodio grego nenhum, dos primitivos, em que fosse empregada a quadriga.

Por tudo isto que lhe digo vê, illustre Mestre, que as minhas phrases não são de lisonja, mas os meus applausos fundados no estudo, que foi detalhado, do seu bello quadro.

Escolheu o jury um quadro do sr. Salgado, que mais parece um reclamo d'armazem de tintas do que uma obra d'arte. N'esse quadro de concurso de pin-

tura historica, ha erros historia que não commette um rapazinho do lyceu; os cavallos são baixos-relevos gregos, mas avariados pela paragem que fizeram n'esse deserto que é a cabeça occa do pintor Salgado.

Fez muito bem esse jury imbecil, onde excepção ha a fazer do nome de Carlos dos Reis. Ninho de toupeiras, a sua entrada para ahi seria muito luminosa para poderem supportar o brilho intenso do seu genio. Fecharam-lhe as portas, não deve querer-lhes mal; foi por um sentimento natural de conservação, ajudado pela intriga infame d'esses ratos d'esgoto..

Não espero que o seu protesto tenha valor. A politica metteu-se até na Arte. E sei de ignobeis politicos cujo rosto devia ser infamado, como a Alma é latrinaria, que rodeiam o presidente do conselho, que ficará inerme perante essa patusca classificação do jury.

Não me admiro, e eu que tenho sido maltratado em toda a linha, lembro-lhe uma phrase que me disse ha annos: que já tinha criado callo.

Resigne-se. E lembre-se que este paiz é um paiz d'alarves onde só os alarves triumpham.

Coimbra, 10-v-97.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

Palingenesia

Um velho quasi centenário: exausto:
Surda a Memoria, a Phantasia cega;
E morto o coração, aonde não chega
Do ar puro e livre uma golfada, um hausto.

Vêde-o prostrado ao canto d'uma rua,
Entre o Azilo, o Hospital e a Sepultura...
Um velho assim é como a Noite escura:
Nem luz d'Estrellas, nem clarões de Lua!

Um velho assim, é como o Inverno: frio...
Aves não trillam, não florescem Rosas!...
— Bons tempos esses das canções gloriosas,
Onde escachoavam a Paixão e o Brio!

— Bons tempos esses da gloriosa chamma,
Balsão aos Ventos, rutilando a Espada:
E o Peito a arfar, fremente, na Estacada,
Pelo Rei, pela Patria ou pela Dama!

— Bons tempos... ai! mas como ha-de elle, agora,
Lembrar-se, o inutil velho, do Passado?...
Se foi, como Camões, poeta e soldado,
Nem já se lembra do que fosse outr'ora!

Vão-lhe lá falar a elle da Epopeia
Em que ergueu, poeta e heroe, a voz e o braço:
Fica-lhe o rosto amodorrado; e baço
O olhar que, moço, lhe incendera a Ideia.

Do Amor lhe falam? da Mulher lhe exaltam
Todas as graças que elle amou? — Se accaso
Seus mortos olhos, como o Sol no occaso,
D'uns posthumos clarões ainda se esmaltam:

Luz de vida não é! Como o Cometa,
Brilhante embora, presagia morte,
Quando passa no Ceo, — da mesma sorte
É luz fatidica essa luz inquieta. —

E, se outra chamma o galvanisa e engana
Os nossos olhos, ai!... é chamma espuria:
É a chamma obscena da senil luxuria
Que n'outros tempos fez corar Suzanna.

Nos seus labios, onde a Ancia derradeira
Tange a agonia, uma saudade treme...
Mas de que vale?!... O Sphynges tambem geme:
Ambos teem no peito uma caveira.

Ambos, sim! mas no Velho é realidade
O que no Sphynges apenas é... estampa:
Do Homem-seculo o arcaboço é campá
Do Coração que teve n'outra idade.

Ide auscultar-lhe o peito duro e secco...
Falae-lhe! respondeu-vos?...— Illusão!
Morto é o Rochedo: e, emtanto, as Vozes dão
No Rochedo: e o Rochedo exhala um ecco.

Urna de cinzas — cinza espalha: vêde-o!
Onde o sol brilhe e a Mocidade cante,
— Pesadello ambulante e torturante —
Seu bafo sopra a escuridão e o tédio.

Emmudecem os Crótalos; Guitarras
Emmudecem, ao ver-lhe o riso idiota...
E' como o Cholera: a Alegria enxota.
Peor que a Fome: em vez de mãos, tem garras.

Phantasma do que foi, como os phantasmas,
Gela aos labios o riso e o sangue ás veias...
— O Lago onde florião as Nympheas
É um Pantano onde fervem os Miasmas.

* * *

Ora o Velho que eu digo é a Allegoria
Do Fim-do-Seculo em que Nós viemos...
Sem crenças, sem amor, sem poesia,
Assim os Tempos são: e assim nascemos:

Já velhos ao nascer! 'desenganados
— Talvez que da experiencia d'outras Vidas...
E tristes ao nascer! e derreados,
Como de penitencias não cumpridas!

Ainda no berço, uma cruel Canidia,
Anjos que somos, fez de nós Gorillas...
— Se os cabellos tingimos com ophridia,
As cans do Coração... como tingil-as?

Debalde ensaiamos risos ao espelho
E reaccendemos as pupillas baças...
Cahimos no ridiculo d'um velho
Que quer de moço apparentar as graças.

Somos os Velhos de que fala Homero:
— Admiramos Helena, das muralhas;
E falta-nos o ardor do desespero
P'ra morrermos por Ella nas batalhas.

As proprias Almas que Deus fez cantando
E p'ra cantarem as mandou ao Mundo...
Eram Cysnes: mas o halito do Fundo
Em Mochos converteu o alegre bando!...

Assim como o Escorpião, se se exaspera,
A cauda em dardo na cabeça espeta,
P'ra si proprio das azas da Quimera
Fez rodas de navalhas o Poeta...

Fez do seu sonho d'oiro uma Nevrose
Esteril e pesada como chumbo...
E, por uma fatal metamorphose,
Seus Poemas gritos são como os do Lumbo.

Gritos de febre de quem arde em febre
Sem ver nem luz de sol nem luz d'estrellas,
Entre as quatro paredes d'um casebre
Com cortinas de crepe nas janellas.

Poemas assim não são nem flor nem fructo;
São parasitas, como os cogumellos:
Nascem n'um tronco morto e já corrupto...
São venenosos ainda que sejam bellos.

Bellos poemas em que a Dor se exalta
E o Poeta ao desespero nos convida...
Sejam bellos! que importa?... se lhes falta
O sol do Amor e um grande amor á Vida!

Bellos poemas... mas que não aquecem:
Brilham apenas como as chammass fatuas...
Bellos poemas, sim; mas que parecem
Como os olhos vasiós das Estatuas...

Que os nossos olhos pavidos, absortos,
O que elles digam nem sequer pesquisem:
Versos assim não falam: estão mortos!
Dizem-nos tudo... porque nada dizem.

— «Mas são bellos! que importa que não falem?
Rosas tambem não falam:—são formosas...»
—Taes versos não são rosas; bem que exhalem,
Como os myrmeleões, um cheiro a rosas.

E rosas fossem:—rosas da Anemia,
Qem d'ellas goste, p'ra seu uso as plante!
Eu quero a Arte robusta, a Arte sadia
Que cante o Amor, que a Natureza cante.

.....

(Da *Palingenesia*)

CARLOS DE LEMOS.

LIVROS NOVOS

III

MACIEIRAS EM FLOR

João Grave

Contrasta, este livro d'arte sã, com os derreamentos do nosso meio litterario, tão fertil de epilepsias requintadas, tysicas que esfalfam, rachitismos dolorosos, lesões acabrunhadoras; todo um mundo de doenças grotescas (verdadeiras em alguns, fingidas em quasi todos) que reduziram a arte á mesquinaria d'um relatorio d'hospital.

Exalando aromas tonicos do campo, este volume de lyricas cuja leitura basta a dar saude, representa o protesto d'um forte contra os pseudo-doentes que assim defraudam o paiz e concorrem — os miseraveis! — para o completo degeneramento d'esta raça forte de lobos do mar.

Livro sincero, sentido bem dentro d'alma, apprehende por vezes, n'uma synthese funda de talento, aspectos topographicos caracteristicos, bellas perspectivas ensombradas de parreiras e matisadas de trevo florido e floridos malmequeres.

Olá!... Campos de trevo! E de que sangue,
Elle salpica as hervas sãs e puras!
E sobre a relva cheia de frescuras,
Onde agonisa o rubro sól exangue,
Temos vontade d'uvas já maduras.

O auctor antes de lettrado foi camponez. "Filho de velhos rudes cavadores," ajudou a arrotear o campo da sua aldeia, primeiro que arroteasse o campo das letras—não tão aspero, mas por certo mais ingrato: "*Meus paes mandaram-me primeiro ao campo do que á escola. E antes eu ficasse cavador rude e bom.*"

D'essa epocha, sempre recordada e sempre desejada, ficou-lhe a crepitar no peito esse entranhado amor á paysagem que o individualisa entre os poetas portuguezes.

Fallando do paysagista vigoroso que se chamou Cesario Verde, nota Junqueiro que o poeta portuguez, essencialmente sentimental, não se demora a contemplar o exterior, estuda-se, concentra-se, n'uma ancia de se surprehender, n'um furor de se dissecar. Com effeito a nossa poesia tem um cunho especial de caridade; ora violenta—choros convulsos, febres intensas, desesperos tragicos; ora lamentosa—queixumes doridos e soluços agonisantes.

Destoa d'essa poesia este livro bucolico com influencias cezarianas (influencias a que nenhum paysagista portuguez poderá fugir) d'onde se evolvem emanacões tonificantes d'aguas salgadas, aromas deleitosos de giestaes, fragancias de fructos sasonados, perfumes saudaveis do trevo e do feno.

Este anno os milharaes estão sadios,
E as vinhas cheias d'uvas bem maduras.
Vêde-me os choupos!... Como são macios!
E a agua azul dos murmurosos rios,
Enchendo a margem de bibliaes frescuras!

Os campos onde o sol aloira o pão com palhetadas d'oiro, as uvas maduras luzindo tentadoras, como olhos negros de cachopa amada, todos esses contrastes de côres violentas e macios tons que formam as aguarellas naturaes, despertam na sua alma uma casta aspiração—o regresso ao tempo em que ajudou os velhos paes a arrotear a deveza. E d'essa aspiração que é já uma ancia, que é já um desespero, brota todo o lyrismo doce do seu livro, levemente maguado como um tanger de frauta pastoril. E' esta uma das modalidades do seu espirito—doçura de favos, ternuras dos ingenuos. Mas se a sua Alma se deleita (*Macieiras em Flor*) deante da paysagem culta da herdade, commove-se (*Corações*) em face da natureza agreste, terreno aos solavancos, arvores torcidas como epilecticos, esgalhadas como velhos guerreiros estropiados.

N'esta ultima modalidade do seu espirito, a sua maneira de ser artistica é arripiante como gritos de soccorro n'uma noite tragica, gritos trazidos pelo vento cavo, ampliados pelo silencio fundo, como se nã treva o Rei Lear, apavorado e doido, andasse amaldiçoando a filha. Rhembrandtescas paysagens, d'um vago nubloso são as d'esse romance—*Corações*, a apparecer em breve.

Sendo as *Macieiras em Flôr* um livro de paysagens não lhe fica comtudo estranha a psychologia do auctor, porque é d'essa ancia de regresso aos tempos de ingenuidade que irrompeu todo o seu lyrismo suave, illuminado de bom sol e de bom luar.

Emquanto eu fui menino, o sól, ai! que alegria!
Despertava ás manhans como uma cotovia,

Trazia um fulgor d'oiro á minha pobre herdade,
 E sazonava a fructa a rir nos arvoredos!
 Que verdes pastoris e que doidos segredos
 Ficavam na rechan e pelo campo fóra!

.....
 Ermida do passado, ó meu piedoso altar,
 Quem me déra outra vez ser pequenino agora;
 Que saudade infinita o meu coração chora!...

São correctos os seus versos, d'uma harmonia delectosa, mas não isentos de defeitos. Compara a simplicidade da sua aldeia com a simplicidade biblica, mas leva a comparação tão longe que confunde tudo. Alem d'isto abusa muito da palavra Biblia e dos adjectivos derivados—*favos bibliaes, bibliaes frescuras, canteiro biblia, hostia biblia, candura biblica, virgens bibliaes, manadas bibliaes e lendas bibliaes*.

Na poesia de influencia biblica—*Contos do meu Abade*—João Grave faz reviver com um talento de evocação superior, a figura gracil e luminosa de Rachel—a destinada do Senhor para Isaac, filho de Abrahão. Mas se artisticamente fez resaltar a simplicidade d'eses tempos primitivos, historicamente commetteu um erro de seculos. Abrahão é o primeiro patriarcha do povo escolhido, anterior a Christo bastantes seculos e todavia n'essa epocha, segundo João Grave:

Amadurava já o trigo loiro
 Sobre as fecundas *terras dos christãos*;
 E o sévo poz-lhe nas formosas mãos,
 Lindos pendentos e manilhas d'oiro.

Postos de parte estes lapsos e algumas influencias funestas de Guerra Junqueiro e do *Decadentismo* que aqui e alem ainda o tocam, o livro de João Grave representa no nosso meio litterario um successo e uma força — a energia d'uma phalange fecunda e fecundante d'artistas fortes que, ultimamente desilludidos da *fumisterie*, se teem lançado d'alma e coração a uma tarefa superior — fazer arte sã.

Coimbra—V—97.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

No proximo numero dir-se-ha dos livros: «*Bello, Maguas e Para qué?*».

SONETO

Coração que partiste á cata d'Ella,
A vêl-A sempre n'um alem risonho,
Volta, que nunca alcançarás teu sonho...
Porque não te contentas só com vêl-A?

E viverás assim, sempre tristonho...
Ella é de todas a mais alta Estrella;
E ninguem toca n'essa luz tão bella
Inda que a sinta a vista do seu sonho...

Depois... tu, pensa, pobre coração:
Que preso d'Ella nada vês em roda...
E nunca alcançarás essa illusão

Se gastas no caminho a vida toda...
Toma cuidado! — Pensas n'A que queres
E vaes a tropeçar n'outras mulheres!...

Coimbra, V-97.

MARIO ESTEVES

BIBLIOGRAPHIA

Temo'-nos esforçado por cumprir a nossa missão conscienciosamente, recorrendo ás penas mais pujantes do paiz, como Gomes Leal, Theophilo Braga, Trindade Coelho e outros. Hoje apresentamos um novo collaborador—o Dr. Barbosa de Magalhães, um dos jurisconsultos de mais larga e justa nomeada do nosso paiz. Trindade Coelho enviara-nos o seu trabalho—*Liberdade de Imprensa*. Tinha jus a uma apreciação. Quem havia de fazel-a? Não nós que sobre o assumpto pouco ou nada diríamos. Livrou-nos da responsabilidade, com que não podíamos arcar, a pena do Dr. Barbosa de Magalhães. Obrigado.

—Com um goso nada egoista por muito intellectual, publicamos hoje a primeira poesia da *Palingenesia*, livro de ha muito esperado, em virtude do nome que Carlos de Lemos soube grangear a golpes de talento. Duplo valor o d'esta poesia—como arte e como critica. Nas *Miragens* fez Carlos de Lemos a sua profissão de fé, mas agora é já um plano largo, fecundado com amor, como pode ver-se da poesia hoje publicada que é um valioso documento de auto-psychologia. Carlos de Lemos desenvolve superiormente toda a sua alta comprehensão d'Arte. A sua formula esthetica é tão consciente e definida que por essa poesia facil seria fazer uma critica do livro, mesmo sem o conhecer

—*Jornal do Coração*—Adolpho Portella. Recebemos e agradecemos. E' mais uma confirmação das suas qualidades d'artista esparsas nas prosas da *Bohemia Lyrica* e nas poesias das *Orvalhadas* e *Sol-Posto*. Suave como as palayras amaviosas d'uma trova antiga, toda a arte de Adolpho Portella, impregnada d'uma doce tristeza, fere

intensamente a nota da saudade. Saudades do «cantar das esfolhadas, repiques de sino, as doideiras do arraial, o fallar baixinho do rio»—o seu Agueda que, deslizando limpido e sereno, tem ao sol reverberos como um largo escudo de prata nova. Na sua arte encontra-se tudo que é a sua aldeia e que elle evoca de longe, n'uma nostalgia de caminheiro errante, amando-a com doido apego. N'esse grande amor á aldeia que é quasi uma obsessão, está toda a sua força d'artista. Além d'esses retalhos d'arte, Adolpho Portella reuniu com o titulo de *Ala dos Namorados*, as suas impressões de momento sobre os livros ultimamente apparecidos. *Ala dos Namorados* é um titulo bem aproveitado por muito suggestivo; symbolisa toda essa luminosa phalange de sonhadores, acalentados por um fogo sagrado, doidos amantes d'um ideal que, por muito alto, não passa as mais das vezes d'uma illusão, d'uma mentira. Sobre a *Patria* de Guerra Junqueiro, esse poema de soluços e coleras d'um estertor, é que Adolpho Portella se espraia mais, frisando notas que se o não indicam como um espirito profundamente critico, revelam comtudo um gosto subtil, um senso esthetico finamente educado. Para o ajudar na sua tarefa amorosa, arranjou Adolpho Portella dois collaboradores, um para verso, outro para prosa—o Povo e Camillo. Não podia ir em melhor companhia—um symbolisa a intensidade dos sentimentos, outro a intensidade dos pensamentos.

—O sr. Alexandre de Mattos publicou um *Discurso* pronunciado no Gymnasio de Coimbra. Agradecemos a offerta. E' uma peça brilhante onde se revelam todas as qualidades d'um grande orador. Rajadas demosthenicas e ideias sublimes se conjugam ali, n'uma harmonia deslumbrante. Fallamos por intuição, que nós não o lemos nem o ouvimos.

Argus

Ideal e Verdade

Adeus

Moços e destemidos partimos n'um alegre bando — uns á cata do Ideal, outros da Verdade. Fomos andando, andando, mas não tocamos a estrellinha dos Reis Magos — o Ideal estava muito alto, a Verdade muito longe.

Que nos valeu avistar o jardim florido de sonhos e chimeras onde se encontra o Ideal, se dragões o guardavam!...

E desde o principio da jornada que um dragão nos perseguiu — a propria aspiração, a ancia de subir. Ambicioso por natureza, o homem quanto mais tem, mais quer. O Ideal d'hoje não é o Ideal d'hontem, como não será o Ideal d'amanhã. O Ideal attingido é a realidade, e a realidade não basta ao espirito humano. O homem, mal toca o que elle julgou o Ideal, conhece que se illudiu, e deserta, doido e aventureiro, com os olhos fitos n'outra estrella.

Á proporção que o homem sobe, sobe também o seu Ideal. Querer agarral-o é o mesmo que exigir ás rodas posteriores d'um carro que alcancem as dianteiras. Por maior que seja a velocidade, a distancia conserva-se sempre a mesma. Assim o Ideal. O homem tenta aproximar-se?— Elle affasta-se. O homem avança um passo?— Elle recua um passo. Como no supplicio de Tantalo é inutil estender as mãos. Felizes aquelles cujo Ideal é ter aquillo que teem, ser aquillo que são!

Emquanto á Verdade está muito proxima da Mentira. Confundem-se muitas vezes, porque a Mentira para melhor enganar toma aspectos de Verdade. Faz-nos lembrar o Anjo-Mau que se disfarça em Anjo-Bom para tentar os crentes do Senhor.

Se não attingimos o Ideal e não tocamos a Verdade, nem por isso desanimámos. Descançaremos um pouco e depois continuaremos a jornada. Agora o nosso Ideal são as férias e a Verdade é que ellas estão muito proximas. Adeus, até Outubro.

Vox de coelo

.....

Vulcão extinto a namorar a Estrella,
— Como um lyrio a florir n'uma caveira...
Quero viver-a, sim! quero viver-a,
A vida-verdadeira!

A vida que eu sonhei e nunca tive
Eu que desperdicei em vãos anhelos
Os annos que vivi: — se accaso os vive
Quem morre a maldizel-os!...

Bem pouco nós vivemos: e esse pouco
Que mal, por nosso mal, o aproveitamos!...
— Correndo atraz d'um sonho... e achando-o ôcco,
Apenas o alcançamos!...

E os Annos, como os Sonhos, se evaporam ..
Eu em sonhos os annos consumi!
Annos não foram, não! seculos foram...
Por isso envelheci!

E, enquanto seismo, a Sua-Voz tão doce,
Tão fluida e meiga e cariciosa e calma,
È como um rio que passando fosse
E me banhasse a Alma...

Oigo-lhe a Voz, como n'um sonho... Fala:
 Passam no ar os sons duma Harpa-Eolea!
 Ella fala: e ao falar como que exhala
 O aroma da Magnolia.

Fala: e a minha Alma a Sua-Voz escuta,
 Como Moysés, no Horeb, a Voz-do-Eterno...
 Desce a Paz aos horrores d'esta Lucta:
 Faz-se luz... n'este Inferno!

E diz-me Ella: — Não cances! tem coragem!
 Eu sou o Anjo-da-Guarda dos teus passos...
 Anima-te, que o termo da Viagem
 Vaes tel-o nos meus braços!...—

E calam-se as Angustias: adormecem,
 Bem como, á voz da Domadora, as Feras
 Adormecem na jaula... E surgem, crescem
 Os Sonhos e as Quimeras!

Os Sonhos que deslumbram como Estrellas...
 As Quimeras que embriagam como Vinho...
 Vinho d'estrellas — assim bebo aquellas
 Palavras de carinho!

Enche-me o peito a musica divina
 De não sei que divino Stradivarius...
 São os ternos accordes voluptuarios
 Da Sua-Voz crystalina!

E esqueço quantos Sonhos me mentiram
E quantas Crenças tive... por meu mal!
Volto a ser uma Creança, quando a tiram
Da Pia-Baptismal!

Como ella ingenuo e simples e impolluto...
Sem um Cuidado a corcovar-me o dorso
Nem a vestir-me o Coração de lucto
A sombra d'um Remorso!

E, como atravez dum kaleidoscopio,
Vendo a Vida atravez do Seu-Sorriso,
Parece-me que estou fumando opio...
—A Vida é o Paraiso!

* * *

E, na infinita paz dum sonho inenarravel,
Eu sinto-me levado ao Nirvana ineffavel,
Longe do Mundo estridulo,
Onde a Felicidade esquece as horas — muda
Como a imagem dum Idolo —
Receando talvez
Que a propria voz lhe quebre o encanto e a desilluda
Pela derradeira vez!

MAGUAS

Villela Passos

O *Novo-Idealismo* foi substituído pelo *Maguas*; título mais suggestivo, menos alardeante, adivinha uma poesia, toda sentimento, d'um espirito em nada dado a *épater le monde* com arrebiques raros e imagens rubras de falsidade e faltas de senso esthetico, exoceterismo desvirtuante das cousas, que apenas prende um momento para rir e outro, talvez, para chorar, porque á vista se desdobra o suicidio calmo, pensado, sem nevrose estonteante que o desculpe, de toda uma geração.

Uma cousa nos constringe, nos magôa; é que Villela Passos se obrigasse a escrever p'ra defeza, ⁽¹⁾ palliativo, de antigas affirmações aquelle prefacio—Revolução poetica.

A theoria d'Arte que simplesmente bosqueja como original e propria não é mais do que aquella que illuminou o primitivo verso e que ha-de subsistir, vencedora sempre, atravez os desvarios de cerebros em desorganisação.

A caracteristica da poesia moderna, —imaginar-crear— para os primeiros homens, era simplesmente *reproduzir* completamente differente, portanto; mas, o sentimento que faz o homem poeta, embora mal tradu-

(1) Refiro-me á polemica entre Villela Passos e Carlos de Lemos sobre o livro *Amethistas* de Elisio de Lima.

zido, encontra-se n'elles no ardente desejar de lançar cá p'ra fóra as emoções experimentadas.

E bastará sentir fortemente para ser poeta como diz Ruskin, auctoridade que o auctor do *Maguas* cita?

Salvo os idiotas, n'uma certa medida e em determinadas horas, todos são poetas porque, diz Veron, a emoção poetica considerada n'aquelle que a representa não é senão uma exaltação mais ou menos duradoura ou frequente da intelligencia, acima do seu nivel ordinario.

E o individuo será poeta tanto mais quanto mais fortemente e frequentes vezes se emocionar.

Isto não basta, porém; a difficuldade está em traduzir as emoções experimentadas, tiral-as do fundo d'alma e lançal-as a quem lê de modo que as apercebam. Só então, o individuo será um poeta na accepção em que geralmente se toma esta palavra.

De resto a *eloquentia rerum* de Virgilio, não foi, dos novos, Villela Passos, quem primeiro a abraçou.

Do verso primoroso de Guedes Teixeira

Ha muita alma n'uma curva em pedra

concluo a affirmação; e, todavia, esse grande espirito, nunca fez uma *Revolução poetica*.

Impressões ligeiras estas que exponho não abrangem tudo quando de bom e mau a minha vista deparou ao ler as paginas d'esse livro.

Tem poesias que revellam qualidades de observação; de motivos que todos os dias vemos, sente novas emoções e faz resaltar notas originaes o imprevistas. Descreve com poder de traço embora repetindo phrases.

Esse livro subordinado a um plano, pensado, estudado porque ha muito tempo está promettido, devia impor-se como uma obra d'Arte; só assim desculparíamos os ataques que o seu auctor fez a um poeta de merecimento.

No livro ha poesias fraquissimas, o *Lunatico*, por exemplo. Que demais batido e repetido do que aquella alma, de amor perdida, a abraçar o vacuo, julgando enleiar a mulher amada, que á sua vista a imaginação desenha?

A *Tisica* seria uma das boas poesias de Villela Passos, se, suggerida na *Semper Eadem* de Eugenio de Castro não fosse, inconscientemente eu creio-o, uma má acção.

Uma e outra são parecidissimas da concepção á forma; ha phrases iguaes, outras semelhantes; uma analyse ligeira sobre ambas não perdoa o que fica dita. Se o tempo nos sobrasse verificá-lo-hiamos aqui.

ANTONIO MACIEIRA.

Mulher

Deixa, branca Mulher, que eu beije esses teus collos...
Que o meu labio se gele ao frio d'essa neve,
P'ra que este fogo expire, assim muito ao de leve,
Na agonia de luz que gela o ceu dos polos.

Deixa que o meu labio murche n'esse outomno
Que enche d'eterna neve os montes do teu peito...
Que esse frio levante o meu pesado somno
Para que acorde e sinta o perfumado leito.

E, quando eu acordar no teu collo de gêlo,
Que me visite, em vez d'aurora, o teu olhar...
Que eu ame um coração com pena de perdel-o,
Como só amo o que um dia hade acabar!...

Amo-te, porque a tua ingenua e fragil vida
Dura o que dura um ai antes de se perder...
Amo-te, porque a minha alma incomprehendida
Só te viu uma vez pr'a nunca mais te vêr!...

Só te vi uma vez, (como uma vez amei)
Quando ias pelo ar n'um carro d'aureas rodas...
Sempre que pude abrir os olhos avistei
Uma estrella no ceu que apaga as outras todas!

Não fez Deus a mulher só p'ra reproduzir;
Nem p'ra reproduzir é que a mulher nasceu...
O sol não serve só p'rá seara florir,
Mas para nos voltar os olhos para o ceu!

Desfolha-se o espaço em petalas de neve...
E no teu collo um beijo meu hade poisar;
N'um desolado vôo sereno e pouco breve,
Como a poisar no gêlo uma ave polar...

E, como uma ave, apenas encontrou o frio
Sem que um grão de seara alli reverdescesse,
O teu collo, Mulher, só dá um arripio,
E, a quem te beijar muito, o amor desaparece!

Teu corpo heide queimar na febre dos meus versos...
Teu corpo onde detesto a tua grande belleza...
Os teus cabellos são sentimentos diversos...
Amo-te tanto como um cego a luz accesa!

Debaixo do teu olhar... deixa-me assim viver
N'um sonho... que elle tem um opio que adormeco...
E quando eu despertar que veja tudo a arder,
Na fogueira de luz d'uma doirada messe!

Mas antes não desperte. O despertar é a vida...
Que ignoras a vida é isso que eu presumo...
Suppõe que vaes mirar a joia estremecida
E, d'oiro que ella era, a vês fugir em fumo!

Mas tu olhas p'ra mim, Mulher que eu detesto?
Retira o teu olhar que o maculas todo...

Rétira-o para o ceu que eu sei que já não presto,
E, se meus labios uno, elles sabem-me a lôdo...

Olha somente os que tambem possam olhar-te,
Que a minha vista azul fugiu de manhã cêdo...
Se olho a minha Carne eu chego a odiar-te,
Se olho a minha Alma eu d'ella tenho medo!

Sente o meu corpo estranho a minha alma estranha...
Minh'Alma n'elle mora sem saber porquê...
E, como a luz que inconsciente um astro banha,
Assim esta alma banha outra alma que não vê...

Pensa n'elle habitar desconsoladamente,
Como princeza que habitasse uma cabana...
E d'elle quer fugir, como pomba innocente
Que bate azas e diz adeus á sombra humana!

Deus! eu não posso crêr que a tua arte divina
Collocasse uma luz aonde o lodo cresce...
Que a tua arte accendesse uma alma crystallina
N'uma lampada immunda que, em breve, apodrece!

Mas, ó doída Mulher que n'este mundo achei
No meio d'outras que tambem eram tão bellas!
Que signal foi que fez com que eu differencei
Uma estrella no ceu de todas as estrellas?!...

Quem me deu o condão de te vir adivinhar,
Ó causa de remorso a triturar-me o peito?
E a minha alma sahe agora do logar
Aonde minha mãe a poz com tanto geito!...

Para que te encontrei na minha agreste vida
Se tu fazes de mim um triste desgraçado?...
P'ra que fizeste da minh'alma uma guarida
Se não coubeste tu n'um ceu todo estrellado?...

Se és um Astro, Mulher, como é que a tua luz
Toda ella hade habitar uma infeliz caverna?
Se o meu hombro é tenro e tu pesada cruz,
Como te heide arrastar na minha marcha eterna?!...

Não sei... Mas sei tambem que um coração profundo,
Embora n'uma mão se possa sepultar,
N'um impeto de dor dominará o mundo,
Como uma sombra só pode entoldar o ar!

N'uma tumba de dor tu desceste ao meu peito
Que logo se fechou p'ra nunca mais se abrir...
Habita para sempre a esphera do Imperfeito
Que só da podridão pode uma flor sahir...

E penso agora em tí, como o negro assassino
Na victima que vê no poço d'um jardim...
Eu quiz apunhalar-te, Estrella do Destino,
Porque só te matando eu me matava a mim!...

Coimbra, 5-97

TEIXEIRA DE PASCOAES.

LIVROS NOVOS

IV

PARA QUÊ?

Affonso Lopes-Vieira.

N'um volume esguio em forma de agenda com um frontespicio espaventoso de letras vesgas a imitar as imperfeições da typographia antiga, acaba Affonso Lopes-Vieira de dar á estampa a sua estreia litteraria. A forma do livro e o aspecto berrante do frontespicio são exterioridades de pouca monta para o valor intrinseco da obra, mas dispõem mal e irritam os nervos pela pedanteria. Dá-nos ganas de o não abrir com receio, algo justificado, de encontrarmos uma edição correcta e augmentada do *rataplan* dos *Oaristos* e das *Horas*. Puro engano. Raros livros exalam um lyrismo de tanta suavidade, na sua tristeza doce, magoada. Poeta quasi desde o berço, Affonso Lopes-Vieira encarna em si toda a melancholia das gerações anemicas das cidades. Ainda não ha muitos dias que eu, fallando d'outro poeta, fazia sentir essa característica fundamental do nosso lyrismo. Ha não sei o quê nas poesias de Affonso Lopes-Vieira que o irmana ao Christovam Falcão, o bucolico dolorido do *Chrisfal*. E' porém um *Chrisfal* moderno, tocado do pessimismo da epocha, mordido da duvida atroz que envena os espiritos dados á contemplação interior. Soluça a Arte de Affonso Lopes-Vieira n'um murmurio leve de rezas piedosas; dos seus labios não escorrem blasphemias,

no seu peito não estalam coleras e na sua garganta não rebentam gritos, mas tem os olhos aguados que fazem lembrar a doce resignação de Jesus no Horto. A sua dor não o faz estorcer, não lhe sangra o coração, quebranta-o n'um adormentar d'opio, aniquila-o n'um langor enervante de saudoso.

Não é o livro d'um doente, é o livro d'um triste.

Convivendo pouco, isolando-se com escrupulos de intellectual que não desce até á arraia miuda, o seu espirito concentra-se na propria individualidade com um orgulho leonino que o leva a desdenhar dos que triumpham.

No seu livro distinguem-se perfeitamente dois aspectos do seu espirito já cuidadosamente facetado — o *eu* que sente, ingenuo e simples, e o *eu* pensante que se interroga, mordido de incertezas dolorosas, *Para quê?*

“E reconhece em fim que andou p'ra nada

“E para nada foi que andou pensando...”

Esta conclusão d'um pessimismo atroz, pois que mostra que a vida é esteril, que se reduz a nada, é que o atormenta mais, irritando-o, acerbando-lhe a sensibilidade acuta, duvidoso que a sua dôr possa florir, possa fructificar. E floriu e fructificou — violetas tristes, amoras negras.

Da concentração do espirito brotou-lhe o entranhado amor ao paradoxo que é uma das suas forças de sonetista, não o trocadilho que não passa d'um effeito de phrase, mas o paradoxo profundo, nascido da meditação. Alem d'este amor, pode notar-se outra característica da sua arte — o accentuado vigor da

personalidade que o leva a fallar sempre de si, mesmo quando pretende fallar dos outros, ou d'algum aspecto da natureza exterior.

No soneto a *Dôr dos Outros* elle partiu pela vida fóra a advinhar a dôr dos desgraçados, a dôr incomprehendida que antes ninguem advinhara.

*“Todas as dores adivinhei, e assim,
Vi que as dores dos olhos que fallavam
Eram n'elles eguaes á que era em mim.”*

Na verdade Affonso Lopes-Vieira, *adivinhou* a dôr dos outros, porque, quasi creança ainda, pouco viveu da vida, não a conhece e não foi por observação que chegou a concluir que essa dôr era igual á sua, mas por intuição. Olhou para si, e, espirito dado á contemplação interior, quando quiz levantar os olhos para ver para fóra, não poudo. Julgava ver a dôr dos outros e era ainda a sua dôr que elle via. No soneto a que me estou referindo traz elle o seguinte verso que, dado o seu temperamento, é falso: *“E a minha dôr julguei-a pela sua.”* E' exactamente o contrario, não foi elle que julgou a sua dôr pela dos outros, mas a dôr dos outros pela sua.

Na poesia *As Noras* reveste elle esses *“moinhos de dor,”* com toda a sua tristeza. Julga escutar o ranger das noras quando a final só escuta os gemidos da sua Alma. Os seus vilancetes são de tal perfeição que não seria facil distinguil-os dos vilancetes antigos dos nossos mais delicados poetas. Em resumo: a estreia de Affonso Lopes-Vieira é uma das mais brilhantes que ultimamente se teem feito em Portugal.

ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

OS SONHOS DA CAMPONESA

Ao Luiz de Sousa.

Que lindos sonhos tem a Feiticeira!
 Agora mesmo, á porta do quintal,
 Fazendo dos seus braços cabeceira,
 Deita-se á sombra d'uma trepadeira
 Que parece descer lá do beiral.

Todos na terra chamam preguiçosa
 Á loira sonhadôra ingenua e linda.
 A que mais falla é por não ser formosa...
 Toda se roe por dentro, a invejosa,
 Por vêr que a Outra é preferida ainda...

É que em verdade... que soberba trança!
 Que bellos olhos!... E que linda boca!
 Quem uma vez A amou nunca se cança!
 A's vezes tem tal geito de creança
 Que faz andar muita cabeça louca!

Eu cá por mim, Jesus!... Ai, meus peccados!...

.....
 Que lindos sonhos tem a Feiticeira!
 Agora mesmo A vi. Olhos fechados,
 Lembrei-me que fugissem, os coitados!
 Ao sol tão quente como uma fogueira...

E vae sonhando por paizes bellos...
 Vê-se amada por todos... é princeza,
 E nos salões doirados dos castellos,

Entre thesoiros, seus reaes cabellos,
Ninguem os troca por qualquer riqueza.

Seus vestidos são feitos de diamantes,
Cobrem-lhe os braços rubras pedrarias;
E entre essas chamas e clarões vibrantes
Sempre os seus braços ficam offuscantes,
Mais alvo o collo do que as joias frias!

... Princesa no Oriente... ser princesa...
Viver na côrte... E acorda estremunhada!
Mas reina ainda no esplendôr da Belleza!
Vê no seu corpo toda essa riqueza!...

.....
... Deixára-A a luz do sol toda doirada!

Coimbra — Abril de 97.

MARIO ESTEVES.

BIBLIOGRAPHIA

Bello—*Teixeira de Pascoaes*—Eis aqui um poemeto, ainda incompleto pois que só sahiram as duas primeiras partes, e que já nos aponta um poeta de largo futuro.

Serve-lhe de thema a lucta entre o amor ideal e a carne, o que já de si se presta a uma explanação luminosa e a que os versos de Teixeira de Pascoaes dão um alvoro macio como as primeiras tintas d'uma manhã de verão. Revela tambem as fundas qualidades de concentração e synthese que o auctor possui, e que donde a onde produzem versos cada um dos quaes bastaria a motivo de poesias grandes — de fórma e de Idêa.



INDICE

Affonso Lopes-Vieira

<i>Poetas de Hespanha</i> (I)	77
-------------------------------------	----

Alexandre Braga, filho

<i>Com os olhos na Grecia</i>	30
-------------------------------------	----

Alexandre de Albuquerque

<i>Lord Byron</i>	68
-------------------------	----

Livros Novos:

I Mentira Vital.....	115
II Yaras	118
III Macieiras em Flor.....	137
IV Para Quê?	157

Antonio Aurelio

<i>Cantares</i>	112
-----------------------	-----

Antonio Macieira

<i>Á Grecia</i>	72
<i>Soneto</i> (sem titulo)	76
<i>Cantares</i>	106
<i>Maguas</i>	150

Augusto Granjo

<i>Uma Oração</i>	31
-------------------------	----

Barbosa de Magalhães

<i>Liberdade de imprensa</i>	121
------------------------------------	-----

Barbosa de Magalhães, filho

Politica Internacional:

II Creta.....	48
III A kilometrite.....	90

Carlos de Lemos

<i>Pro-Patria</i>	1
<i>Palinginesia</i>	131
<i>Vox de coelo</i>	147

Carlos Moreira da Silva

<i>Á Grecia</i>	66
-----------------------	----

Gomes Leal

<i>Ai de ti, Grecia!</i>	9
--------------------------------	---

Gonçalves Cerejeira

<i>Revolvendum Mare</i>	35
-------------------------------	----

Guedes Teixeira

<i>Poesia</i> (sem titulo)	19
----------------------------------	----

Henrique de Vasconcellos

<i>A Anthologia de Meleagro</i>	37
<i>Carta a Columbano</i>	127

J. Marques

<i>O Exercito Grego</i>	62
-------------------------------	----

João Ferreira

<i>Soneto</i> (sem titulo)	125
----------------------------------	-----

João Grave

<i>A Arte Hellenica Antiga</i>	26
<i>O Pastor Peregrino</i>	82
<i>Carvões</i>	103

Julio Brandão	
<i>Mocidade</i>	102
Mario Esteves	
<i>Mulheres Gregas</i>	58
<i>Os Bem-Casados</i>	73
<i>Soneto</i>	142
<i>Os sonhos da Camponeza</i>	160
Maximiano d'Aragão	
<i>A Pintura na antiga Grecia</i>	11
Nunes Claro	
<i>Á morte</i>	126
Patricio Judice	
<i>Referencias á Philosophia Grega</i>	23
<i>Questões Sociaes (III)</i>	109
Pereira Barata	
<i>O Crime</i>	56
Pinho d'Almeida	
<i>Phrynéa</i>	39
Simões Baião	
<i>Bellesas da Mythologia Grega</i>	44
<i>Sol-Posto</i>	85
<i>Desejo e Amor</i>	97
Teixeira de Pascoaes	
<i>Mulher</i>	153
Theophilo Braga	
<i>Lux Perpetua</i>	42
Villela Passos	
<i>Aos Gregos</i>	25



